

TELMA ACÁCIA PACHECO HAUSEN


**CONCORDÂNCIA VERBAL DO PRONOME “TU”
NO INTERIOR DO ESTADO DE SANTA CATARINA**

Dissertação apresentada ao curso de Pós-Graduação em Letras, Área de concentração Lingüística, Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal do Paraná – UFPR, como parte dos requisitos para obtenção do grau de Mestre em Lingüística.
Orientadora: Profa. Dra. Odete Pereira da Silva Menon

CURITIBA


2000




Dr.^a Odete Pereira da Silva Menon


Dr.^a Edair Maria Gorski

Iara BQ
Dr.^a Iara Bemquerer Costa


Telma Acácia Pacheco Hausen



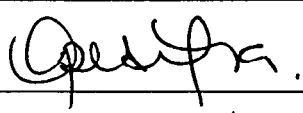
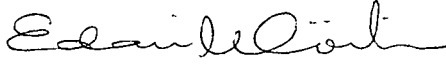

P A R E C E R

Defesa de dissertação da Mestranda TELMA ACÁCIA PACHECO HAUSEN, para obtenção do título de **Mestre em Letras**.

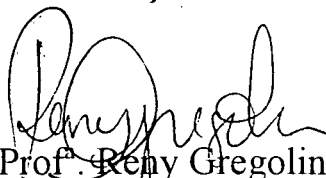
As abaixo assinadas Odete Pereira da Silva Menon, Edair Maria Gorski e Iara Bemquerer Costa argüíram, nesta data, a candidata, a qual apresentou a dissertação:

“CONCORDÂNCIA VERBAL DO PRONOME “TU” NO INTERIOR DO ESTADO DE SANTA CATARINA.”

Procedida a argüição segundo o protocolo aprovado pelo Colegiado do Curso, a Banca é de parecer que a candidata está apto ao título de **Mestre em Letras**, tendo merecido os conceitos abaixo:

Banca	Assinatura	Conceito
Odete Pereira da Silva Menon		B
Edair Maria Gorski		B
Iara Bemquerer Costa		B

Curitiba, 30 de março de 2000.


Prof. Remy Gregolin
Coordenadora

AGRADECIMENTOS

À professora Odete Pereira da Silva Menon pela orientação, sugestões e esclarecimentos.

Aos professores e colegas de curso pelo incentivo e amizade.

Aos amigos e professores que fazem parte do projeto VARSUL, pelo apoio dispensados durante a realização deste trabalho de pesquisa.

Ao meu marido pela atenção, pelas críticas construtivas, pelo apoio e ajuda constantes durante todo o período de realização do curso e da pesquisa.

Aos meus filhos pela compreensão e apoio.

Aos meus pais pelos importantes ensinamentos de vida e incentivos aos estudos.

Ao meu irmão Pedro Celso e às minha sobrinhas Caroline e Geórgia pelo apoio técnico.

A toda a minha família, enfim, que de uma forma ou de outra contribuiu para a realização dessa dissertação.

À professora Mirian que prontamente me auxiliou na correção da língua inglesa.

Aos funcionários da secretaria pela disponibilidade e atenção.

À UNIVILLE que me concedeu prontamente o afastamento temporário do quadro de professores para que eu pudesse me dedicar exclusivamente às disciplinas do mestrado e à elaboração da pesquisa.

Ao CNPq pela concessão da bolsa (processo n.º 131498/1998-3).

SUMÁRIO

LISTA DE TABELAS	v
LISTA DE GRÁFICOS.....	vi
RESUMO	vii
ABSTRACT.....	viii
1 INTRODUÇÃO	1
2 REVISÃO DA LITERATURA	3
2.1 PRONOME SUJEITO NA GRAMÁTICA TRADICIONAL.....	3
2.2 A CONCORDÂNCIA VERBAL	5
2.3 ALGUNS TRABALHOS RELACIONADOS À ALTERNÂNCIA TU / VOCÊ E À CONCORDÂNCIA	8
2.4 A VARIAÇÃO SEGUNDO WEINREICH, LABOV E HERZOG	18
2.5 SUPORTE TEÓRICO.....	20
3 OBJETO DE ESTUDO	25
3.1 HIPÓTESES GERAIS	25
4 METODOLOGIA	28
4.1 O PROJETO VARSUL	29
4.2 CONSTITUIÇÃO DA AMOSTRA.....	32
4.3 LEVANTAMENTO DOS DADOS.....	33
4.3.1 Dados eliminados	35
4.3.2 Casos especiais.....	38
4.3.2.1 Pronomes ausentes	38
4.3.2.2 Casos especiais para a classificação do tempo verbal	39
4.3.2.3 A ordem VS (verbo / sujeito).....	40
4.4 AS OCORRÊNCIAS DOS PRONOMES TU/VOCÊ NAS CIDADES PESQUISADAS	41
4.5 VARIÁVEIS TRABALHADAS	43
4.5.1 Variável dependente	45
4.5.1.1 Escolha do pronome de 2. ^a pessoa – tu/você	45
4.5.1.2 Presença/ausência de marca de concordância.....	46
4.5.2 Variáveis independentes	46

4.5.2.1 Variáveis lingüísticas.....	47
4.5.2.2 Variáveis lingüísticas para a análise da concordância verbal com o pronome sujeito tu.....	49
4.5.2.3 Variáveis sociais.....	50
4.6 O PACOTE VARBRUL.....	53
5 ANÁLISE DOS RESULTADOS	56
5.1 A PRIMEIRA RODADA DOS DADOS	56
5.2 RESULTADO DA ANÁLISE COM A VARIÁVEL DEPENDENTE TU/VOCÊ	59
5.2.1 Região.....	59
5.2.2 Sexo	61
5.2.3 Faixa etária.....	62
5.2.4 Interação emissor/receptor.....	63
5.2.5 Escolarização	65
5.2.6 Resultado geral da primeira rodada da variável dependente tu/você.....	67
5.2.7 Resultado do cruzamento de variáveis com a variável dependente tu/você.....	68
5.3 ANÁLISE DOS RESULTADOS DA CONCORDÂNCIA VERBAL.....	72
5.3.1 Fatores eliminados por <i>knockout</i>	72
5.3.2 Variáveis trabalhadas	78
5.3.3 Variáveis eliminadas	79
5.3.3.1 Interação emissor/receptor.....	80
5.3.3.2 Sexo	81
5.3.3.3 Faixa etária.....	82
5.3.3.4 Paralelismo formal.....	83
5.3.4 Variáveis selecionadas.....	82
5.3.4.1 Região	84
5.3.4.2 Tempo verbal	88
5.3.4.3 Explicitação do pronome	90
5.3.4.4 Escolarização	93
5.3.5 Cruzamento de variáveis	95
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS	101
ANEXOS.....	108
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	117

LISTA DE TABELAS

1	OCORRÊNCIAS DOS PRONOMES TU/VOCÊ NAS CIDADES PESQUISADAS	41
2	O USO DO PRONOME SUJEITO TU DE ACORDO COM A REGIÃO	60
3	USO DO PRONOME SUJEITO TU EM RELAÇÃO AO SEXO DO INFORMANTE...	61
4	REALIZAÇÃO DO PRONOME TU DE ACORDO COM A FAIXA ETÁRIA	62
5	REALIZAÇÃO DO PRONOME TU DE ACORDO COM A INTERAÇÃO EMISSOR/ RECEPTOR	64
6	REALIZAÇÃO DO PRONOME TU DE ACORDO COM A ESCOLARIZAÇÃO	66
7	REGIÃO X FAIXA ETÁRIA, ESCOLARIDADE E SEXO COM A VARIÁVEL DEPENDENTE ESCOLHA DE TU/VOCÊ	69
8	ESCOLARIDADE X SEXO E FAIXA ETÁRIA NO USO DE TU/VOCÊ	70
9	A CONCORDÂNCIA VERBAL EM RELAÇÃO À VARIÁVEL INTERAÇÃO EMISSOR / RECEPTOR	80
10	A CONCORDÂNCIA EM RELAÇÃO À VARIÁVEL SEXO	81
11	A CONCORDÂNCIA EM RELAÇÃO À FAIXA ETÁRIA	82
12	A CONCORDÂNCIA DE ACORDO COM O PARALELISMO FORMAL	83
13	A CONCORDÂNCIA NAS REGIÕES ANALISADAS	84
14	A CONCORDÂNCIA EM RELAÇÃO AO TEMPO VERBAL	88
15	A CONCORDÂNCIA EM RELAÇÃO À EXPLICITAÇÃO DO PRONOME	91
16	A CONCORDÂNCIA EM RELAÇÃO À ESCOLARIZAÇÃO	93
17	REGIÃO E FAIXA ETÁRIA NA CONCORDÂNCIA VERBAL COM TU	96
18	CONCORDÂNCIA VERBAL EM RELAÇÃO À FAIXA ETÁRIA E À ESCOLARIZAÇÃO	96
19	CONCORDÂNCIA VERBAL EM RELAÇÃO À REGIÃO E À ESCOLARIZAÇÃO ..	97
20	A CONCORDÂNCIA VERBAL EM RELAÇÃO À REGIÃO E À INTERAÇÃO EMISSOR / RECEPTOR	98
21	A CONCORDÂNCIA VERBAL EM RELAÇÃO AO TEMPO VERBAL E À EXPLICITAÇÃO DO PRONOME	99
22	REGIÃO E EXPLICITAÇÃO DO PRONOME	100

LISTA DE GRÁFICOS

1	DISTRIBUIÇÃO DE TU/VOCÊ POR REGIÃO.....	42
2	PROBABILIDADE DE APLICAÇÃO DA REGRA DE CONCORDÂNCIA NAS REGIÕES.....	85
3	CONCORDÂNCIA VERBAL NAS REGIÕES	86
4	PROBABILIDADE DE APLICAÇÃO DA REGRA DE CONCORDÂNCIA DE ACORDO COM O TEMPO VERBAL	89
5	CONCORDÂNCIA VERBAL DE ACORDO COM O TEMPO VERBAL	89
6	PROBABILIDADE DE APLICAÇÃO DA REGRA DE CONCORDÂNCIA DE ACORDO COM A EXPLICITAÇÃO DO PRONOME	91
7	CONCORDÂNCIA VERBAL DE ACORDO COM A EXPLICITAÇÃO DO PRONOME.....	92
8	PROBABILIDADE DE APLICAÇÃO DA REGRA DE CONCORDÂNCIA EM RELAÇÃO À ESCOLARIDADE	94
9	CONCORDÂNCIA VERBAL EM RELAÇÃO À ESCOLARIDADE	95
10	CONCORDÂNCIA VERBAL COM O PRONOME TU.....	106

RESUMO

Partindo dos estudos de MENON (1995), que constata uma mudança no sistema pronominal do Brasil e conseqüentemente uma mudança no paradigma verbal, e usando como parâmetro o trabalho de LOREGIAN (1996), efetuou-se a análise da escolha do pronome sujeito de segunda pessoa do singular *tu/você* e a análise da concordância verbal com o pronome sujeito *tu* nas cidades catarinenses de Blumenau, Lages e Chapecó. Tomou-se como base a Teoria da Variação de LABOV (1983) para realizar esta análise, cujo *corpus* foi formado por 72 entrevistas que fazem parte do Banco de Dados do projeto VARSUL (Variação Lingüística da Região Sul do Brasil). Foram analisados 2.155 dados, sendo 561 com o pronome sujeito *tu* e 1.594 com o pronome sujeito *você*. Após os procedimentos da pesquisa dentro da metodologia variacionista, efetuou-se a análise dos fatores lingüísticos e sociais que envolviam o fenômeno. Os resultados obtidos pelo programa VARBRUL para a variável dependente *escolha do pronome tu/você* apontaram uma tendência de aplicação da regra entre os informantes mais jovens de Chapecó e com grau ginásial, indicando que são os fatores sociais que exercem maior influência na escolha do pronome sujeito de segunda pessoa do singular. Para a variável dependente – *concordância verbal com o pronome tu*, os resultados apontaram uma tendência de aplicação da regra nos informantes da cidade de Blumenau, com o grau ginásial, quando eles se dirigiam ao entrevistador e principalmente quando o verbo estivesse no pretérito perfeito do indicativo e com o pronome ausente. Ao cotejar esses resultados com os de LOREGIAN (1996), levando em consideração as variáveis trabalhadas em ambos os trabalhos, constatamos uma tendência de aplicação da regra de concordância com *tu* com os informantes mais velhos da localidade do Ribeirão da Ilha que tivessem cursado o segundo grau e, principalmente, quando usavam o verbo sem o pronome e no tempo verbal pretérito perfeito do indicativo. Os resultados dos dois trabalhos comprovam a existência de variação de formas para a concordância verbal com o pronome *tu* na fala das comunidades pesquisadas e demonstram a alternância dos pronomes de segunda pessoa *tu/você* inclusive na fala de um mesmo indivíduo. A concordância verbal feita pelos informantes das cidades pesquisadas apontam para um sistema que contradiz as normas prescritas na gramática tradicional, a qual preconiza apenas uma forma de concordância para o pronome sujeito *tu*.

ABSTRACT

Based upon Menon's studies (1995) about the changes on the Brazilian pronominal system and its verbal agreement, and also having the Loregian works (1996) to determine the parameters for the analysis of the choice between the pronominal subjects for singular second person of the discourse – *tu/você* – and the analysis of the verbal agreement with the *tu* pronoun in the population speech from three cities of Santa Catarina state: Blumenau, Chapecó and Lages. The Linguistic Variation Theory (LABOV – 1968/1983) was the theoretical and methodological base for such analysis, which *corpus* was formed through 72 interviews that belong to the Data Bank of VARSUL Project (Urban Linguistic Variation Project of Brazil Southern Region). We have been found and analyzed 2.155 data from which 561 were *tu* pronoun and 1.594 were *você* pronoun. The results obtained by VARBRUL statistic program for the dependent variable – *the pronoun choice tu/você* – indicated that there is a tendency to the application of the rule among young people from Chapecó graduated from High School and the results pointed out for the social variables being the factors that have great influence in the pronoun choice of the second singular person. For the dependent variable – verbal agreement with *tu* pronoun – the results indicated that there is a tendency to the application of the rule among the young people from Blumenau graduated from High School, when they were talking directly to the interviewer, with the verb on the *pretérito perfeito do indicativo* tense and when the subject pronoun were absent. Taking the same variables in the LOREGIAN work (1996), we observed that the results obtained by her, pointed out the tendency of the application of the rule for the verbal agreement with *tu* pronoun among the elder population of Ribeirão da Ilha, graduated from High School and specially when they use the verb without the pronoun and in the *pretérito perfeito do indicativo* tense. Our results and LOREGIAN's results prove the existence of variable forms for the verbal agreement with *tu* pronoun in the researched communities and showed us the alternate use of *tu/você* for the second singular person, inclusively in the speech of the same person. The verbal agreement realized by the individuals from the researched cities pointed out for a system that contradicted the rules prescribed into Traditional Grammar, which approved only one verbal form for the agreement with *tu* personal pronoun.

1 INTRODUÇÃO

Uma análise das variações lingüísticas a respeito da concordância verbal com o pronome sujeito *tu*, de segunda pessoa, em comparação com as ocorrências do pronome sujeito *você*, também de segunda pessoa, na fala dos informantes das cidades catarinenses de Blumenau, Lages e Chapecó, foi o recorte que fizemos da língua portuguesa falada no Brasil e que constituiu o objeto de estudo deste trabalho de pesquisa sociolingüística e de análise variacionista laboviana. Pretende-se, por meio deste estudo, proporcionar informações a respeito das relações entre os fatos lingüísticos e as situações sociais, demonstrando que a heterogeneidade da língua é um fato incontestável no Português do Brasil (doravante PB).

Os dados para a realização desta análise foram obtidos no Banco de Dados do Projeto Variação Lingüística Urbana da Região Sul (VARSUL), na Universidade Federal do Paraná. A alternância de formas encontradas para a escolha do pronome sujeito de segunda pessoa do singular e de formas para concordância verbal com o pronome *tu* formou o *corpus* que deu suporte a esse trabalho.

A revisão da literatura que norteia este trabalho encontra-se no segundo capítulo. Além de revisar a Gramática Tradicional (doravante GT) a respeito dos pronomes *tu* e *você* e da concordância verbal com o pronome sujeito *tu*, foram estudados trabalhos realizados na linha variacionista sobre o português falado no Brasil. Os caminhos da variação, segundo WEINREICH, LABOV & HERZOG, mereceram uma seção especial e, para finalizar o capítulo, foi exposto o suporte teórico para esta análise sociolingüística de cunho variacionista.

O terceiro capítulo foi escrito com a finalidade de esclarecer o objeto de estudo do nosso trabalho, assim como para arrolar as hipóteses gerais, que serão testadas de acordo com a metodologia variacionista, para que se possa confirmá-las ou refutá-las.

O capítulo seguinte discorre sobre a metodologia utilizada, explanando todos os passos que foram realizados para o levantamento de dados e para o estabelecimento das variáveis a serem analisadas, isto é, para o estabelecimento dos fatores lingüísticos e sociais envolvidos no fenômeno a ser estudado. Também neste capítulo se encontram esclarecimentos

sobre o projeto VARSUL e sobre o programa VARBRUL, usado para a análise estatística dos dados.

No quinto capítulo efetuou-se a análise dos resultados estatísticos das variáveis, obtidos por meio do programa VARBRUL, o qual atribuiu pesos relativos a todos os fatores analisados neste estudo da escolha do pronome sujeito de segunda pessoa e da análise da concordância verbal com o pronome sujeito *tu*. Os resultados fornecidos pelo programa foram interpretados a fim de que pudéssemos dar explicações sobre os fatores que poderiam estar influenciando o uso de uma ou outra variante na fala dos informantes das três cidades catarinenses pesquisadas.

O último capítulo ficou reservado para as considerações finais a respeito da interpretação dos resultados obtidos e para a comparação geral com os resultados de LOREGIAN (1996), da sua análise sobre a concordância verbal com o pronome sujeito *tu* na capital catarinense, na capital gaúcha e em uma localidade da Ilha de Santa Catarina chamada Ribeirão da Ilha.

A análise da escolha do pronome de segunda pessoa – *tu/você* e a análise da concordância verbal com o pronome sujeito *tu* na fala de três cidades do interior do estado de Santa Catarina – Blumenau, Chapecó e Lages – tem a finalidade de contribuir com o Projeto VARSUL na descrição da fala da Região Sul do Brasil.

O objetivo específico deste trabalho é descrever, quantificar e analisar as ocorrências do pronome sujeito *tu com marca verbal* de 2.^a pessoa e as ocorrências de *tu sem a marca verbal* da 2.^a pessoa, em contrapartida com as ocorrências do pronome sujeito *você*. Os resultados obtidos deverão ser comparados com os resultados descritos por LOREGIAN (1996), com o objetivo de ampliar o conhecimento do português falado na região sul do Brasil, como também para demonstrar a existência de um comportamento lingüístico diversificado em áreas dialetais definidas. Este estudo pretende ratificar que a heterogeneidade da língua é devidamente estruturada e permite o funcionamento lingüístico efetivo entre os falantes das comunidades em questão.

2 REVISÃO DA LITERATURA

A existência de variações lingüísticas e de estruturas heterogêneas na língua das comunidades investigadas é uma realidade completamente estabelecida (LABOV, 1983, p. 259). Diante desse fato, muitos lingüistas têm estudado alguns fenômenos de variação lingüística que fazem parte do português do Brasil. Entre esses fenômenos encontram-se a alternância dos pronomes de segunda pessoa do singular – *tu* e *você* – e a alternância de formas para a concordância verbal com o pronome sujeito *tu*. Para tratar esses dois fenômenos em uma análise de cunho variacionista, foi necessário, primeiramente, que se buscassem na GT as explicações sobre os pronomes que fazem parte do nosso recorte e da concordância verbal a eles atribuída.

O pronome sujeito é encontrado na GT dentro do paradigma dos pronomes pessoais do caso reto e a concordância verbal com o pronome sujeito *tu* é encontrada em capítulos diferentes, conforme o compêndio de gramática estudado e relacionado na seção seguinte.

2.1 PRONOME SUJEITO NA GRAMÁTICA TRADICIONAL

Para que pudéssemos analisar a alternância dos pronomes sujeito de segunda pessoa do singular *tu* e *você* na fala das cidades catarinenses de Blumenau, Lages e Chapecó, como um fenômeno de variação lingüística, sentimos a necessidade de estudar primeiramente esses pronomes na GT, a fim de estabelecermos parâmetros de comparação com as ocorrências encontradas na fala dos informantes das cidades pesquisadas.

Nas gramáticas tradicionais estudadas encontramos o pronome sujeito *tu* em uma seção denominada pronomes pessoais, os quais são tratados como formas de substituir as pessoas do discurso: 1.^a pessoa – *quem fala*, 2.^a pessoa – *com quem se fala* e a 3.^a pessoa – *de quem se fala*. *Tu* está classificado como pronome de segunda pessoa do singular do caso reto, portanto se refere a pessoa com quem se fala. Em CUNHA (1981,p.165,173) e CUNHA & CINTRA (1985, p. 268, 288), vê-se que os pronomes pessoais se caracterizam por denotarem:

As três pessoas do discurso, isto é, por terem a capacidade de indicar no colóquio:

- a) quem fala – 1.ª pessoa: eu (singular), nós (plural);*
- b) com quem se fala – 2.ª pessoa: **tu**¹ (singular), vós (plural);*
- c) de quem se fala – 3.ª pessoa: ele, ela (singular); eles, elas (plural);*

Os pronomes pessoais na GT estão divididos em retos e oblíquos, conforme a função que desempenham na oração. São chamados de pronomes retos aqueles que funcionam como sujeito da oração, isto é, são os pronomes sujeito. São chamados de pronomes oblíquos, aqueles que funcionam como o objeto da oração, isto é, fazem parte do complemento verbal.

As gramáticas tradicionais pesquisadas (CUNHA, 1981; CUNHA & CINTRA, 1985; ANDRÉ, 1990; TERRA, 1991; MESQUITA, 1994; SACCONI, 1994; CEGALLA, 1994; INFANTE, 1995) abordam, na sequência dos pronomes pessoais do caso reto e oblíquo, os pronomes de tratamento e encontra-se aí incluído o pronome **você**. Temos um interesse específico no pronome *você*, porque ele será testado na nossa análise, como uma forma alternativa de pronome sujeito de segunda pessoa do singular.

Para CUNHA & CINTRA (1985, p. 282), são denominados pronomes de tratamento *certas palavras e locuções que valem por verdadeiros pronomes pessoais, como: você, o senhor, Vossa Excelência*. Parece-nos que a gramática tradicional não deixa suficientemente esclarecido o papel do pronome *você*, visto que ele é largamente usado como pronome sujeito no território nacional.

A respeito de **tu** e **você**, CUNHA & CINTRA (1985, p. 284), dedicam uma seção para a elucidação do seu uso no Brasil e em Portugal. Afirmam que pronome *tu* é usado em Portugal como a forma própria da intimidade, no Brasil ele é usado em áreas restritas no extremo sul e em alguns pontos da região norte, ainda não totalmente delimitadas. O pronome *você*, usado em larga escala no Brasil, pode ser empregado tanto no campo da intimidade como fora desse campo, enquanto em Portugal, *você* é usado no tratamento igualitário ou de superior para inferior (em idade, classe social, em hierarquia).

Como se pode observar no parágrafo anterior, o uso do pronome *você* em larga escala já tinha sido reconhecido na fala de grande parte da população brasileira.

¹ Grifo meu.

CÂMARA JÚNIOR (1976, p. 109-110) apresenta entre os pronomes pessoais portugueses de 2.^a pessoa do singular o pronome *você*. Ele afirma que no dialeto culto do Rio de Janeiro é usado *você* para o tratamento íntimo e o *senhor* (a) para o tratamento mais cerimonioso mantendo o verbo na 3.^a pessoa. Comenta que a série *tu, te, ti, contigo* persiste puramente com a finalidade estilística ao lado de *você*, registrando, portanto, um fenômeno de variação no PB. CÂMARA JÚNIOR (1976, p. 110) observa o seguinte em relação à variação pronominal:

Na área do Rio de Janeiro, entretanto, e alhures, no português do Brasil, a adoção de você como tratamento de intimidade, num registro informal, introduz a forma adverbial te ao lado de o, a ou lhe, e assim aquela forma fica intercambiável com estas duas.

A série *tu, te, ti, contigo*, usada com a finalidade estilística ao lado das formas *o, a, ou lhe*, conforme foi observada por CÂMARA JÚNIOR, nos remete à variação de registro de uso, isto é, deve haver um monitoramento da fala, por parte do indivíduo, de acordo com as situações de formalidade, desde o mais coloquial até o mais formal. Observa CÂMARA JÚNIOR, que a forma *você* e as formas de pronomes oblíquos referentes a esse pronome são usadas no tratamento mais íntimo.

Os pronomes *tu* e *você*, usados para o interlocutor, foram os pronomes que entraram no nosso recorte de área de trabalho, pois, conforme podemos encontrar nos trabalhos de MENON (1995), FREITAS (1997), LOREGIAN (1996) e FURLAN (1989), entre outros, esses pronomes fazem parte das variedades lingüísticas usadas em Santa Catarina. Como esse fenômeno ainda não havia sido testado através de uma análise variacionista quantitativa em Blumenau, Lages e Chapecó, decidimos testá-lo a fim de que se pudesse descrever e analisar o uso das formas alternativas do pronome de segunda pessoa do singular nessas três cidades catarinenses.

2.2 A CONCORDÂNCIA VERBAL

A motivação para esta análise da concordância verbal com o pronome sujeito *tu* surgiu da observação empírica da língua falada em algumas regiões do estado de Santa Ca-

tarina e também através de vários trabalhos sobre o sistema pronominal tratados na revisão bibliográfica.

Como ponto de partida para a realização desta análise variacionista a respeito da concordância verbal, fizemos um estudo desse assunto na GT para confrontarmos as formas de concordância verbal com o pronome sujeito *tu* por ela prescrita e as formas usadas pelos falantes das cidades catarinenses pesquisadas.

Estudando algumas gramáticas tradicionais, observa-se que as normas estabelecidas para a concordância verbal são as mesmas, conforme se pode notar nos conceitos gerais abaixo relacionados:

1. *O verbo concorda com o sujeito em número e pessoa.* (ANDRÉ, 1990, p. 306-318; TERRA, 1991, p. 247-264; CEGALLA, 1994, p. 401-426)
2. *O verbo e o sujeito de uma oração mantêm entre si uma relação de mútua solidariedade chamada concordância verbal. De acordo com essa relação, verbo e sujeito concordam em número e pessoa.* (INFANTE, 1995, p. 449-462)
3. *O verbo concorda em número e pessoa com o sujeito, esteja ele claro ou subentendido, anteposto ou posposto.* (MESQUITA, 1994, p. 490-508)
4. *A solidariedade entre o verbo e o sujeito, que ele faz viver no tempo, exterioriza-se na concordância, isto é, na variabilidade do verbo para conformar-se ao número e à pessoa do sujeito.* (CUNHA, 1981, p. 275-284; CUNHA & CINTRA, 1985, p. 485-504)
5. *A concordância verbal é a concordância do verbo com o sujeito.* (SACCONI, 1995, p. 365-390)

SACCONI e ANDRÉ destinam um capítulo especial para o tratamento da concordância verbal, TERRA, INFANTE E MESQUITA reúnem a concordância verbal e a concordância nominal em um único capítulo, CUNHA e CUNHA & CINTRA preferem colocá-la no capítulo destinado aos verbos e em CEGALLA a concordância verbal e nominal são tema de

um subtítulo do capítulo de sintaxe. Apesar de a localização do assunto concordância verbal não coincidir em todas as gramáticas estudadas, o conteúdo se assemelha.

Conforme já vimos na seção anterior, há três pessoas que fazem parte do discurso e elas podem estar no singular ou no plural, podendo estar representadas pelos pronomes pessoais do caso reto (pronome sujeito) e entre eles está o pronome *tu*. Os verbos que acompanham os pronomes pessoais devem apresentar a concordância número-pessoal e modo-temporal, seguindo as normas prescritas pela GT para os casos gerais e casos particulares.

Encontra-se na GT, para alguns casos, uma outra forma de concordância verbal, a qual vem descrita no capítulo de figuras de linguagem, mais especificamente, na seção figuras de construção com o nome de silepse. A esse respeito, CEGALLA diz o seguinte (1994, p. 551-552):

Silepse. Ocorre esta figura quando efetuamos a concordância não com os termos expressos mas com a idéia a eles associada em nossa mente. A silepse ou concordância ideológica pode ser: de gênero, de número ou de pessoa.

Essa figura de construção contempla e permite uma forma de variação na concordância verbal, conforme podemos ver nos exemplos (1), (2) e (3) retirados de CEGALLA (1994:551, 552):

- (01) Quando a gente é novo, gosta de fazer bonito. (Guimarães Rosa)
- (02) Corria gente de todos os lados, e gritavam. (Mário Barreto)
- (03) Dizem que os cariocas somos pouco dados aos jardins públicos. (Machado de Assis)

A gramática normativa, isto é, aquela que prescreve as normas de uso da língua, demonstra e aceita, em alguns casos, a variação de formas justificando que muitas vezes os mecanismos gramaticais da língua são contaminados pela significação de palavras e expressões (INFANTE, 1995, p. 467-468). Porém, não encontramos alguma explicação para a possível forma de concordância verbal do pronome *tu* com o morfema Ø, isto é, sem a marca de concordância preconizada pela GT. Como é o caso de:

- (04) ... tu **acabava**Ø ficando roxo de raiva... (CHP, 18/0907)

Essa frase que se encontra nos nossos dados, é uma amostra da possível concordância verbal com pronome sujeito *tu* através da forma verbal com morfema Ø. Pesquisar a exis-

tência de variação nas formas de concordância verbal para o pronome sujeito *tu* na fala dos informantes catarinenses de Blumenau, Lages e Chapecó, constitui o segundo recorte na área de estudo para esta análise variacionista.

2.3 ALGUNS TRABALHOS RELACIONADOS À ALTERNÂNCIA *TU / VOCÊ* E À CONCORDÂNCIA

Iniciamos o estudo do pronome sujeito de segunda pessoa do singular e o estudo da concordância verbal com *tu* através da *Introdução à sociolinguística variacionista* (MOLLICA, 1992), cujos estudos abordam desde os postulados teóricos até as etapas que um pesquisador deve seguir para realizar uma análise variacionista. A seguir foram estudados os trabalhos que apontam para uma mudança no sistema pronominal e no paradigma verbal do PB com TARALLO (1993), GALVES (1993), MENON (1995) e FREITAS (1997). A análise da concordância verbal com pronome sujeito *tu* feita por LOREGIAN (1996) serviu de base para o estabelecimento dos grupos de fatores analisados neste trabalho. Os trabalhos de cunho variacionista de NARO e LEMLE (1997), SCHERRE e NARO (1997), DUARTE (1997) NICOLAU (1994) e RODRIGUES (1987), abordam alguns grupos de fatores para o estudo da concordância que são de nosso interesse. O trabalho de SOARES & LEAL (1993) aborda o uso de *tu* e *você* numa perspectiva não variacionista, porém com conclusões interessantes para a nossa análise. Finalizando, abordamos os trabalhos de BORTONI-RICARDO (1985, 1984), os quais apontam para as regras variáveis que definem uma estratificação na língua, e esta recebe maior ou menor grau de estigmatização na sociedade, podendo causar dificuldades de comunicação entre as diversas variedades do PB.

Em *Introdução à Sociolinguística Variacionista* (MOLLICA, 1992) encontramos conhecimentos básicos para a compreensão dos trabalhos de cunho variacionista e principalmente uma orientação de forma clara e didática para realizar as etapas de um trabalho sociolinguístico na linha variacionista laboviana. MOLLICA (1992, p. 13) enfatiza a heterogeneidade da língua, citando as duas formas de segunda pessoa do singular *tu* e *você*, usadas em diferentes regiões e a *presença ou ausência das marcas de concordância verbal e nominal* entre outros exemplos. Os capítulos que fazem parte desse compêndio foram reunidos em três seções: a primeira trata dos postulados teóricos, a segunda trata dos fatores linguísticos e ex-

tralingüísticos e a terceira seção foi destinada aos textos que formam um guia prático para um projeto de pesquisa.

Na seção que trata dos postulados teóricos, temos a conceituação e delimitação da Sociolingüística feita por MOLLICA (1992, p. 13): *Entende-se então a Sociolingüística como um espaço de investigação interdisciplinar, que atua nas fronteiras entre língua e sociedade, focalizando precipuamente os empregos concretos da língua.* Os empregos concretos da língua, isto é, a realização que o falante faz da língua, apresentam um dinamismo de formas que é estudado através da *variação*, a qual, segundo MOLLICA (p. 14), *é um princípio geral e universal das línguas, passível de ser descrita e analisada.*

Foram estudados os parâmetros da variação, isto é, alguns fatores lingüísticos e extralingüísticos que funcionam como motivadores da variação. Mediante os trabalhos de SILVA (1992), SOUZA (1992), OMENA (1992) e BRAGA (1992), tomamos conhecimento do estudo de algumas variáveis lingüísticas e consultando PAIVA (1992), VOTRE (1992), NARO (1992) e MACEDO (1992), de alguns fatores extralingüísticos, isto é, dos condicionadores externos ou sociais (sexo, escolaridade, idade etc.). Esses fatores sociolingüísticos poderão ou não estar exercendo alguma influência sobre um fenômeno de variação lingüística.

Na terceira seção, SCHERRE (p. 121-134) orienta sobre o levantamento, codificação, digitação e quantificação dos dados, tendo como *variável dependente* – a *regra variável* estabelecida pelo pesquisador de acordo com fenômeno lingüístico já identificado e delimitado. A partir dessa variável dependente, o pesquisador deve estabelecer as *variáveis independentes lingüísticas e sociais*. Essas *variáveis independentes* irão formar os grupos de fatores que serão testados e analisados, a fim de encontrar quais são os condicionadores que estão influenciando na aplicação da regra estabelecida pelo pesquisador – a *variável dependente*.

As instruções encontradas em *Introdução à sociolingüística variacionista* foram, sem dúvida, uma contribuição valiosa em relação à orientação metodológica e em relação à organização do nosso trabalho, que envolve a escolha do pronome sujeito *tu/você* e a análise da concordância verbal com o pronome *tu*.

Com relação à mudança do sistema pronominal, TARALLO (1993) faz um estudo demonstrando que houve uma inversão quanto ao preenchimento do pronome na posição de

sujeito ao comparar dados de 1725, 1775, 1825, 1880 e 1981. Ele observou que no século XX há uma tendência maior ao preenchimento do pronome sujeito e uma menor tendência ao preenchimento do pronome objeto e isso leva a uma re-organização do sistema pronominal no PB.

A reorganização do sistema pronominal, ou seja, a tendência de maior preenchimento do pronome sujeito, conforme atestou TARALLO, interessa a esta análise de concordância verbal com o pronome sujeito *tu*, para verificar se a *presença* ou a *ausência* do pronome sujeito podem estar exercendo alguma influência na aplicação da regra de concordância.

Em *O enfraquecimento da concordância no português brasileiro*, GALVES (1993) postula que um novo valor seria atribuído pelas crianças aos fatos de concordância verbal ao adquirirem a sua língua, originando uma nova gramática. Ela propõe que a origem da mudança no paradigma verbal é de natureza do morfema de concordância presente na flexão verbal, isto é, a mudança na caracterização desse morfema acarreta uma reestruturação da oração. A respeito da concordância com *morfema Ø*, correspondente à perda da segunda pessoa do singular na morfologia flexional, contrastando com um sistema fundado entre as três pessoas do discurso, GALVES (1993, p. 403) diz o seguinte:

Parece natural relacionar essa mudança à modificação das formas de tratamento ocorridas no Brasil, onde se perdeu a oposição entre a forma de segunda pessoa “tu” e a forma de terceira pessoa “você”, com a conseqüente confusão entre os pronomes oblíquos “te” e “lhe” e os possessivos “teu” e “seu”.

Os estudos de GALVES sobre a perda da oposição *tu/você*, isto é, pronome pessoal de segunda pessoa e pronome de tratamento, têm relevância para este trabalho, visto que é exatamente por acontecer essa perda, que é possível encontrar a alternância de *tu/você* como pronomes de 2.^a pessoa do singular. Como é essa alternância que constitui o recorte feito nos pronomes sujeito para esta análise variacionista, não nos atemos aos pronomes oblíquos e possessivos, ora usados para *tu* (te, teu e seu) ora usados para *você* (lhe, seu, te e teu). Outro ponto que nos interessa é a concordância verbal, que segundo GALVES, sofreu um enfraquecimento devido à modificação das formas de tratamento. A existência de variação nas formas de concordância verbal com o pronome sujeito *tu* e a existência ou não do enfraquecimento da concordância constituíram o nosso recorte para delimitar a variável dependente *presença/ausência* de marcas de concordância verbal com o pronome *tu*.

O trabalho de MENON (1995) foi de grande relevância para a realização deste trabalho de análise variacionista que aborda a alternância do pronome sujeito *tu/você* e também a concordância verbal com o pronome sujeito *tu*. Menon observa que, mesmo havendo a introdução de *você/vocês* como segunda pessoa no paradigma dos pronomes sujeito, continua a haver a co-ocorrência e a concorrência das formas *tu/você*. Apesar da predominância da forma *você* para a 2.^a pessoa do singular no português do Brasil, existem algumas regiões, ainda não bem delimitadas do Nordeste, no Rio Grande do Sul e em Santa Catarina, em que é possível detectar o uso do pronome *tu*, porém nem sempre o verbo que o acompanha leva a flexão morfológica de segunda pessoa, isto é, nem sempre é possível encontrar o verbo *marcado na segunda pessoa*.

Após a modificação das formas pronominais de 2.^a pessoa, com a introdução de *você*, o paradigma verbal também sofreu alterações, passa a ter duas formas de acordo com a escolha do pronome pessoal – *tu* ou *você* – feita pelo falante. Uma das formas é aquela que aparece com o *morfema tradicional*, por exemplo -S, para o presente do indicativo (*cantas*), e a outra forma se apresenta o *morfema Ø* de pessoa, isto é, sem -S (*canta*). A hipótese de MENON (1995, p. 97) é a de que *os falantes “interiorizaram” a forma verbal com morfema Ø como marca de segunda pessoa e a variação recai simplesmente no uso do pronome*.

Os estudos realizados por FREITAS (1997) mostram que os pronomes sujeito na fala dos brasileiros apresentam-se em maior número do que aqueles preconizados pela GT, e inclui *você* como pronome de 2.^a pessoa do singular juntamente com o pronome *tu*.

FREITAS nos conduz a uma reflexão sobre a multiplicidade de costumes, de modos de falar, enfim, da cultura que apresenta a população brasileira distribuída em terras tão amplas. Ela chama a atenção para essa variação geográfica da língua e também para a variação de registros de língua em um mesmo falante dependendo do grau de familiaridade entre ele e seu receptor. Ela também nos leva a refletir sobre a fala de indivíduos pertencentes a diferentes classes sociais mostrando que essa diversidade da língua é tratada como variação estrática.

Toda a reflexão que FREITAS faz sobre a diversidade da língua falada no Brasil tem o objetivo de demonstrar aos educadores as variedades pronominais existentes no PB e reconhecê-las como perfeitos instrumentos de comunicação. E é partindo desse conhecimento

que a escola poderá atender às necessidades dos alunos a fim de que eles possam conhecer as normas que regem a língua culta independentemente da variedade que eles já trazem na sua bagagem cultural. Mais uma vez encontramos o reforço para levar adiante a pesquisa e a análise de um fenômeno lingüístico que precisa ser descrito e levado em consideração nas atividades pedagógicas quando assim se fizer necessário.

LOREGIAN (1996), que analisa o uso do pronome sujeito *tu* nos dados de Florianópolis e Porto Alegre (coletados no Banco de dados do Projeto VARSUL), e na localidade do Ribeirão da Ilha (dados coletados do *corpus* de Cláudia Brescancini – UFSC), faz uma análise variacionista com o objetivo de encontrar os fatores que influenciam o uso da marca verbal de segunda pessoa do singular. As variáveis lingüísticas estudadas foram: *paralelismo formal*, *tempo verbal*, *explicitação de pronome*, *interação emissor/receptor*, *tonicidade do verbo* e *número de sílabas do verbo*. Dentre esses grupos de fatores, o *paralelismo formal* foi o que mais se mostrou significativo para a aplicação da regra evidenciando, segundo Loregian, a exemplo de outros estudos, que *marcas levam a marcas e zeros levam a zeros*. Além do *paralelismo formal*, foram selecionadas como relevantes à aplicação da regra de concordância verbal com o pronome sujeito *tu* as variáveis lingüísticas: *tempo verbal*, *explicitação do pronome*, *interação emissor/receptor*, *tonicidade do verbo* e *número de sílabas do verbo*.

O trabalho de Loregian foi de grande importância para a realização deste trabalho de análise do comportamento do pronome sujeito de 2.^a pessoa do singular nas três cidades catarinenses, pois é nossa intenção comparar os resultados dos dois trabalhos e apresentar o resultado dessa comparação para visualizarmos a realização do pronome sujeito *tu* na fala dos indivíduos de cinco localidades de Santa Catarina e da capital gaúcha.

O trabalho pioneiro de NARO e LEMLE (1977 *apud* LEMLE, 1978), sobre a concordância verbal com sujeito de 3.^a pessoa do plural no desempenho lingüístico de alunos do Mobral do Rio de Janeiro, adotou a metodologia laboviana para analisar *o emprego alternado de formas com e formas sem a aplicação da concordância por um mesmo informante, ocasionalmente na mesma sentença e até com o mesmo verbo*, conforme o exemplo dos próprios autores (*Ex.: Às veze eles paga dia 30, outras veze não pagam*). Para NARO e LEMLE, esse emprego alternado de formas permite tratar a concordância verbal como uma regra variável.

As variáveis testadas para descobrir quais os fatores que estariam influenciando na aplicação da regra de concordância foram: *saliência fônica*, *posição do sujeito em relação ao verbo*, e *o caráter definido ou indefinido do sujeito e a variável estilística baseada em níveis de formalidade*. NARO e LEMLE chegaram à conclusão de que a posição mais favorável à aplicação da regra de concordância verbal com a 3.^a pessoa do plural é aquela em que o sujeito está imediatamente antes do verbo e a posição menos favorável é aquela em que o sujeito está posposto ao verbo, ficando numa posição intermediária o sujeito ausente ou distante do verbo.

Para a variável *saliência fônica*, que verifica a posição acentuada e a posição não acentuada das formas verbais, o uso das formas marcadas para a 3.^a pessoa do plural teve uma impressionante correspondência com o grau de diferença morfológica entre singular e plural. Esse paralelismo encontrado entre a hierarquização do grau de *saliência fônica* da posição singular-plural e a hierarquização dos índices de probabilidade de concordância fornecidos pelos cálculos do VARBRUL, ratificaram a hipótese de NARO e LEMLE, que o uso da regra depende do grau de perceptibilidade dos efeitos fonéticos.

Os estudos da variável *saliência fônica*, apresentados por NARO e LEMLE, tiveram um papel importante para a formação do nosso grupo de fatores que compuseram a variável *saliência fônica* estabelecida para verificar se as formas verbais mais salientes – as que têm maior diferença na oposição *marcada/não-marcada* – fizeram a concordância com o morfema que contém a marca de segunda pessoa do singular.

SCHERRE e NARO (1997, p. 93-114) focalizaram as variáveis lingüísticas: *saliência fônica e posição*; e as variáveis sociais: anos de *escolarização*, *sexo e faixa etária* para demonstrar que há variação na regra de concordância no português falado no Brasil. Eles afirmam que *os processos variáveis de concordância de número do português vernacular do Brasil evidenciam um sistema perfeito, correlacionado a variáveis lingüísticas e sociais* (p. 94). Esse estudo foi realizado por meio da análise das variáveis lingüísticas e sociais com o objetivo de encontrar quais os fatores que atuam no uso da regra de concordância verbal com a 3.^a pessoa do plural (*eles ganham/eles ganhaØ*); na concordância entre os elementos do sintagma nominal (*os fregueses, doØ meus pais, as codornaØ*) e na concordância nos predicativos e participios passivos (*as coisas tão muito caras/que as coisaØ táØ caraØ, os meus filhos foram amamentados/os meus filhos foram alfabetizadoØ*).

SCHERRE e NARO concluíram que a *saliência fônica* (posição acentuada x posição não acentuada) correlacionada aos níveis de escolarização dava evidências no condicionamento do uso de marcas da concordância verbo/sujeito – quanto maior a *saliência fônica* singular/plural entre as formas verbais, maior é a chance de concordância; quanto menor a *saliência fônica*, a chance de concordância também é menor. Para a concordância verbal, a escala da *saliência fônica* é mais nítida nos dados dos falantes com menos anos de escolarização e para a concordância nominal, o efeito da *saliência fônica* em função dos anos de escolarização é menos evidente.

Com relação à posição dos elementos no sintagma verbal, foi observado que o sujeito à esquerda e a proximidade do sujeito em relação ao verbo favorecem a concordância, enquanto a posição à direita e o distanciamento em relação ao verbo a desfavorecem, independentemente do nível de escolaridade. Para a concordância nominal é a posição dos elementos nominais em relação ao núcleo que influenciam na aplicação da regra: elementos não nucleares à esquerda do núcleo favorecem marcas explícitas; elementos não-nucleares à direita do núcleo desfavorecem-nas e os núcleos favorecem mais marcas explícitas quando ocupam a primeira posição do sintagma nominal. Com esse estudo os autores verificaram que a variação na concordância no português falado do Brasil está definitivamente internalizada na mente de seus falantes.

Seguindo a linha laboviana de análise variacionista sobre as formas de plural da 3.^a pessoa, temos o trabalho de NICOLAU (1984), que pesquisou e analisou esse fenômeno em quatro bairros da cidade de Belo Horizonte. Os fatores lingüísticos significativos à aplicação da regra de concordância – uso das formas marcadas – foram: *constituição morfológica da forma verbal, ambiente fonológico que sucede ao verbo, posição do SN (sintagma nominal) sujeito em relação ao verbo e a constituição do SN sujeito*.

RODRIGUES (1987) enfocou o uso do sujeito de 1.^a e 3.^a pessoa do plural em moradores de favelas da cidade de São Paulo. Ela observou que a tendência dos falantes dessas comunidades era aplicar regra de concordância quando o pronome sujeito estava elíptico, isto é, com sujeito ausente, porém recuperável a partir do contexto. Esses mesmos falantes tendiam a não realizar a marca de concordância verbal na presença dos pronomes sujeito (nós, eles, elas).

Essa constatação de RODRIGUES vem reforçar a nossa hipótese de que a ausência do pronome pode estar contribuindo para que a regra de concordância verbal com o pronome *tu* seja aplicada. Essa hipótese será testada no grupo de fatores *presença/ausência do pronome*.

Quanto ao sistema pronominal, DUARTE (1997, p. 43-64) focalizou a aquisição da sintaxe da língua portuguesa na fala dos índios do Alto Xingu com referência ao sujeito pronominal nulo *versus* sujeito pronominal pleno, observando que a distribuição entre sujeitos nulos e plenos parece estar relacionada à flexão. Enquanto os sujeitos plenos de 1.^a pessoa se distribuem igualmente entre verbos flexionados e não flexionados (*Eu falo pouquinho, rapaz./ Eu come arroz*); os nulos apresentam verbo na 3.^a pessoa no final da sentença, parecendo revelar uma influência de substrato na ordem dos constituintes (*Rui casa trumi.* = *Dormi na casa do Rui*). No trabalho de Duarte encontramos mais um referencial sobre a *presença* e a *ausência* dos pronomes como um fenômeno que pode interferir na aplicação da regra de concordância verbal. Esse resultado corrobora na formulação da hipótese de que a presença ou a ausência do pronome *tu* possa estar influenciando na realização da concordância verbal.

MACIEL (1982) constata que o ensino de português como língua estrangeira está pautado em métodos em que os autores propõem (ou impõem) a sua própria realização lingüística como se fosse o padrão nacional. Um dos resultados que Maciel considera negativo, é um nivelamento empobrecedor do português do Brasil, citando como exemplo o pronome *tu* de 2.^a pessoa que não é mencionado nesses métodos. O pronome *tu*, além de ocorrer em algumas micror-regiões do Norte e do Sul do país, aparece em letras de música co-ocorrendo com o pronome sujeito *você*, também de 2.^a pessoa, como é o caso de *Carinhoso*: *ah, se tu soubesses como sou tão carinhoso e o muito muito que te quero*, em que a concordância verbal com o pronome *tu* aparece na forma canônica, ou seja, com a forma marcada. Maciel cita um caso interessante de letra de música por ele estudada, que é o caso de *Trabalhador, tu é otário* – em que o verbo aparece sem a marca de concordância com o pronome *tu*. Ele também cita exemplos em que há mistura dos pronomes *tu* e *você* como as músicas de Chico Buarque *Vai Trabalhar* e *Quem te viu, quem te vê*, em que predominam as formas de segunda pessoa *tu*, embora apareçam certas formas verbais de *você* e também *você* na posição de sujeito.

Na linguagem publicitária, MACIEL (1982, p. 46) constatou uma nítida preferência por *você*, no entanto a segunda pessoa *tu* aparece nos imperativos (*o que introduz o registro da mistura, já que os possessivos, por exemplo, respeitam perfeitamente a regra de preferência da linguagem publicitária por você*): ***Olha como o seu Chevrolet se sente...*** (Veja, 18-03-81).

Os textos literários, segundo MACIEL (1982), nos proporcionam muitos exemplos da variação entre *tu* e *você* como em *A vida passada a limpo* de Carlos Drummond de Andrade, em que o pronome *tu* foi o escolhido; em *Voluntário*, Drummond escolheu o pronome *você* e em *A menina e o gerente*, o poeta usou os dois pronomes de segunda pessoa do singular, registrando a mistura de *tu/você* praticada na poesia.

Essas constatações nos gêneros publicitário e literário, apresentadas no trabalho acima, demonstram que os pronomes *tu/você* aparecem como formas alternativas de segunda pessoa do singular no português do Brasil. Para Maciel, embora a preferência tenha se mostrado pelo pronome *você*, o uso de *tu* é significativo em algumas comunidades brasileiras, e deve ser levado em consideração, contribuindo, assim, na orientação do ensino de português inclusive como língua estrangeira, oportunizando, aos que querem ensinar e aos que querem aprender, escolher a variedade lingüística da região na qual estão interessados.

Os estudos de BERLINCK (1989, p. 95-112), na perspectiva da teoria da variação e mudança lingüísticas, aponta para o decréscimo da ordem VS (verbo/sujeito) ao analisar 2.217 frases declarativas correspondentes a três momentos históricos distintos: século XVIII (486 frases), século XIX (469 frases) e século XX (1.262 frases). A diminuição da ordem V SN (verbo – sintagma nominal) foi observada pela freqüência das suas realizações: séc. XVIII – 42%, séc. XIX – 31% e séc. XX – 21%. É interessante notar que, assim como foi encontrado um decréscimo na freqüência da ordem V SN, foi encontrado um aumento da freqüência de SN V, indicando um progressivo *enrijecimento* da ordem SN V.

Os estudos de Berlinck têm relevância para a nossa análise da escolha do pronome de segunda pessoa do singular e da concordância verbal com o pronome sujeito *tu*, pois interessa-nos saber se há um enrijecimento da ordem SV nos dados do nosso *corpus*. Como há no nosso trabalho um grande interesse em considerar os pronomes elípticos, cujo recurso é recorrente na língua portuguesa, deparamo-nos com a impossibilidade de estabelecer o fator VS para ser analisado, visto que não é possível saber se a ordem é VS ou SV quando o pronome está ausente. Na análise dos dados do nosso *corpus* obtivemos poucas ocorrências da ordem VS, por esse motivo, decidimos incluí-las na classificação dos dados com *pronome presente*.

SOARES e LEAL (1993) constatarem um alargamento do campo de emprego da forma *você*, usada como pronome sujeito de segunda pessoa do singular em Belém, ao lado do uso de *tu*. Elas estudaram a alternância de *tu/você* e realizaram uma análise das formas de tratamento entre pais e filhos por intermédio de informantes pertencentes a dois grupos sócio-econômicos distintos e estabelecendo duas faixas etárias para os filhos (de 8 a 10 anos e de 12 a 14 anos). A gravação entre pais e filhos foi feita em casa pelos próprios pais para que se conseguisse uma maior naturalidade nas situações de comunicação. Soares e Leal (1993, p. 52) encontraram variação entre *tu*, *você* e *o (a) senhor (a)* no tratamento entre pais e filhos na família belenense e concluíram que:

Os dados também evidenciaram que os fatores faixa etária e grupo sócio-econômico são de fato significativos para a análise das formas de tratamento entre pais e filhos, enquanto a variável sexo, por nós neutralizada, revelou-se fraca ou de nenhuma influência.

Na fala em que os filhos se dirigem aos pais foram registrados 49,13% de uso de *tu*, 38,59% de uso de *o (a) senhor (a)* e 12,28% de uso de *você*; na fala dos pais ao se dirigirem para os filhos foram registrados 76,84% de uso de *tu* e 23,16% de uso de *você*. Como se pode observar, o *tu* é largamente usado em Belém e a hipótese das autoras de que estaria havendo uma mudança no tratamento de filhos para pais foi por elas confirmada ao constatarem que o uso de *tu* é *sensivelmente predominante entre as crianças de oito a dez anos*. A respeito do pronome usado para o interlocutor nas relações familiares, as autoras comentam:

Não estamos afirmando que as relações familiares sejam mais íntimas, mais afetivas pelo simples fato de os filhos usarem “tu” para com seus pais. Mas acreditamos que o uso recíproco de “tu” possa ser um indício de uma relação menos desigual.

Entendemos que essa relação *menos desigual* encontrada pelas autoras acima citadas, vem do tratamento que os filhos dão aos seus pais – *tu*. E não mais *o senhor, a senhora*, conforme era o esperado devido ao grau de hierarquia familiar.

Em *A análise do português brasileiro em três continua: o continuum rural-urbano, o continuum de oralidade-letramento e o continuum de monitoração estilística* de BORTONI-RICARDO (1985) encontra-se a análise das entrevistas feitas com migrantes da zona

rural radicados em Brasilândia (cidade-satélite de Brasília), com o objetivo de apontar os problemas potenciais na comunicação entre falantes de variedades diferentes do português. Segundo Bortoni, a tradição cultural brasileira confunde os conceitos de monolingüismo e de homogeneidade lingüística: o segundo pressupõe o primeiro, mas a recíproca não é verdadeira. *O mito de que no Brasil há uma unidade lingüística não permite que se reconheçam os problemas de comunicação entre falantes de variedades diferentes* (BORTONI-RICARDO, 1984). A autora aponta para essa interação assimétrica entre falantes da variedade padrão e falantes de dialetos rurais, levando estes últimos a serem *depreciados, mal interpretados, ou prejudicados pela compreensão difícil da mensagem*. Essas dificuldades assumem proporções mais dramáticas na escola, e é por essa razão que os estudos de BORTONI-RICARDO têm o objetivo de combater a crença de que no Brasil não existem problemas de inteligibilidade entre falantes de diferentes variedades.

Os estudos acima nos levaram a uma reflexão a respeito da variação entre *tu* e *você* na fala dos informantes das três cidades catarinenses, em relação a possíveis problemas de inteligibilidade ou como causa de algum tipo de depreciação dos falantes que utilizam um ou outro pronome sujeito para o interlocutor. Porém, não foi observada nenhuma conotação depreciativa devida à escolha do pronome sujeito de segunda pessoa do singular feita pelo falante, assim como não se observou nenhum problema de inteligibilidade.

2.4 A VARIAÇÃO SEGUNDO WEINREICH, LABOV E HERZOG (1968) e LABOV (1983)

WEINREICH, LABOV e HERZOG (1968) apresentaram a sua visão da mudança lingüística permitindo ao lingüista seguir os caminhos pelos quais o pensamento desses autores passou para elaborar uma teoria da variação que tivesse respaldo científico. Seus estudos partiram do pensamento do neogramático Hermann Paul até chegar à elaboração de uma teoria, a qual, como os próprios autores disseram, não estava completamente resolvida, mas era constituída de propostas concretas concernentes aos fundamentos de uma teoria da mudança lingüística.

PAUL (1880, *apud* WEINREICH, LABOV & HERZOG, 1968; doravante: W.L.H.) teve o mérito de reconhecer o ponto de vista dialetológico da mudança lingüística e foi o primeiro a isolar a língua do desempenho individual, adotando o idioleto como seu objeto de estudo. Porém dentro do idioleto, o único domínio em que a mudança foi relatada, foi o fonológico. Ao isolar a língua individual – o *idioleto*, da língua em uso de um grupo – o *dialeto*, Paul desenvolveu uma dicotomia que foi adotada por gerações sucessivas de lingüistas e que ainda se encontra na base dos paradoxos concernentes à mudança lingüística. Para ele, a mudança na língua de uma comunidade resulta da soma de uma série de mudanças paralelas nos idioletos, porém, a respeito do comportamento não paralelo dos idioletos, Paul não desenvolveu nenhum estudo que o explicasse.

Os autores desse artigo estudaram detalhadamente a obra de SAUSSURE (1916), mostrando que, para ele, a linguagem tem um lado individual – *parole* (fala) e um lado social – *langue* (língua), sendo impossível conceber um sem o outro, mas Saussure considerava a homogeneidade como pré-condição para tratar a língua como fenômeno social, já para W.L.H., é a heterogeneidade. E é nesse momento que o pensamento dos autores entra em choque com o pensamento saussureano, pois para eles, o objeto de estudo é a realização da língua e esta se dá de forma heterogênea.

Um dos princípios saussureanos largamente aceitos e descritos por W.L.H. é o da *sincronia/diacronia*: o estudo sincrônico é pautado em um estado de língua, em um tempo e espaço delimitado, enquanto o estudo diacrônico estuda as transformações que a língua sofreu durante seu percurso histórico. Saussure estudou a língua por meio da investigação sincrônica, mas acreditava que a mudança lingüística não podia ser estudada sincronicamente. W.L.H. acreditam que é possível estudar os fenômenos lingüísticos sincronicamente através da análise da variação em *tempo aparente*, isto é, estudar as diferenças no comportamento lingüístico em falantes de diversos níveis de idade e detectar uma possível *mudança em curso* ou detectar uma *variação estável*.

Apesar de Saussure ter rejeitado as explicações sobre a mudança sonora, ele postulou duas forças em conflito atuando na língua – a do *intercurso* e a do *provincialismo* – para descrever a imitação e a não imitação, respectivamente, do discurso dos outros por um indivíduo. Essa posição saussureana perante as várias situações na comunicação teve relevância

para o estudo da mudança lingüística, mesmo não tendo sido demonstrado que a prevalência de uma força sobre a outra se deve à influência de algum outro fator, lingüístico ou social, conforme postulam aqueles autores.

Outro avanço no caminho da variação e da mudança lingüística foi encontrado em BLOOMFIELD (1933, *apud* W.L.H., 1968), que colocou toda a carga da explicação da mudança no mecanismo de imitação dos hábitos discursivos dos companheiros e que a direção da imitação era determinada pelo modelo de prestígio. Segundo W.L.H., hoje se sabe que não é totalmente verdadeira essa afirmação, pois há outros fatores lingüísticos e sociais que influenciam a variação e a mudança.

Os autores também estudaram os trabalhos de CHOMSKY (1965), e fizeram um paralelo entre a dicotomia saussureana *língua/fala* e a dicotomia chomskiana *competência/desempenho*. Chomsky destinou à competência de um indivíduo – o falante-ouvinte ideal – o objeto da sua análise lingüística. Para ele a homogeneidade da língua é fundamental e declarou que a diversidade observada é teoricamente irrelevante, visto que não havia sido oferecida nenhuma razão lógica para a mudança lingüística. WEINREICH, LABOV e HERZOG discordaram da posição de Chomsky e declararam que encontraram razões lógicas para a mudança lingüística mediante a confirmação de fatos divergentes de desempenho, não como erros ou enganos que desviam do sistema homogêneo, mas como desempenho altamente codificado, fazendo parte da descrição da fala de uma comunidade. A partir dessas reflexões, análises e conclusões, os autores elaboraram uma teoria sobre os fundamentos empíricos da variação, a qual, segundo eles próprios, ainda não estava completamente resolvida, mas se constituía de propostas concretas concernentes aos fundamentos de uma teoria da mudança lingüística.

2.5 SUPORTE TEÓRICO

O nosso trabalho consiste em um estudo quantitativo e qualitativo a respeito da escolha do pronome de segunda pessoa do singular (*tu/você*) e da análise da concordância verbal com o pronome sujeito *tu*, tendo como suporte a Teoria da Variação de LABOV (1968, 1983), que segundo ele mesmo, *reflete uma pequena parte da infinita variedade da vida coti-*

diana e que através dos recursos reais de uma comunidade lingüística se pode desenvolver valiosos trabalhos.

O modelo teórico metodológico denominado teoria da variação, proposto por W. L. H. (1968), assume que a variação não é aleatória, mas sim, é governada por restrições lingüísticas e extralingüísticas, entendendo-a como um princípio geral e universal das línguas, passível de ser descrita e analisada. Para eles, as estruturas heterogêneas e a variação nas comunidades lingüísticas já investigadas são uma realidade corretamente estabelecida, e seriam disfuncionais tanto a ausência de permutações estilísticas como a ausência de sistemas de comunicação multi-estratificados. Outro ponto importante nesse modelo consiste em não separar o domínio da linguagem e o da interação social, podendo, assim, estabelecer significados sociais aos dados lingüísticos, levando a uma melhor compreensão do mecanismo da mudança. As causas e as funções desse mecanismo são estudadas a partir das formas lingüísticas em processo de mudança.

LABOV (1983) apresenta um modelo teórico-metodológico de análise sociolingüística de cunho variacionista através de muitos estudos sobre alguns fenômenos específicos da língua inglesa. Labov entende que não é possível haver teoria e prática lingüísticas bem-sucedidas que não sejam sociais. Para ele, é preciso ter em mente que língua e sua função sócio-comunicativa não podem ser desvinculadas, e é por essa razão que a distinção entre lingüística e sociolingüística torna-se pouco relevante.

Em estudos feitos na ilha de Martha's Vineyard, em Massachussets, USA, LABOV (1963, *apud* LABOV 1983) trabalhou com a freqüência e com a distribuição das variantes fonéticas dos ditongos /ay/ e /aw/; por níveis de idade, grupos ocupacionais e étnicos. Para a seleção da variável lingüística ele explorou as entrevistas feitas naquela ilha em 1961, encontrando algumas variações estruturais. Dentre elas, escolheu estudar os ditongos acima citados, tendo como *variável dependente* a *centralização* desses ditongos.

No estudo da centralização dos ditongos (ay) e (aw) na ilha de Martha's Vineyard, foi possível isolar os fatores sociais que condicionavam o uso das formas estigmatizadas [əI] e [əU] pelos habitantes da ilha, tidas como estigmatizadas pelos falantes de outras variedades, podendo então desvendar que esse comportamento lingüístico era uma maneira de demarcar seu espaço e sua identidade cultural contra a invasão de veranistas na ilha.

LABOV também nos mostra, mediante seus estudos em Martha's Vineyard, que o *contexto lingüístico* (consoante seguinte/ consoante precedente), isto é, o *ambiente lingüístico* em que se realiza o fenômeno analisado, pode funcionar como um condicionamento, isto é, pode ser uma *variável lingüística* que exerce influência sobre a realização de formas variadas. LABOV considera que, em um primeiro estágio da mudança lingüística, há alguns efeitos marginais esporádicos dos processos articulatórios (fonéticos), que não têm significação lingüística, e somente quando essas variações recebem um significado social é que começam a ser imitadas e a desempenhar um papel na língua. É importante notar que, nesse seu trabalho, os *fatores sociais* como *idade* e *etnia* dos informantes, que funcionaram como *variáveis sociais independentes*, tiveram influência na realização da maior ou menor centralização dos ditongos.

Nos estudos sobre *A estratificação social do (r) nas grandes lojas de departamentos de Nova York* (LABOV 1966 apud LABOV 1983), foi estabelecida a variável dependente presença ou ausência da consoante (r) em posição pós-vocálica como em *car*, *card*, *four* e *fourth* (carro, carta, quatro, quarto). Esta variável se revelou bastante suscetível a múltiplas medições de estratificação social ou estilística. Os resultados da análise demonstraram que a variante prestigiada, isto é, a variante padrão, pode ser apreendida no cruzamento das variáveis *classe social* e *estilo*.

A *regra variável* desenvolvida por LABOV (1969, apud LABOV, 1983, p. 284-285) tem a propriedade de ampliar o conceito de regra de gramática, que é categórica e uniforme na GT, para dar conta dos atos variáveis *de fala*. Quando uma *regra variável* é suficientemente regular, proporciona aos indivíduos que estão aprendendo a língua, informações para manter as distinções básicas e as formas subjacentes. Para que a *regra variável* tenha um caráter formal, é preciso examinar o seu caráter quantitativo e significativo representado pela proporção dos casos em que a regra se aplica. Deve ser examinada a *frequência* real da aplicação e também a *probabilidade* de aplicação da regra para outros casos.

CEDERGREN & SANKOFF (apud LABOV 1983, p. 291) postulam que cada restrição da variável contribui de forma independente para estabelecer a probabilidade de aplicação da regra. Isto quer dizer que as restrições (ou condicionamentos) são as variáveis independentes e que elas mesmas contribuem para estabelecer a probabilidade de aplicação de uma regra, sem levar em conta as outras restrições que possam estar presentes ou não.

As explicações das restrições puramente lingüísticas, isto é, explicações internas do sistema da língua, são os *condicionamentos lingüísticos* que subjazem ao sistema. Esses condicionamentos a que uma variável está exposta, são as *variáveis lingüísticas* independentes, como é o caso do contexto *lingüístico* analisado na ilha de Martha's Vineyard, ou seja, a *consoante seguinte e a consoante precedente* no caso da centralização dos ditongos /aw/ e /ay/.

Como a linguagem não deve ser separada da interação social, para definir uma variável sociolingüística, é preciso correlacionar uma variável lingüística a uma não lingüística como *idade, etnia, escolaridade, sexo, posição sócio-econômica* do falante. Quando esses contextos sociais aparecem em uma escala hierárquica (como a idade ou a posição sócio-econômica), podemos dizer que temos indicadores estratificados. *Uma mesma variável socio-lingüística serve para assinalar a estratificação social e a estilística* (LABOV, 1983, p. 302). A *variação estilística* é aquela que pode ser encontrada nos diversos registros de fala (formal ou informal), usados pelo mesmo indivíduo. Isso quer dizer que pode haver, por parte do indivíduo, um monitoramento do seu discurso, levando em conta o seu interlocutor e as diversas situações de fala.

Em relação à variável social *sexo*, nos estudos de Labov, as mulheres se mostraram mais sensíveis do que os homens aos valores sociolingüísticos, apresentando uma correção mais acurada nos contextos formais. *As mulheres utilizam menos formas estigmatizadas que os homens* (LABOV, 1966 *apud* LABOV 1983, p. 306).

Com base na variável social *idade* ou *faixa etária*, LABOV (1983, p. 343) postula que o investigador pode observar a distribuição de um fenômeno através de um *tempo aparente*, isto é, mediante o comportamento lingüístico diferente dos falantes em diversos níveis de idade. Isto significa que, mesmo podendo detectar a variação de formas em um determinado momento, não se pode afirmar que haja uma *mudança em curso*, pois, para tal, é preciso que estudos do mesmo fenômeno sejam feitos em outros momentos da língua para que se possa, por meio de uma comparação em *tempo real*, detectar os rumos da mudança ou da variação.

Para LABOV (*apud* SILVA & SCHERRE, 1996), é preciso que se desenvolva uma metodologia adequada para quantificar os fatores, em número relativamente pequeno, os quais devem apresentar um peso fixo, independentemente do contexto em que ocorram, para que se

possa formular um esquema de regras. Isso quer dizer que os fatores ou as variáveis independentes, tanto lingüísticas como sociais, devem passar por um processo estatístico que proporcione a frequência das ocorrências e que estabeleça um peso relativo independente para cada fator a fim de que o lingüista possa formular as regras de uso da língua.

Esse processo estatístico foi proposto em 1974 por CEDERGREN & SANKOFF (*apud* NARO, 1992), ao apresentarem um modelo de interpretação probabilística que tem como função calcular o efeito relativo dos diversos fatores baseando-se na sua frequência. Em 1978, ROUSSEAU & SANKOFF (*apud* SILVA & SCHERRE, 1996), apresentaram um novo modelo de interpretação probabilística, denominado misto ou logístico, considerado mais adequado para a análise de fenômenos variáveis. A implementação desse modelo matemático encontra-se no programa computacional denominado VARBRUL, de autoria de David Sankoff. O pacote de programas VARBRUL realiza a análise estatística fornecendo a frequência de aplicação da regra e o peso relativo de cada fator analisado (ou variável analisada), isto é, o peso postulado por Labov para cada fator analisado pode proporcionar ao lingüista a oportunidade de formular regras de uso da língua.

A terceira versão do programa computacional, chamada VARBRUL 2S, será utilizada neste trabalho de análise variacionista com a finalidade de dar um tratamento estatístico aos dados coletados para que a interpretação das ocorrências possa ter credibilidade.

3 OBJETO DE ESTUDO

Assumindo que *tu* e *você* são pronomes sujeito de 2.^a pessoa e que há variação desses pronomes na fala de algumas comunidades em Santa Catarina, e que possivelmente haja variação nas formas de concordância verbal, estabelecemos o nosso objeto de estudo. Este trabalho, portanto, tomou como objeto de estudo a alternância do pronome sujeito de segunda pessoa *tu/você* e a concordância verbal com o pronome sujeito *tu* na fala de indivíduos das cidades catarinenses de Blumenau, Chapecó e Lages, conforme ilustram os exemplos abaixo:

1. A escolha do pronome:

- (05) ... sem dinheiro *tu* não trabalha. (BLU., 04/0156)
- (06) ... *você* plantava o arroz, ... (BLU., 16/0845)
- (07) *Tu* podia contar o que *tu* quisesse pra ela,... (CHP. 09/1219)
- (08) *Você* pode imaginar o que que sobra? (CHP., 24/0147)
- (09) *Tu* pode falar pra mim... (LGS., 01/0187)
- (10) ... *você* tinha que pagar dez anos de carência, ... (LGS., 16/1020)

2. Concordância verbal com o pronome sujeito *tu*.

a) Variante com marca de concordância:

- (11) ... tu não *tens* mais tempo pra nada. (BLU., 10/0276)
- (12) ... tu não *vais* me aprontar agora aí. (CHP. 14/0286)
- (13) *Tu chegaste* a primeira coisa que te oferecem... (LGS., 10/1315)

3. Variante sem a marca de concordância:

- (14) Tu não *conheceØ*? (BLU., 02/0521)
- (15) ... igual que tu *compraØ* no mercado, ...(CHP., 12/0290)
- (16) Tu *entravaØ* lá ... (LGS., 10/1051)

3.1 HIPÓTESES GERAIS

As hipóteses que nos levaram a pesquisar a alternância dos pronomes sujeito de segunda pessoa (*tu* e *você*) no interior de Santa Catarina e a analisar a concordância verbal com o pronome sujeito *tu* estiveram embasadas nos trabalhos de MENON (1995), LOREGIAN (1996) e FURLAN (1989):

1. As cidades do interior de Santa Catarina apresentam um comportamento diversificado na fala em relação à escolha do pronome sujeito de segunda pessoa do singular. A nossa hipótese é de que haverá uma maior realização do pronome sujeito *tu* em contrapartida com as ocorrências do pronome sujeito *você*, também de segunda pessoa do singular.

Essa hipótese tem o respaldo de FURLAN (1989, p. 150-151), que escreve a respeito da ampla difusão do *tu* em Santa Catarina:

Todavia, o tuteamento tem ampla difusão em Santa Catarina: (a) É típico e geral no açoriano. (b) Subsiste, embora com o verbo na terceira pessoa, nas amplas regiões povoadas por imigrantes de etnia italiana e alemã. (c) O voceamento é a forma comum de tratamento não cerimonioso no falar da faixa do planalto, ao longo do antigo caminho das tropas, percorrido por paulistas.

2. Blumenau, Lages e Chapecó são cidades de Santa Catarina que têm em sua variedade lingüística o uso do pronome *tu*.

Essa hipótese também encontra suporte em FURLAN (1989), conforme a letra (b) da citação acima.

3. A maioria dos indivíduos das cidades pesquisadas interiorizou a forma verbal com o morfema \emptyset como marca de segunda pessoa do singular e a variação poderá recair simplesmente no uso do pronome *tu/você*, conforme postula MENON (1995, p. 97):

A minha hipótese é a de que os falantes “interiorizam” a forma verbal com o morfema \emptyset como a marca de segunda pessoa e a variação recai simplesmente no uso do pronome.

4. As comunidades mais próximas do litoral, cuja colonização foi feita por portugueses vindos da Ilha dos Açores, teriam maior ocorrência do pronome sujeito *tu* e haveria mais marcas de concordância com esse pronome por sofrerem maior influência da colonização açoriana.

Essa hipótese está baseada nos estudos de LOREGIAN (1996, p. 33, 91,92), que apontam como característica do povo açoriano o uso do pronome sujeito *tu* e a concordância verbal a ele atribuída pela forma marcada de segunda pessoa do singular.

Como o nosso objetivo é contribuir com o Projeto VARSUL na descrição da fala do Sul do país, fizemos uso do seu Banco de Dados para levantarmos as ocorrências que formaram o *corpus* que deu sustentação à nossa análise variacionista, mediante entrevistas feitas com informantes de Blumenau, Chapecó e Lages, a fim de que pudéssemos realizar a análise de um fenômeno da língua portuguesa falada no Brasil – o uso do pronome sujeito *tu* e a sua concordância verbal.

4 METODOLOGIA

Seguindo o modelo de análise lingüística laboviana, que também é conhecido como sociolingüística quantitativa, por operar com números e dar um tratamento estatístico aos dados coletados, foi feito, em um primeiro momento, o levantamento exaustivo dos dados das cidades catarinenses de Blumenau, Chapecó e Lages. Esses dados foram obtidos do Banco de Dados do Projeto VARSUL na Universidade Federal do Paraná, ao qual foi destinada a seção seguinte para dar maiores explicações. O Programa Editor para microcomputadores agilizou a busca dos dados que formariam o nosso *corpus*.

Na etapa seguinte foi feita uma análise das ocorrências dos pronomes sujeito *tu* e *você* com a finalidade de verificar se eles estavam explícitos ou não, a quem se dirigiam e se havia alternância deles no mesmo período. Os verbos que acompanhavam esses pronomes (explícitos ou não explícitos) também foram analisados para verificar se havia marcas de concordância, para verificar o tempo verbal de cada ocorrência, se a forma verbal era oxítone ou paroxítone e para verificar o número de sílabas do verbo com a finalidade de estabelecer os fatores lingüísticos, ou as variáveis lingüísticas.

Ainda nessa etapa de análise, cada ocorrência foi classificada de acordo com o indivíduo que a produziu, isto é, de acordo com a idade, o sexo, a escolaridade do falante e de acordo com a cidade em que ele morava para que se pudesse codificar os dados segundo os fatores sociais ou as variáveis sociais, já estabelecidas pelo VARSUL.

Num terceiro momento, os dados foram codificados de acordo com os grupos de fatores para que pudessem ser rodados nos programas de computador VARBRUL, sobre o qual daremos maiores explicações na seção 4.6, para dar um tratamento estatístico. Mediante dos resultados obtidos pelo VARBRUL será possível realizar a última etapa desta análise que tem o objetivo de avaliar os fatores lingüísticos e sociais que possam estar influenciando a alternância dos pronomes *tu/você* e a aplicação da regra de concordância verbal com o pronome *tu*.

4.1 O PROJETO VARSUL

A observação da diversidade lingüística do sul do Brasil e o sentimento da necessidade de descrição dessa diversidade fizeram surgir o Projeto VARSUL – Variação Lingüística da Região Sul. Em 1985 o projeto inicial foi encaminhado à FINEP, porém somente em agosto de 1989 teve a sua aprovação e em 1990 começou a coleta de dados. Fazem parte desse projeto a Universidade Federal do Paraná (UFPR), a Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), a Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) e em 1993 a Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUC – RS) também passou a fazer parte do projeto.

O projeto VARSUL tem à disposição da comunidade acadêmica integrante das universidades acima citadas, um Banco de Dados com amostras de fala representativas das variedades dos estados da Região Sul do Brasil com a finalidade de descrever o português falado nessa parte país. As entrevistas que fazem parte do Banco de Dados foram realizadas dentro dos postulados da sociolingüística variacionista, pretendendo fornecer subsídios para estudos da variação lingüística da região.

Foram selecionados quatro municípios representativos de grupos populacionais de cada estado da Região Sul do país para serem feitas as entrevistas que fazem parte do Banco de Dados. As cidades selecionadas foram as capitais e três cidades do interior relevantes no processo de ocupação de cada estado. Relacionamos a seguir as cidades selecionadas, apontando para a sua formação étnica ou cultura representativa.

Estado do Rio Grande do Sul:

Porto Alegre, a capital do estado;

Flores da Cunha, representando a etnia italiana;

Panambi, representando a cultura alemã e

São Borja, representando a área fronteira de contato com o espanhol.

Estado de Santa Catarina:

Florianópolis, a capital do estado;

Lages, representando a colonização gaúcha;

Blumenau, representando a colonização alemã e

Chapecó, representando a colonização italiana.

Estado do Paraná:

Curitiba, a capital do estado;

Londrina, representando a colonização mineira e paulista;

Irati, representando a colonização eslava e

Pato Branco representando a colonização gaúcha.

A amostra de cada município consiste de entrevistas feitas com 24 moradores, totalizando 96 entrevistas por estado e 288 no acervo total. As entrevistas foram feitas em duas etapas e seguindo as normas do VARSUL. Em um primeiro contato com o informante foi gravada a entrevista A, que contém informações sobre a identidade social do mesmo. No segundo contato, foi gravada a entrevista B, com 45 minutos de duração aproximadamente, contendo uma conversa em estilo não controlado sobre a vida do indivíduo na cidade. Não foram incluídos os analfabetos e universitários pelo fato de constituírem população alvo de estudos dialetais (analfabetos) e da norma urbana regional culta (universitários). Foram levadas em consideração as seguintes características sociais comprovadamente significativas em pesquisas sociolinguísticas anteriores: sexo (masculino e feminino), idade (20 a 50 anos e acima de 50 anos) e escolaridade (primário, ginásial e segundo grau). Definiu-se que cada município deveria ser representado na amostra por um conjunto de 24 entrevistas, correspondentes a 12 perfis (2 sexos x 3 níveis de escolaridade x 2 faixas etárias), cada um representado por dois entrevistados. Dessa forma, a nossa amostra, que é formada por informantes de três municípios, foi baseada em 72 entrevistas assim distribuídas:

- 1) 24 informantes de Blumenau (BLU);
- 2) 24 informantes de Chapecó (CHP);
- 3) 24 informantes de Lages (LGS).

A distribuição das 24 entrevistas entre os informantes de cada cidade ficou da seguinte maneira:

- 1) 12 informantes do sexo femininos (F);
- 2) 12 informantes do sexo masculinos (M).

Para cada grupo de 12 informantes do mesmo sexo, foi feita uma distribuição das entrevistas por idade dos falantes:

- 1) 6 informantes com idade inferior a 50 anos (A);
- 2) 6 informantes com idade igual ou acima de 50 anos (B).

Cada grupo de 6 informantes do mesmo sexo e pertencente ao mesmo grupo de idade (faixa etária A ou Faixa etária B) recebeu uma distribuição das entrevistas de acordo com o nível de escolaridade:

- 1) 2 informantes com o primário (PRI);
- 2) 2 informantes com o ginásio (GIN);
- 3) 2 informantes com o segundo grau (SEG).

No anexo podem ser encontradas as características sociais de cada informante de acordo com a localidade analisada, lembrando que no lugar do nome do entrevistado foi colocado apenas o número da entrevista a fim preservar a identidade de cada um.

O Banco de Dados do projeto VARSUL contém, em cada uma das universidades responsáveis por sua implementação, as entrevistas armazenadas conforme as especificações abaixo relacionadas:

- a) cópia da entrevista B de cada um dos informantes;
- b) cópia em disquete para microcomputadores IBM ou compatível das transcrições dessas mesmas entrevistas;
- c) cópias impressas e encadernadas das transcrições dessas entrevistas;
- d) cópia das fichas sociais dos falantes;
- e) programa Editor VARSUL – Engesis (nas versões DOS e WINDOWS) – para leitura e impressão das entrevistas;
- f) programa Interpretador VARSUL – Engesis (nas versões DOS e WINDOWS) – para a localização automática de ocorrências de interesse do pesquisador.

A Engesis – Projetos e Sistemas de Porto Alegre – RS criou dois programas de computador para otimizar o uso do banco de dados lingüísticos do VARSUL. O programa EDITOR, que armazena as entrevistas em microcomputadores IBM – PC, permitindo o registro de múltiplas informações distribuídas em três linhas, de acordo com o sistema de transcrição adotado pelo projeto; e o programa INTERPRETADOR, o qual foi elaborado para reali-

zar a procura de informações nos arquivos criados pelo EDITOR e que tem a função de possibilitar aos pesquisadores a localização rápida de dados relevantes para o seu estudo.

4.2 CONSTITUIÇÃO DA AMOSTRA

Para a formação do *corpus* que dá sustentação a esta análise da concordância verbal com o pronome *tu* e a alternância dos pronomes sujeito *tu/você* foram coletados e selecionados dados das entrevistas feitas nas cidades catarinenses de Blumenau, Lages e Chapecó, os quais se encontram no Banco de Dados do Projeto VARSUL. Portanto, conforme as especificações das entrevistas já apresentadas na seção anterior, a nossa amostra tem 71 informantes que foram distribuídos no quadro 1 de acordo com a cidade, faixa etária e com a escolha do pronome de segunda pessoa do singular:

QUADRO 1 – DISTRIBUIÇÃO DAS ENTREVISTAS DE ACORDO COM O USO DO PRONOME SUJEITO DE 2ª PESSOA DO SINGULAR

FATORES	TU SOMENTE			VOCÊ SOMENTE			TU/VOCÊ NA MESMA ENTREVISTA			TU/VOCÊ MESMO PERÍODO			NENHUMA OCORRÊNCIA DE TU/VOCÊ			TOTAL		
	A	B	T	A	B	T	A	B	T	A	B	T	A	B	T	A	B	T
Blumenau	02	01	03	00	02	02	08	07	15	02	01	03	–	01	01	12	12	24
Chapecó	02	00	02	03	02	05	06	06	12	03	02	05	–	–	–	14	10	24
Lages	–	–	–	02	04	06	05	05	10	05	03	08	–	–	–	12	12	24
TOTAL	04	01	05	05	08	13	19	18	37	10	06	16	–	01	01	38	34	72

Legenda: A: primeira faixa etária (20 a 50 anos)
B: segunda faixa etária (mais de 50 anos)
T: total.

Das 72 entrevistas analisadas, apenas uma foi eliminada do nosso *corpus* por não apresentar nenhuma ocorrência de pronome de segunda pessoa do singular, e isso, provavelmente, se deve ao tipo de entrevistas registradas no VARSUL, que não proporciona um diálogo efetivo entre o entrevistado e o entrevistador, havendo apenas respostas em forma de narrativa. A entrevista eliminada foi a número 7 de Blumenau, cujo informante é do sexo masculino, com idade superior a 50 anos e tendo como nível de escolaridade apenas o primário. Dessa forma, a nossa amostra ficou com 71 entrevistas.

Somando as entrevistas que apresentaram a alternância dos pronomes *tu* e *você* com aquelas que apresentaram essa alternância inclusive em um mesmo período, obtivemos um total de 53 entrevistas. Esse resultado representa 74,6% das 71 entrevistas analisadas e demonstra que a maior parte dos informantes faz uso desses dois pronomes ao se referir à segunda pessoa do singular, apontando para uma variação estável na fala dos indivíduos que compõem a nossa amostra.

Obtivemos apenas 05 entrevistas em que o indivíduo usou somente o pronome sujeito *tu* e 13 entrevistas o uso exclusivo de *você*, totalizando 18 entrevistas cuja variação se deu na comunidade. Esse resultado representa apenas 25,4% das entrevistas analisadas, indicando que a maior parte dos indivíduos já possui os dois pronomes de segunda pessoa na sua variedade lingüística. É importante que se registre que não houve entrevista somente com *tu* em Lages e que em Blumenau não houve entrevista somente com *você* na faixa etária dos mais jovens.

Observando a faixa etária dos indivíduos das 53 entrevistas que apresentaram alternância de pronomes de segunda pessoa, constatamos que 55% deles fazem parte do grupo do grupo dos mais jovens e 45% fazem parte do grupo dos mais velhos. Essa diferença entre os dois grupos não se apresenta tão distanciada, levando-nos a constatar que a variação, na nossa amostra, apresenta-se de forma equilibrada entre os mais jovens e os mais velhos.

Das 53 entrevistas que apresentaram alternância de *tu* e *você*, 18 são de Blumenau, 17 são de Chapecó e 18 são de Lages. Esse resultado equilibrado entre as três cidades pode estar indicando uma variação estável nas comunidades pesquisadas. Enquanto o número reduzido de entrevistas somente com *tu*, em comunidades em que se esperava um maior uso desse pronome, parece estar indicando uma preferência pelo pronome sujeito *você*.

4.3 LEVANTAMENTO DOS DADOS

Primeiramente os dados foram selecionados com a ajuda do programa de computador do VARSUL chamado INTERPRETADOR, o qual é destinado a encontrar seqüências de caracteres previamente definidos e analisados. Esse programa, que nos permite localizar os

Por meio da segunda linha do exemplo acima foi possível analisar a concordância verbal com o pronome *tu* feita pelo informante sem o morfema –S (*tu temperas/tu temperaØ*). Foi, portanto, a partir da segunda linha que obtivemos os casos de concordância onde havia ausência de formas marcadas, isto é, formas que não apresentaram as desinências preconizadas pela GT para a concordância verbal com o pronome *tu* (-S, -ES, -EST).

A partir dessa seleção feita pelo interpretador, foi realizada a leitura das 24 entrevistas de cada cidade e dessa maneira tivemos uma melhor contextualização das ocorrências, o que nos levou a eliminar alguns dados emitidos pelo interpretador por não fazerem parte do objeto deste estudo.

4.3.1 Dados eliminados

Logo após a seleção das ocorrências de *tu* e *você* realizadas pelo programa interpretador, foi feita uma conferência manual delas a fim de que se pudesse definir quais eram as ocorrências de pronomes sujeito que deveriam fazer parte do *corpus* e quais deveriam ser eliminadas. As ocorrências eliminadas foram as que não se tratavam da fala do entrevistado, ou aqueles pronomes sujeito que não eram seguido de verbo, ou também pronome *tu/você* com outra função que não a de pronome sujeito, ou ainda quando o pronome ausente não pôde ser recuperado a partir do contexto, ou simplesmente por não se tratarem de pronomes, entre outros casos relacionados abaixo:

- a) **Fala do entrevistador:** quando o interpretador selecionou ocorrências dos pronomes de segunda pessoa do singular referentes à fala da pessoa que estava fazendo a entrevista, tivemos que eliminá-las, pois a proposta da nossa análise está centrada na fala dos indivíduos que estavam sendo entrevistados por representarem a fala de uma comunidade.

(18) *Tu tens* conhecimento assim de enchente... (BLU, 20/0165)

(19) Que lembranças *você tem* da casa dela? (CHP, 19/0167)

- b) **Pronome *tu* ou *você* isolados:** quando os pronomes sujeito de segunda pessoa do singular apareceram isoladamente, isto é, sem a presença do verbo, foram

eliminados por não constituírem o tipo de dados para esta análise de concordância verbal.

(20) *Tu* pequeninho ali. (Chapecó, 18/0904)

(21) Pena que *você*..., uma outra pessoa que participasse, né? (BLU, 22/0610)

(22) ... o rádio ligado e *você*, né? (LGS, 17/1509)

c) **Ocorrências de *tu* sem ser pronome:** quando apareceu *tu* na fala dos entrevistados, porém, não com função de pronome, mas como resultado de uma hesitação ou de uma “gagueira”, foram eliminados. Essas ocorrências também não constituem dados tanto para a análise da escolha do pronome *tu/você* como para a análise da concordância verbal com o pronome sujeito *tu*.

(23) E o “einsbein” daí (*tu*) – é o joelho do porco, no caso né? (BLU, 01/0052)

(24) ...[*tu*] tudo é assim. (Chapecó, 08/0681)

(25) ... que (*tu*) turismo rural, que ela ia fazer, turismo rural. (LHS, 21/1248)

d) **Pronome *você* usado como complemento verbal:** O recorte na área de estudo para esta análise não contempla a realização dos pronomes *você* em outra função que não seja a de sujeito, pois a concordância verbal, segundo as gramáticas estudadas no capítulo 2, é feita com o sujeito. Daí a razão de eliminarmos o pronome de segunda pessoa do singular quando se encontrava na função de complemento verbal. Não houve ocorrência de *tu* nesse caso.

(26) ... unidos roubamos *você*... (BLU, 12/0460)

(27) ...ele tem inveja de *você*... (BLU, 19/0524)

(28) ... e nós damos pra *você*,... (CHP, 08/0515)

(29) ... não conversam praticamente com *você*,... (LGS, 19/0748)

e) **Os marcadores discursivos *olha*, *sabe?*, *entende?*, *viu?*** Esses marcadores conversacionais são expressões que estão esvaziadas das suas funções sintáticas originais, servindo apenas para verificar se a interação está ocorrendo, isto é, se o interlocutor está acompanhando o locutor.

(30) ... perdi a minha vida, *sabe?* (BLU, 04/0936)

(31) ...gosto muito de explicar, eu gosto, *entende?* (LGS, 18/1337)

(32) *Olha*, hoje vamos fazer o trabalho de matemática. (CHP, 09/1210)

(33) ... tudo isso existiu, *viu?* (BLU, 23/1096)

(34) ... eu não vou mais, *entendeu?* (LGS, 11/0600)

Foram considerados como marcadores discursivos somente os verbos que se referiam à segunda pessoa do singular sem apresentar marcas de concordância e na ausência dos pronomes *tu* ou *você*. Os verbos que apresentaram marcas de concordância de segunda pessoa do singular foram considerados como ocorrências, mesmo na ausência do pronome, e também foram considerados como ocorrência, para compor o nosso *corpus*, verbos sem a marca de segunda pessoa, porém apresentando explicitamente o pronome de segunda pessoa. Portanto, quando o verbo apareceu com a marca ou apareceu juntamente com o pronome, não foi interpretado como marcador discursivo, e sim como função fática, servindo para chamar a atenção do interlocutor e manter o canal de comunicação aberto.

(35) ... então ele tinha assim um apego muito grande ao litoral, **0 entendesse?** (LGS, 20/1010)

(36) ... porque tem uma família assim com muita fé, **tu entende?** (CHP, 19/0202)

f) Quando não foi possível recuperar o pronome sujeito dentro do período.

Muitos falantes utilizam tanto *tu* quanto *você* como pronome sujeito de segunda pessoa do singular em um mesmo período, conforme pode ser observado no quadro 1, e nem sempre o verbo que acompanha o pronome *tu* vem com a marca de segunda pessoa. Por esse motivo, não podemos saber com precisão que pronome de segunda pessoa do singular estaria implícito, por essa razão eliminamos tais ocorrências.

(37) Não conhece, não? (LGS, 04/0363)

g) Nome de programa de televisão: na expressão abaixo, nem o pronome, nem o verbo estão sendo usados como formas de interlocução, mas apenas indicando o nome de um programa de televisão.

(38) *Você Decide* (LGS, 01/0469)

h) O uso canônico do imperativo sem o pronome sujeito: sempre que o verbo no imperativo apareceu na sua forma canônica, isto é, sempre que foi empregado nas formas correspondentes às preconizadas pela gramática tradicional, não foi

considerado para esta análise da escolha do pronome sujeito de segunda pessoa e nem para a análise da concordância verbal com *tu*. A razão de eliminarmos essas ocorrências é porque a forma do imperativo usada para *tu*, ocorreu algumas vezes, na fala de indivíduos que usavam o pronome *você* em períodos imediatamente próximos ou até, no mesmo período, impossibilitando-nos de atestar qual o pronome que estaria valendo para tais situações.

(39) *Tá, pede, ajuda.* (CHP, 18/0915)

(40) ...*vá* a Lages (LGS, 20/0732)

- i) **Imperativo canônico com sujeito presente.** Não foram consideradas as ocorrências nessa situação por se apresentarem em baixo número. Como pode ser visto logo abaixo, o exemplo (42) registra a única ocorrência do imperativo usado com o pronome *tu* e a concordância verbal foi realizada com o morfema Ø (zero). As outras cinco ocorrências com verbo no imperativo, e que foram arroladas logo a seguir, apresentaram-se com o pronome *você*, não podendo, portanto, fazer parte da nossa análise da concordância verbal com o pronome sujeito *tu*.

(41) *Você* pergunte. (CHP, 24/0242)

(42) *Tu* não brigue com a baixinha aí. (LGS, 01/1247)

(43) ..., então abra *você*. (LGS, 12/0593)

(44) ... *você* não mate nem as crias dela,... (LGS, 15/0674)

(45) ... se ele sair fora da linha, *você* surre. (LGS, 16/0217)

(46) *Você* não tome. (LGS, 17/0977)

4.3.2 Casos especiais

4.3.2.1 Pronomes ausentes

Foi realizada uma busca de verbos de segunda pessoa do singular sem a presença dos pronomes *tu* e *você*, isto é, verbos com o pronome de segunda pessoa do singular elíptico, porém considerados como dados para esta análise pelo fato de os pronomes terem sido recu-

perados a partir do contexto. Esses casos denominados *tu ausente* e *você ausente*, foram selecionados manualmente, pois na transcrição das entrevistas não há marcas específicas para identificar a ausência de pronomes que possibilitem a busca do pronome ausente pelo programa Interpretador. Alguns exemplos de frases com o pronome elíptico, que fazem parte do *corpus* analisado foram arrolados nos itens 1 e 2.

1. **Ausência do pronome *tu*:** quando pronome o sujeito *tu* pôde ser recuperado a partir do contexto, em ocorrências imediatamente próximas ao verbo analisado, conforme os exemplos (47) a (51), foi considerado como dado para esta análise da escolha do pronome sujeito de segunda pessoa do singular e para a concordância verbal com *tu*.

(47) ... tu cortaØ o recheio, ou Ø **bate**Ø no liquidificador,... (BLU, 01/0042)

(48) ... noventa por cento de ser morte, Ø **entendesse**? (BLU, 04/0844)

(49) ... se tu tá derrubando, Ø **tem** que tá plantando,...(CHP, 02/0940)

(50) Dessa aí Ø **podes** fazer umas quatro para nós. (LGS, 04/0544)

(51) ... tu pode pôr ou carne de porco, ou Ø **pode** pôr salsichão,... (LGS, 10/0960)

2. **Ausência do pronome *você*:** da mesma forma que consideramos *tu ausente* para a escolha do pronome, consideramos *você ausente*.

(52) ... não sei se Ø conhece, que é o coqueiro, aquela cachopa você pegava num passo, né ? (BLU, 16/0920)

(53) Ø **tem** que valorizar, se você não valoriza a sociedade – (CHP, 08/0682)

(54) ... o dia que você quiser conhecer um tatu, uma coisa pode ser que a gente pegue um e deixe no freezer, o dia que Ø vim a Lages.... (LGS, 19/1438)

4.3.2.2 Casos especiais para a classificação do tempo verbal

Durante a análise das ocorrências dos verbos de 2.^a pessoa do singular, deparamo-nos com situações diversas que nos levaram a tomar uma decisão em relação à classificação do *tempo verbal* a eles atribuído.

- 1) Na classificação dos tempos verbais compostos decidimos que seria considerado apenas o verbo auxiliar para a análise da concordância verbal, visto que é ele que leva flexão número-pessoal e modo-temporal.

- (55) ... tu não **consegue**Ø fazer mais nada. (BLU, 18/0252) – presente do indicativo
 (56) ... você **pode**Ø ir ... (BLU, 04/0812) – presente do indicativo
 (57) ... que tu **queira**Ø casar... (CHP, 18/0855) – presente do subjuntivo
 (58) ... tu **acabava**Ø ficando roxo de raiva ... (CHP, 18/0907) – pretérito imperfeito do indicativo.
 (59) ... você **precisa** ir num médico... (LGS, 15/0091) – presente do indicativo
 (60) ... mas talvez tu **viste** falar na irmã Guiomar? (LGS, 22/0358) – pretérito perfeito do indicativo

2) Na língua portuguesa existem alguns verbos que se afastam do paradigma verbal da primeira, segunda e terceira conjugações, por apresentarem alterações no radical ou nas desinências. São os chamados verbos irregulares e, segundo CUNHA E CINTRA (1985, p. 400), *a irregularidade de um verbo pode estar na flexão ou no radical*. Nos nossos dados encontramos os verbos irregulares *querer*, *ver* e *ir*, usados no futuro do subjuntivo, como se fossem verbos regulares. Quer dizer, em lugar das formas *quiser*, *vir* e *for* para o futuro do subjuntivo, foram usadas as formas *querer*, *ver* e *ir* como uma estratégia de regularização do verbo e por essa razão, foram consideradas como futuro do subjuntivo:

- (61) ... qualquer coisa que você **querer** ... (BLU, 04/1100)
 (62) ... se você me **ver**... (CHP, 10/08210)
 (63) ... se você **ir** a Blumenau hoje,... (LGS, 03/1269)

3) O verbo no imperativo nem sempre se apresentou na sua forma canônica, isto é, com a intenção de comando prevista pela GT, porém o imperativo se apresentou muitas vezes de uma forma suavizada, levando-nos a classificá-lo como *imperativo mitigado*, conforme as orientações de MENON (1996):

- (64) **Tu veja** bem o Criciúma, campeão da copa do Brasil. (CHP, 10/1181)
 (65) **Você veja** só, né? a preocupação, né? (LGS, 17/1002)

4.3.2.3 A ordem VS (verbo / sujeito)

A ordem VS dos constituintes da oração parece não ser relevante para este estudo a respeito da escolha do pronome sujeito de segunda pessoa do singular, visto que também serão

considerados os pronomes elípticos (ausentes) que puderem ser recuperados a partir do contexto. Quando o pronome está ausente não é possível saber qual é a ordem dos constituintes que está valendo, isto é, se é a ordem VS (verbo/sujeito) ou a ordem SV (sujeito/verbo). Por essa razão, a ordem VS não recebeu uma classificação especial na nossa análise, mesmo quando o pronome estava presente, além do que, foram encontrados apenas três desses casos, os quais estão relacionados abaixo:

(66) ... por esse **sai você**... (BLU, 16/1129)

(67)... não fui eu que falei, **foi você**. (LGS, 04/0851)

(68) Não é **você** que tem que limpar aquilo ali. (BLU, 13/0869)

4.4 AS OCORRÊNCIAS DOS PRONOMES TU/VOCÊ NAS CIDADES PESQUISADAS

Depois selecionar os dados de acordo com o objeto desta análise de concordância verbal com o pronome sujeito *tu* e para a escolha do pronome sujeito de segunda pessoa do singular – *tu/você* – ficou assim formado o nosso *corpus*:

TABELA 1 – OCORRÊNCIAS DOS PRONOMES TU/VOCÊ NAS CIDADES PESQUISADAS

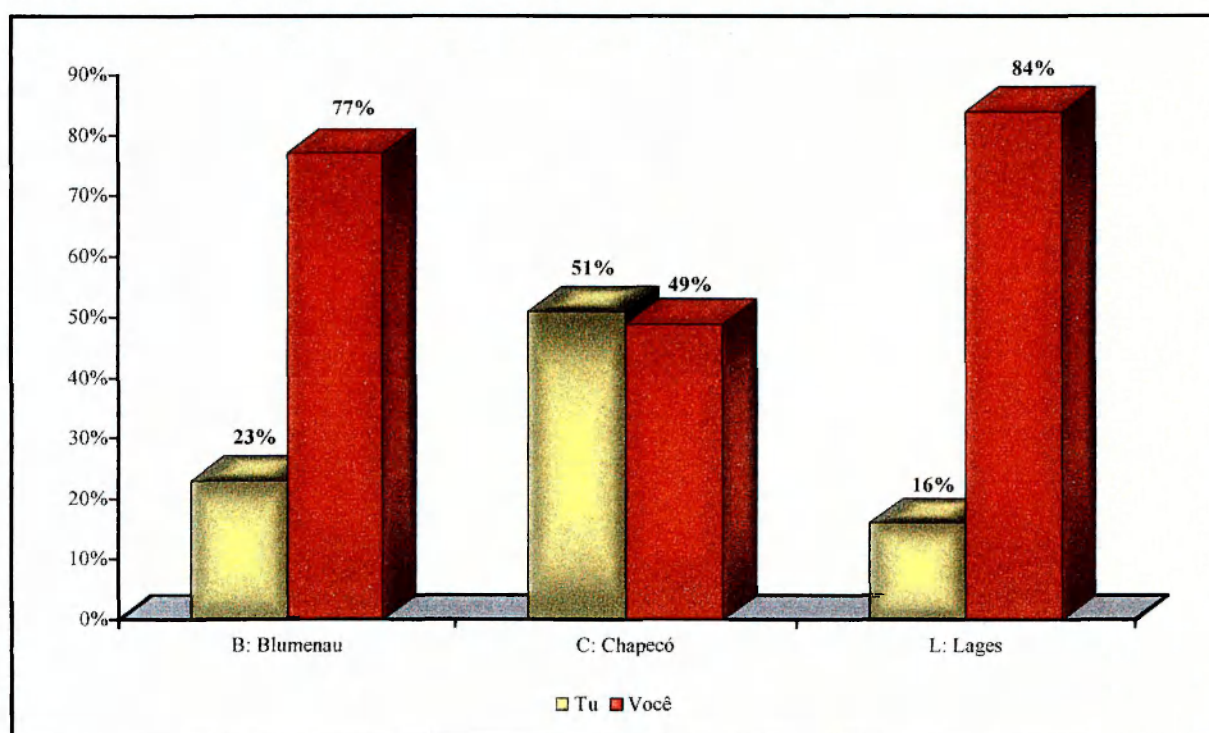
FATORES	TU		VOCÊ		TOTAL
	Nº	%	Nº	%	
Blumenau	113	22,5%	389	77,5%	502
Chapecó	263	50,5%	258	49,5%	521
Lages	185	16,3%	947	83,7%	1.132
TOTAL	561	26%	1.594	74%	2.155

A tabela acima nos mostra que das 502 ocorrências do pronome sujeito de segunda pessoa do singular ocorridos em Blumenau, houve 113 (22,5%) pronome *tu* e 389 (77,5%) pronome *você*. Em Chapecó encontramos 263 (50,5%) ocorrências de pronome *tu* e 258 (49,5%) de pronome *você*, totalizando nessa cidade 521 ocorrências de pronome de segunda pessoa. Em Lages registramos 185 (16,3%) casos do pronome *tu* e 947 (83,7%) casos do pronome *você*, resultando em 1132 casos de pronome de segunda pessoa do singular. Esse resultado é bastante surpreendente, pois esperávamos, conforme a nossa hipótese inicial, que hou-

vesse um maior número de *tu* em contrapartida a um menor número do pronome *você*, porém como poder ser visto na Tabela 1, o resultado foi oposto: de um total de 2.155 pronomes de segunda pessoa, houve somente 561 (26%) *tu* e 1.594 (74%) *você*.

Das 72 entrevistas analisadas, apenas uma teve de ser eliminada por não apresentar uma única ocorrência de pronome de segunda pessoa do singular. Isso nos deixou com 71 entrevistas, das quais cinco apresentaram somente *tu* como pronome de segunda pessoa e treze apresentaram somente o pronome *você*, indicando, nesses casos, que a variação está ocorrendo na comunidade e não no indivíduo. As outras 53 entrevistas apresentaram variação de *tu/você* no indivíduo. É importante notar também que em Lages não houve sequer uma entrevista em que o informante usasse somente o *tu* como pronome de segunda pessoa, ou seja, sempre que o pronome *tu* apareceu, foi na fala de informantes que também faziam o uso do pronome *você* quando se dirigiam à segunda pessoa, demonstrando uma variação apenas no indivíduo. Esse resultado nos leva a entender que em Lages há uma preferência pelo uso de *você*, pois não encontramos variação na comunidade (06 entrevistas somente com o uso de *você* e nenhuma entrevista somente com o uso de *tu*).

GRÁFICO 1 – DISTRIBUIÇÃO DE TU/VOCÊ POR REGIÃO



O gráfico acima, referente à Tabela 1, dá uma visão geral da realização dos pronomes *tu/você* nas regiões analisadas e nos fornece uma imagem da extensão que cada pronome alcança. Esperávamos que o uso do pronome *tu* nas regiões analisadas fosse superior ao uso do pronome *você*, porém o resultado apresentado acima é bastante surpreendente, pois a frequência do pronome *tu* é de apenas 26% sobre o total de pronomes sujeito de segunda pessoa do singular. Somente na cidade de Chapecó, cuja colonização é de descendentes de italianos, a variação entre *tu/você* mostrou-se equilibrada. Blumenau, cidade de colonização alemã e situada próxima ao litoral catarinense, cuja colonização é açoriana, supunha-se uma frequência maior no uso de *tu*, porém apresentou apenas 23% desse pronome. Lages, cidade caracterizada pela passagem dos vicentinos que saíram do atual Estado de São Paulo e partiram rumo ao sul do Brasil, bem como pela passagem dos tropeiros que vinham do Rio Grande do Sul com destino a São Paulo e Minas Gerais, obteve apenas 16% de realização de *tu* na fala dos informantes.

Os dados de *tu* e *você* que formaram o nosso *corpus* totalizaram 2.155 e foram codificados de acordo com as variáveis que serão analisadas – quatorze variáveis para o pronome *tu* e nove para o pronome *você*.

4.5 VARIÁVEIS TRABALHADAS

Este trabalho de descrição e análise de um fenômeno da língua portuguesa falada no Brasil se divide em dois momentos:

- a) a alternância do pronome sujeito de segunda pessoa do singular *tu/você* e
- b) a realização diversificada da forma de concordância verbal com o pronome sujeito *tu*.

Por esta razão, estabelecemos duas regras variáveis, uma para a realização do pronome sujeito de segunda pessoa que pode se dar por meio do uso de *tu* ou de *você*; e outra para concordância verbal com o pronome sujeito *tu*, que pode se realizar pelas formas *com marca de concordância* (desinência verbal de 2.^a pessoa do singular) ou *sem a marca de concordância* (morfema Ø).

Segundo LABOV (1983, p. 282-283), regras variáveis são regras de produção, isto é, são regras que dão conta da produção real do indivíduo, alargando o conceito de regra categórica preconizada pela GT. A regra categórica encontrada na GT, no que diz respeito ao nosso recorte na área de estudo dos pronomes e da concordância verbal, é aquela que apresenta apenas o *tu* como pronome sujeito de segunda pessoa do singular e prescreve a concordância com esse sujeito somente com a desinência verbal de 2.^a pessoa (-S, -ES, -STE). Já, a regra variável vai dar conta do uso do pronome *você* também como pronome de segunda pessoa do singular e vai dar conta do uso formas marcadas e formas não-marcadas para a concordância verbal com o pronome *tu*.

Os fatores, tanto lingüísticos como sociais, que possam estar influenciando na aplicação da regra de concordância e na escolha do pronome sujeito de segunda pessoa do singular, são as variáveis independentes lingüísticas e sociais que serão analisadas na sequência deste trabalho. No capítulo da revisão bibliográfica, encontram-se mais explicações sobre regra variável – variável dependente – e sobre as variáveis independentes ou grupo de fatores.

As ocorrências do pronome sujeito *tu* foram analisadas de acordo com o seguinte grupo de fatores lingüísticos: *presença ou ausência do pronome, presença ou ausência da marca verbal de segunda pessoa, interação emissor/receptor, paralelismo formal, tempo verbal, saliência fônica, tonicidade do verbo e número de sílabas*. Os grupos de fatores extralingüísticos ou sociais analisados foram: *escolarização, faixa etária, sexo e região*.

Os dados encontrados com o pronome sujeito *você* foram analisados com os mesmos fatores sociais acima relacionados. Para os fatores lingüísticos foram estabelecidos os acima citados com exceção da *saliência fônica, tonicidade do verbo, número de sílabas do verbo e a presença ou ausência de marca verbal de 2.^a pessoa* pelo fato de não haver formas verbais diferentes para a concordância com pronome *você*.

Todos os fatores lingüísticos e sociais foram codificados por meio de símbolos a fim de que pudéssemos rodá-los no programa VARBRUL 2S e dessa forma obter resultados estatísticos que permitissem uma análise variacionista. Os símbolos usados na codificação dos dados estão anexados no final deste trabalho.

4.5.1 Variável dependente

A hipótese inicial era a de que haveria a presença maciça do pronome sujeito *tu* para se referir ao interlocutor nas cidades pesquisadas, conforme estudos já apresentados sobre o uso do pronome *tu* na Região Sul do Brasil (FURLAN, 1989; LOREGIAN, 1996). Para confirmar ou rechaçar essa hipótese era preciso determinar o número de ocorrências de *tu* e de *você*; dessa forma, a variável dependente para a primeira rodada de dados no programa estatístico VARBRUL ficou assim estabelecida:

4.5.1.1 Escolha do pronome de 2.^a pessoa – *tu/você*

- a) *Escolha do pronome sujeito tu pelo falante.* Para esta variável foi considerado o pronome *tu* expresso imediatamente antes, ou presente com elemento interveniente entre o pronome e o verbo, ou ausente, porém recuperável a partir do contexto. Não foi encontrado o pronome *tu* logo após o verbo, isto é, na ordem VS, conforme alguns casos especiais relatados no item 4.3.2.3.

(69) ... **tu** corta o recheio ou Ø bate no liquidificador... (BLU, 01/0042)

(70) Decerto **tu** nem conhece fava. (CHP, 13/1450)

- b) *Escolha do pronome sujeito você pelo falante.* Para esta variável foi considerado o pronome *você* presente imediatamente antes ou após o verbo, ou presente com elemento interveniente, isto é, com alguma palavra entre o pronome e o verbo; ou com pronome ausente, porém recuperável através do contexto.

(71) **Você** tem que orientar, né? (CHP, 19/1192)

(72) ... **você**, assim, é muito conversadeira. (BLU, 09/0838)

(73) ... **você** vem, Ø vê todo mundo de bombacha... (LGS, 18/0673)

Os exemplos (66), (67) e (68) mostram ocorrências do pronome sujeito logo após o verbo, ou seja, na ordem VS.

Em um segundo momento, depois de realizada a análise da escolha do pronome sujeito de segunda pessoa do singular feita pelos informantes das cidades catarinenses de Blumenau, Lages e Chapecó, passamos a analisar a concordância verbal com o pronome *tu*.

De acordo com os estudos de concordância verbal de NARO E LEMLE (1977), que analisaram o emprego alternado de formas verbais para a 3.^a pessoa do plural; e os estudos de MENON (1995), para a 2.^a pessoa do singular, conforme está colocado no capítulo 2, foi formulada a hipótese de que há *formas marcadas* e *formas não marcadas* para a realização da concordância verbal. Esse emprego alternado de formas permite tratar a concordância verbal como uma regra variável, ficando assim estabelecida a segunda variável dependente:

4.5.1.2 Presença/ausência de marca de concordância

- a) *Presença da marca canônica de concordância verbal com o pronome sujeito tu* (-S, -ES, -STE). Também foram considerados com presença de marca de concordância os verbos no *pretérito perfeito do indicativo* com a desinência –SSE conforme os estudos de LOREGIAN (1996, p. 76), pois essa desinência parece ser uma característica dos descendentes de açorianos.

(74) ... **tu és** de ouro ... (BLU, 18/0201)

(75) "... porque **tu vês**, assim, eu gosto de guardar a fisionomia das pessoas..." (CHP, 09/1113)

(76) ... **tu viste** falar na irmã Guiomar? (LGS, 22/0358)

(77) "Tu não **escutasse** eu te chamar?" (BLU, 09/0156)

- b) *Ausência da marca de concordância verbal com o pronome sujeito tu:*

(78) "**Tu vaiØ** no mercado..." (BLU, 12/0474)

(79) "**Tu casôØ**, **tu tem** que assumir,...(CHP, 03/0720)

(80) "**Tu não brigueØ** com a baixinha aí." (LGS, 01/ 1247)

4.5.2 Variáveis independentes

Depois terem sido arroladas as ocorrências de *tu e você* dentro de uma oração, verificou-se em que ambientes elas ocorriam a fim de que pudessem ser estabelecidas as variáveis independentes. Variáveis independentes são os fatores lingüísticos ou sociais que se relacionam com a variável dependente.

4.5.2.1 Variáveis lingüísticas

O estudo das estruturas lingüísticas variáveis pode proporcionar provas empíricas para resolver a alternância de formas estruturais no sistema (LABOV, 1983, p. 167). Isso quer dizer que a heterogeneidade, inerente ao sistema lingüístico, pode ser comprovada sempre que as diversas formas de dizer a mesma coisa, com o mesmo valor de verdade, possam ser demonstradas.

As duas formas do pronome de segunda pessoa do singular, *tu/você*, e as duas formas de concordância verbal com o pronome *tu*, ou seja, com marca de concordância e sem marca de concordância, são estruturas que podem estar sofrendo influências dos grupos de fatores, isto é, das variáveis lingüísticas. Alguns grupos de fatores que serão testados por métodos quantitativos e estatísticos são idênticos a alguns grupos de fatores de LOREGIAN (1996). Essa semelhança tem a finalidade de comparar resultados na variação da concordância verbal com o pronome sujeito *tu* para contribuir com a descrição de um fenômeno lingüístico presente na Região Sul.

Os grupos de fatores abaixo relacionados foram estabelecidos com o objetivo de analisar tanto a alternância de *tu/você* para o tratamento da 2.^a pessoa do singular como as diferentes formas de concordância verbal com o pronome *tu*.

1. **Explicitação do Pronome Sujeito:** a hipótese para este grupo de fatores é a de que a ausência do pronome favorece a aplicação da regra de concordância, sendo assim, a marca verbal surgiria da necessidade de identificar a pessoa do discurso que não está explicitamente relatada. Segundo LOREGIAN (1996, p. 52), a aplicação da regra de concordância se dá em maior número sem o pronome explícito nas localidades por ela estudadas – Florianópolis, Ribeirão da Ilha e Porto Alegre. Para essa variável foram analisados os seguintes fatores:
 - Tu presente imediatamente antes do verbo.
 - Presença de elemento interveniente entre o pronome tu e o verbo.
 - Ausência do pronome tu.
 - Você presente imediatamente antes do verbo.
 - Presença de elemento interveniente o pronome você e o verbo.
 - Ausência do pronome você.

2. **Interação Emissor/Receptor:** A hipótese para este grupo de fatores é a de que há mais marcas de concordância quando falante se dirige ao entrevistador, pelo fato de não ser uma pessoa da sua intimidade. Isto acontece devido ao monitoramento da fala, isto é, o indivíduo tende a monitorar a sua fala de acordo com o a pessoa a quem se dirige – o receptor. A seguir estão relacionados os seis fatores que fazem parte dessa variável:

- Quando o falante se dirige ao entrevistador.
- Quando o falante se dirige a um interveniente.
- Quando o falante repete a fala de outra pessoa.
- Quando o falante se dirige a um interlocutor genérico, indeterminado.
- Uso do pronome na função fática.
- Discurso relatado do próprio falante.

3. **Paralelismo Formal:** No nível do discurso a hipótese formulada é a de que “marcas levam a marcas e zeros levam a zeros” (POPLACK, 1980 *apud* SCHERRE 1991, p. 54 e LOREGIAN 1996, p. 44). Isto quer dizer que na realização da fala, a presença de um verbo com marca de segunda pessoa do singular leva o falante a realizar mais verbos com marcas e a realização de um verbo não marcado leva o falante a realizar mais verbos sem marcas, ou com a marca zero.

- Verbo de uma seqüência de marcas de concordância com o pronome tu;
- Verbo de uma seqüência sem marcas de concordância com o pronome tu;
- Primeiro verbo de uma série dirigido ao pronome sujeito tu;
- Alternância de marcas verbais em relação ao pronome tu, quando o verbo anterior ao analisado apresentar marca de concordância;
- Alternância de marcas verbais em relação ao pronome tu, quando o verbo anterior ao analisado não apresentar marca de concordância;
- Único verbo do período usado com o pronome sujeito tu;
- Primeiro verbo de uma seqüência usado com o pronome sujeito você;
- Verbo de uma seqüência, que não o primeiro, usado com o pronome sujeito você;
- Único verbo do período dirigido ao pronome sujeito você.

4. **Tempo verbal:** A hipótese formulada para este grupo de fatores é a de que o tempo verbal, cuja forma marcada para a segunda pessoa do singular seja mais saliente, possa ser também a que mais se realiza. Hipótese baseada nos estudos de SCHERRE e NARO (1997, p. 93-110).

- Presente do indicativo;
- Pretérito perfeito do indicativo;
- Pretérito imperfeito do indicativo;
- Futuro do pretérito do indicativo;
- Presente do subjuntivo;
- Futuro do subjuntivo;
- Pretérito imperfeito do subjuntivo;
- Imperativo mitigado;
- Infinitivo
- Gerúndio.

5. **Alternância de pronomes de 2.^a pessoa do singular:** A hipótese formulada para este grupo de fatores é a de que há co-ocorrência de pronomes de segunda pessoa – *tu* e *você* – no mesmo falante em um mesmo período. Esse comportamento lingüístico, condenado pela GT, a qual prescreve o uso uniforme do pronome, pode estar influenciando na não-aplicação da regra de concordância verbal com o pronome *tu*.

- pronome *tu* usado anteriormente ao *você* no mesmo período;
- pronome *você* usado anteriormente ao *tu* no mesmo período.

4.5.2.2 Variáveis lingüísticas para a análise da concordância verbal com o pronome sujeito *tu*

Os grupos de fatores relacionados abaixo serão testados somente em relação à variável dependente *presença/ausência* de marca de concordância verbal com o pronome sujeito *tu*. Conforme já era esperado, não foram encontradas formas diferentes para a concordância verbal com o pronome *você*, daí a razão de deixar de lado esse pronome ao testar a possível influência dos grupos de fatores *saliência fônica*, *tonicidade* e *número de sílabas do verbo* para a aplicação da regra de concordância verbal.

1. **Saliência fônica verbal:** A hipótese formulada para este grupo de fatores é a de que o material fônico mais saliente na oposição *marcado/ não marcado* dos verbos que fazem a concordância com o pronome *tu*, possa influenciar na realização de marcas de concordância. *Este princípio consiste em estabelecer que as formas mais salientes, e por isto mais perceptíveis, são mais prováveis de serem marcadas do que as menos salientes* (SCHERRE, 1989, p. 301).

- Nível 1 – acréscimo de –S (está /estás);
- Nível 2 – acréscimo de ES (quer/queres);
- Nível 3 – acréscimo de STE/-SSE (viu/viste/visse).

2. **Tonicidade do verbo:** A hipótese de que os verbos oxítonos são mais marcados que os verbos paroxítonos teve o respaldo de LOREGIAN (1996, p. 81) que demonstra, por meio dos seus resultados, que os verbos oxítonos favorecem a aplicação da regra.

- Oxítono;
- Paroxítono.

3. **Número de sílabas do verbo:** os verbos com maior número de sílabas deverão apresentar mais marcas de segunda pessoa. Esta é a hipótese para este grupo de fatores, a qual tem o respaldo de LOREGIAN (1996, p. 85), que constata a maior realização de marcas de concordância com verbos polissilábicos.

- Monossílabo;
- Dissílabo;
- Trissílabo;
- Polissílabo.

4.5.2.3 Variáveis sociais

Para LABOV (1983, p. 315), *não é possível progredir na compreensão dos mecanismos da mudança lingüística, sem que haja um estudo sério dos fatores sociais que motivam a evolução lingüística*. Isso quer dizer que o estudo dos fatores sociais como *idade, sexo,*

escolaridade e região têm um papel importante no curso de uma evolução lingüística e que eles podem estar condicionando ora o uso de uma, ora o uso de outra forma lingüística.

As variáveis sociais analisadas em relação à variável dependente *a escolha do pronome sujeito tu/você* e em relação à variável dependente *concordância verbal* com o pronome sujeito *tu* são: *escolarização, faixa etária, sexo e região*.

1. **Escolarização:** A hipótese formulada para este grupo de fatores é a de que quanto mais escolarizado for o falante, haverá mais marcas de concordância verbal. Essa hipótese está baseada no papel da escola quanto ao uso da variedade padrão da língua, isto é, quanto mais tempo o indivíduo tem de escolaridade, mais informações a respeito da língua padrão, encontrada nas gramáticas tradicionais, ele deveria ter. Partimos desse princípio pelo fato de a escola privilegiar as normas contidas na GT e entre elas, está o uso de *tu* como pronome de 2.^a pessoa do singular e a concordância a ele atribuída. Dessa forma, o nível de escolarização poderá exercer forte influência na aplicação da regra de concordância verbal e no uso uniforme do pronome de segunda pessoa do singular. Esta hipótese tem como base os resultados de LOREGIAN (1996, p. 97), os quais apontam para a maior realização da concordância verbal na fala dos informantes com maior nível de escolaridade. Quanto à realização do pronome sujeito *tu*, a nossa hipótese é a de que quanto mais escolarizado for o falante, maior a tendência de aparecer esse pronome, justamente por constar na GT como o pronome de segunda pessoa do singular. Como a escola se utiliza da GT no ensino da língua portuguesa, é de esperar que, estando mais tempo na escola, o indivíduo deva usar mais as regras gramaticais por ela preconizada, no seu desempenho lingüístico.

- Primário;
- Ginásio;
- Segundo Grau.

2. **Faixa Etária:** Baseando-se nos resultados de LOREGIAN (1996, p. 99), que encontrou o maior número de concordância verbal na faixa etária dos mais velhos, foi formulada a hipótese de que os falantes com mais de 50 anos tendem a apre-

sentar uma maior realização do pronome *tu* e que haverá mais marcas de concordância verbal. Testar a variação de acordo com a faixa etária tem também a finalidade de verificar se há possibilidade de estar havendo uma *mudança em tempo aparente*, conforme explica NARO (1992, p. 82):

...o estado atual da língua de um falante adulto reflete o estado da língua adquirida quando o falante tinha aproximadamente quinze anos de idade. Assim sendo, a fala de uma pessoa com sessenta anos hoje representa a língua de quarenta anos atrás, enquanto uma pessoa com quarenta anos hoje nos revela a língua de há apenas vinte e cinco anos.

- Falantes de 20 a 50 anos de idade;
- Falantes acima de 50 anos de idade.

3. **Sexo:** Os falantes do sexo feminino tendem realizar um maior número do pronome sujeito *tu* e também tendem realizar mais marcas de concordância verbal com esse pronome. Nossa hipótese para este grupo de fatores baseia-se em PAIVA (1992, p. 71-72), que demonstra haver uma maior sensibilidade nas *mulheres* quanto às formas lingüísticas propagadas pela variedade normativa.

- Masculino;
- Feminino.

4. **Região:** A hipótese formulada para este grupo de fatores é a de que os informantes de Blumenau – região colonizada por alemães, em cuja variedade apresenta o pronome sujeito *tu*, e que está localizada próxima ao litoral habitado por descendentes de açorianos, que também têm presente na fala o pronome *tu* – devem sofrer mais a influência da colonização alemã e açoriana, devendo apresentar um maior uso do pronome *tu* e mais marcas de concordância verbal com esse pronome. Essa hipótese tem o respaldo nos estudos de FURLAN (1989, p. 150-151), que escreve a respeito da ampla difusão do *tu* em Santa Catarina.

- Blumenau;
- Chapecó;
- Lages.

O tratamento estatístico dos dados que constituem as variáveis lingüísticas e sociais foi feito pelo sistema VARBRUL, o qual fornece pesos relativos para os fatores relacionados às diversas variantes, ou seja, indica a probabilidade de aplicação da regra. Por meio dos programas que compõem o pacote VARBRUL são obtidos resultados numéricos, os quais permitem que se faça uma análise com a finalidade de explicar que fatores influenciam a escolha do pronome sujeito de segunda pessoa e a aplicação da regra de concordância com o pronome *tu*, conforme demonstraremos a seguir.

4.6 O PACOTE VARBRUL

O conceito de regra variável foi introduzido na análise lingüística de cunho variacionista por LABOV (1969, *apud* LABOV, 1983, p. 284-285) para resolver os casos de variação estruturada e governada por regras encontradas na língua falada de uma comunidade. Cada ocorrência de uma variável lingüística vem inserida em um enunciado e em um contexto social, conseqüentemente uma série de fatores lingüísticos e sociais poderão estar condicionando o uso dessa variável. A definição da variável a ser estudada e o estabelecimento dos grupos de fatores a serem testados e os dados codificados dentro desses grupos de fatores, torna possível uma análise quantitativa dos fatos recorrentes e freqüentes na língua. Essa quantidade de dados recebem um tratamento estatístico que irão proporcionar os números necessários para dar credibilidade à análise variacionista.

Em 1974, CEDERGREN & SANKOFF (*apud* SILVA & SCHERRE, 1996, p. 44), introduziram modelos probabilísticos com a função de calcular o efeito relativo dos diversos fatores com base em freqüências observadas. Em 1978, ROUSSEAU & SANKOFF apresentaram um novo modelo, denominado misto ou logístico, considerado mais adequado para a análise de fenômenos variáveis. Maiores detalhes a respeito desses modelos matemáticos podem ser encontrados em NARO (*apud* MOLLICA, 1992).

Para a implementação desse modelo matemático David Sankoff desenvolveu um programa computacional denominado VARBRUL e a sua terceira versão para microcomputadores – VARBRUL 2S – foi utilizada neste trabalho de análise variacionista.

Os programas do VARBRUL calculam os pesos relativos de cada variável independente e apresentam uma seleção estatística dos diversos grupos de variáveis analisados. De acordo com SILVA & SCHERRE (1996, p. 48), um aspecto importante desse sistema estatístico é que ele trabalha com diversos níveis de análise, fazendo comparações entre os valores probabilísticos (pesos relativos) atribuídos aos fatores das variáveis.

No nível zero, é corrigida média de aplicação da regra (*input*), isto é, a probabilidade da aplicação da regra, sem que o programa tenha feito as interações com os grupos de fatores. No nível 1, o programa calcula os pesos relativos de cada grupo de fatores isoladamente, atribuindo um nível de significância e efetuando a seleção de uma das variáveis. Após a seleção da primeira variável, o programa vai para o segundo nível da análise, comparando-a com cada uma das outras variáveis, duas a duas atribuindo o *log likelihood* (ou cálculo de verossimilhança máxima) e nível de significância ou margem de erro, o qual não deve passar de 5% para ser considerada estatisticamente relevante; desta forma o VARBRUL seleciona a segunda variável mais relevante do ponto de vista estatístico. As duas variáveis selecionadas são comparadas no nível três com as outras variáveis, três a três, com a finalidade de selecionar a terceira variável. Dessa maneira, o programa continua fazendo a comparação das variáveis selecionadas com as outras até que todas as variáveis estatisticamente relevantes sejam selecionadas. Esse seleção que vai do nível 0 (zero) ao nível N é feita automaticamente pelo processo chamado *stepup* e a eliminação dos fatores, ou variáveis não relevantes à análise, é feita mediante um processo inverso chamado *stepdown*, que vai do nível N ao nível 1, verificando se as variáveis eliminadas são as mesmas que foram selecionadas pelo *stepup*.

Dessa forma, o programa efetua possíveis combinações de fatores para cada dado encontrado e fornece o resultando em um número fracionário – o *peso relativo* – que indica a probabilidade de aplicação da regra, para cada fator analisado. Para testar todos os grupos de fatores, ou seja, as variáveis independentes em relação à variável dependente, com o objetivo de obter o peso relativo (ou probabilidade de aplicação da regra), rodam-se os dados no programa IVARB. Esse programa trabalha com a regra variável, atribuindo pesos relativos aos fatores das variáveis independentes correlacionados às duas variantes de um mesmo fenômeno lingüístico. Esse programa processa o sistema *stepup* e o sistema *stepdown* que calcula as significâncias dos grupos de fatores, comparando-os entre si e selecionando o mais significativo para a aplicação da regra. Esses recursos proporcionados pelo pacote de programas VARBRUL permitem ao lingüista um controle maior dos dados e conseqüentemente a possibilidade de efetuar uma análise lingüística mais apurada.

O sistema VARBRUL 2S é um excelente recurso estatístico para o tratamento de dados lingüísticos, porém não se deve nunca perder de vista o fato de que, na análise final, o Varbrul é apenas um recurso (embora sofisticado) para a manipulação de dados. (GUY, 1988).

5 ANÁLISE DOS RESULTADOS

Os resultados apresentados neste capítulo foram obtidos mediante o pacote de programas VARBRUL, versão 2S, que analisa estatisticamente dados lingüísticos variáveis. Essa versão foi criada por Susan Pintzuk em 1986, com base no programa de Donald Hindle (Make3000) e em algoritmos escritos por David Sankoff e Pascale Rousseau² (VARB 2000), com o objetivo de dar suporte matemático às análises dentro de uma perspectiva variacionista laboviana (AMARAL, 1998).

Para a utilização dos programas VARBRUL 2S, seguimos as orientações contidas na *Introdução ao Pacote VARBRUL para Microcomputadores* de SCHERRE (1992) e também seguimos as orientações de AMARAL (1998). SCHERRE esclarece que o seu manual é uma introdução ao escrito por PINTZUK (1988), cujo linguajar técnico pressupõe conhecimentos prévios de uso de computador; por essa razão, SCHERRE elaborou a introdução ao pacote VARBRUL com a finalidade de auxiliar os pesquisadores interessados em operá-lo. *O Pacote VARBRUL* de Luís I. C. Amaral, professor da Universidade Federal de Pelotas, organiza os programas do VARBRUL em uma versão criada para facilitar o acesso aos programas de computador e para agilizar as rodadas dos dados mediante esclarecimentos e ilustrações, passo a passo, de cada procedimento que os programas exigem. AMARAL esclarece que seu texto é complementar ao texto de Marta Scherre e pressupõe a utilização do mesmo para a interpretação de dados.

5.1 A PRIMEIRA RODADA DOS DADOS

A primeira rodada dos dados codificados de acordo com as normas estabelecidas pelo pacote VARBRUL (PINTZUK, 1988 *apud* SCHERRE, 1992), foi feita com todos os grupos de fatores e teve como variável dependente, a oposição *tu/você*, a fim de que pudessemos detectar quais os fatores estariam influenciando no uso de um ou outro pronome de segunda pessoa do singular. A rodada do programa MAKECELL, feita com os 39 fatores ana-

² Conforme 4.6 O Pacote VARBRUL.

lisados, apresentou *knockout* em 13 fatores, isto é, não ocorreu variação nesses fatores por se apresentarem em 100% ou 0% das ocorrências, não podendo portanto ser analisados na sequência dos programas VARBRUL. O arquivo de células preparado pelo Makecell após a retirada dos *knockouts* permite aplicar o programa VARB 2000 ou programa da regra variável para obter a seleção das variáveis.

Em vista desses *knockouts*, tiveram que ser eliminados três grupos de fatores e uma variante, ou um fator de um grupo. O primeiro grupo eliminado foi a *presença/ ausência de marcas de concordância*, pois com as ocorrências do pronome *você* não há alternância de marcas de concordância verbal, não havendo, portanto variação nas formas de concordância com esse pronome, sendo necessário eliminá-lo para todas as rodadas em que *tu/você* funcionasse como variável dependente.

O segundo grupo eliminado foi o *paralelismo formal*, visto que não é possível analisar igualmente pronomes que sofrem alternância nas formas de concordância verbal (*tu*), e pronomes que não sofrem essa alternância (*você*). Dessa forma, o programa registrou *knockout* em todo o grupo, sendo necessário eliminá-lo para todas as rodadas com a variável dependente *tu/você*.

O terceiro grupo eliminado foi *alternância de pronomes de 2.ª pessoa*, pois houve uma polarização entre os índices de casos com *tu* antes de *você* e de *você* antes de *tu* no mesmo período: 21 ocorrências de *tu* precedido de *você* – 95% de frequência e 22 ocorrências de *você* precedido de *tu* – 100% de frequência. Esse resultado de 95% e 100% de frequência leva o programa a registrar *knockout* por essa razão não é possível utilizar esse grupo de fatores para as próximas rodadas dos dados. Exemplos:

(87) ... mas **você** é responsável por aquilo que **tu** fazes. (BLU, 18/0261)

(88) ... acho que **tu não pode** sair porque **você está** tão bem aí. (CHP, 15/0367)

No grupo de fatores *tempo verbal*, houve apenas sete ocorrências de *gerúndio* e todas elas com o pronome *você*, não havendo, portanto, nenhuma ocorrência desse tempo verbal com o pronome *tu*, daí a razão do *knockout*, levando-nos a eliminá-la para a rodada seguinte.

Os resultados dessa rodada serviram para apresentar a quantidade exata de dados analisados (2.155), apontando para a menor ocorrência do pronome sujeito *tu* (561) em contrapartida com as ocorrências do pronome sujeito *você* (1.594). Foi bastante surpreendente a alta frequência do uso de *você* (74%) e a baixa frequência do uso de *tu* (26%) em relação ao total das ocorrências do pronome sujeito de segunda pessoa do singular. Esperávamos obter um número mais expressivo de ocorrências de *tu* nas três cidades de Santa Catarina, visto que o nosso parâmetro de comparação estava centrado no trabalho de LOREGIAN (1996), que obteve um número mais expressivo de ocorrências de *tu* em duas localidades de Santa Catarina e na capital gaúcha. Ela encontrou 935 ocorrências em Florianópolis, SC, com 36 informantes, e 425 no Ribeirão da Ilha, SC, com 12 informantes, totalizando 1360 ocorrências em Santa Catarina. Em Porto Alegre, a capital gaúcha, LOREGIAN encontrou 740 ocorrências com 24 informantes. Conforme podemos constatar, houve 2.100 ocorrências de *tu* nas entrevistas de 72 informantes no *corpus* de LOREGIAN, enquanto no nosso *corpus*, que também é composto de dados retirados de entrevistas de 72 informantes de Blumenau, Lages e Chapecó, houve apenas 561 ocorrências do pronome sujeito *tu*.

O número de ocorrências de *tu/você* encontradas nas três cidades catarinenses analisadas neste trabalho e a distribuição de cada pronome por cidade tiveram uma alteração em relação aos dados da Tabela 1. Isso porque as sete ocorrências do pronome sujeito *você* com verbo no gerúndio e que foram arroladas nos exemplos (89) a (95), foram eliminadas por não apresentar variação:

- (83) Você **sabendo** navegar o caiaque,... (BLU, 11/1524)
- (84) Eu vejo que você se – que Ø **olhando**, assim, ... (BLU, 21/0268)
- (85) ... e só se você **vendo**. (BLU, 23/0479)
- (86) ... e você **colocando** aliança. (LGS, 10/0423)
- (87) Você me **ajudando** vamos ver se dá certo. (LGS, 10/0546)
- (88) ..., você **participando**, né? (LGS, 17/1336)
- (89) ... talvez você **conversando** com alguém de lá,... (LGS, 22/0367)

Em vista dessa modificação, o nosso *corpus* ficou com 561 ocorrências do pronome sujeito *tu* e 1.587 ocorrências com o pronome sujeito *você*, totalizando **2.148** ocorrências de pronome sujeito de segunda pessoa.

5.2 RESULTADO DA ANÁLISE COM A VARIÁVEL DEPENDENTE TU/VOCÊ

Eliminados agora os fatores que deram *knockout*, passamos à segunda rodada dos dados nos programas do VARBRUL que estabelece a aplicação da regra variável (VARB 2000). A nossa atenção, nesse momento, ficou centralizada nos grupos de fatores selecionados estatisticamente com a finalidade de encontrar explicações para os números obtidos, os quais devem indicar uma interferência na escolha dos pronomes usados para o interlocutor. Antes de analisarmos cada grupo selecionado pelo programa através do processo *stepup*³, é importante mencionar que somente um grupo de fatores foi eliminado pelo processo *stepdown*⁴, o *tempo verbal*, e ele coincide com o não selecionado pelo processamento *stepup*. Essa coincidência entre grupo não selecionado e grupo eliminado representa a prova estatística que leva à distribuição complementar dos grupos, demonstrando um *status* estatístico definido.

O grupo *tempo verbal* foi o único a ser eliminado pelo programa por não ser relevante à aplicação da regra, pois apresentou uma margem de erro superior a 5% (,050), não sendo considerado estatisticamente relevante em relação à variável dependente que está sendo analisada. Portanto, a variável *tempo verbal* não exerce influência na escolha do pronome sujeito *tu*, indicando que tanto o uso do pronome sujeito *tu*, como o uso do pronome sujeito *você* não está condicionado pelos tempos verbais usados na fala dos informantes das cidades pesquisadas.

Os grupos de fatores selecionados pelo VARBRUL para a análise da alternância dos pronomes sujeito de segunda pessoa seguiram a seguinte ordem de relevância: *região*, *sexo*, *faixa etária*, *interação emissor/receptor* e *escolaridade*.

5.2.1 Região

A primeira variável selecionada nessa rodada de dados nos programas do VARBRUL, foi *região*, indicando que esse grupo de fatores demonstrou maior condicionamento para a aplicação da regra, isto é, para o uso do pronome sujeito *tu*.

³ *Stepup* é o processo de seleção das variáveis relevantes, o qual vai do nível 0 ao nível N.

⁴ *Stepdown* é o processo que elimina as variáveis não relevantes, inversamente ao *stepup*, e vai do nível N ao nível 0.

Segundo AMARAL (1998, p. 11), para analisarmos o peso relativo temos que observar com mais atenção aqueles que estão acima de 0,60 ou os que estão muito abaixo desse índice. Levando-se em conta que 0,50 é o ponto neutro, quanto mais baixo desse índice for o peso, mais desfavorecida estará a regra e quanto mais acima ele estiver, mais favorecida se encontrará a regra. Portanto, o peso relativo Chapecó (0,79) indica que há maior probabilidade de uso do pronome sujeito *tu* nessa região.

O peso relativo, ou a probabilidade de aplicação da regra foi mais alto para Chapecó (0,79), seguido de Blumenau (0,51) e de Lages (0,35), conforme pode ser observado na tabela 2. Esperávamos que a região de Blumenau apresentasse a maior probabilidade de aplicação do pronome sujeito *tu*, porém ela recebeu um peso relativo próximo do ponto neutro, indicando que tanto há probabilidade do uso de *tu* como de *você*.

TABELA 2 – O USO DO PRONOME SUJEITO TU DE ACORDO COM A REGIÃO

FATORES	Nº DE OCORRÊNCIAS/ TOTAL	%	PESO RELATIVO
Blumenau	113 / 499	23	0,51
Chapecó	263 / 521	50	0,79
Lages	185 / 1.128	16	0,35
TOTAL	561 / 2.148	26	

Nos estudos de MENON (2000, p. 26) encontramos algumas possíveis explicações a respeito do largo uso de *você* na região de Lages:

Sabemos, por alguns resultados de trabalhos em curso, p. ex. do ALERS – Atlas Lingüístico e Etnográfico da Região Sul, que a frente de colonização que partiu de São Vicente rumo ao sul, passando pela região de Curitiba, atravessando Santa Catarina no planalto de Lages e penetrando no Rio Grande do Sul, dando origem aos caminho das tropas, que seria incrementado posteriormente no transporte dos muares de Viamão a Sorocaba, parece ter deixado, no seu rastro, uma larga faixa de utilização você, o que explicaria, entre outras coisas, o fato de Curitiba ou São Paulo não usarem tu, ou, ainda, em trabalho em curso, com dados do VARSUL, estar aparecendo que Lages emprega maciçamente você, em detrimento do tu, sempre citado como em uso em Santa Catarina.

É interessante notar que a localidade de Lages em Santa Catarina, que fez parte do caminho dos vicentinos e, conforme MENON coloca acima, apresenta o pronome sujeito *você* em larga escala no nosso *corpus*, enquanto o uso de *tu* se apresentou em apenas 16% nas ocor-

rências, obtendo o menor peso relativo (0,35), significando que Lages é a região que mais desfavorece a aplicação do uso de *tu* em relação as outras duas cidades pesquisadas – Blumenau e Chapecó.

Os habitantes de Chapecó (0,79), por ser uma cidade de colonização italiana, devem estar sofrendo mais a influência lingüística dessa colonização e por essa razão apresentaram a maior probabilidade de aplicação do uso do pronome *tu* ao se dirigirem a segunda pessoa do singular.

Em uma escala decrescente, temos a cidade de Chapecó (0,79) como a mais relevante para a aplicação do uso de *tu*, em seguida, temos Blumenau (0,51) e Lages (0,35). Em contrapartida, temos a cidade de Lages (0,65) como a mais relevante para o uso de *você*, seguindo de Blumenau (0,49) e Chapecó (0,21). Esses resultados nos levam a crer que outros fatores podem estar interferindo no uso do pronome *você*, o qual é bastante expressivo nessas três cidades, levando-nos a entender que esse pronome também deva ser pesquisado e analisado a fim de que se possam encontrar as causas de tamanha ocorrência do pronome sujeito *você* usado para a segunda pessoa do singular em localidades onde se esperava a preponderância do pronome sujeito *tu*.

5.2.2 Sexo

A segunda variável selecionada aponta para a maior realização do pronome sujeito *tu* nos informantes do sexo feminino (0,63), enquanto o fator masculino (0,40) recebeu um peso relativo mais baixo conforme pode ser observado na tabela 3. Isto indica que o sexo feminino mostrou-se mais sensível ao uso de *tu*.

TABELA 3 – USO DO PRONOME SUJEITO TU EM RELAÇÃO AO SEXO DO INFORMANTE

FATORES	Nº DE OCORRÊNCIAS/ TOTAL	%	PESO RELATIVO
Feminino	339 / 895	38	0,63
Masculino	222 / 1.253	18	0,40
TOTAL	561 / 2.148	26	

Conforme PAIVA (1992, p. 71), *os fenômenos de mudança lingüística podem ser classificados em mudanças em direção a uma forma prestigiada ou em mudanças em direção a uma forma não prestigiada*, mas como a nossa pesquisa não contempla fatores subjetivos em relação ao uso dos pronomes de segunda pessoa *tu/você* nas cidades analisadas, não podemos fazer nenhum tipo de afirmação em relação a estigmatização de um ou de outro pronome. O pronome sujeito *tu* de segunda pessoa do singular é categórico nas gramáticas tradicionais; e o pronome sujeito *você* é largamente utilizado no português do Brasil, partindo dessa afirmativa, poderíamos pensar que não há desprestígio quanto ao uso de *tu* ou de *você* nas cidades pesquisadas, porém é preciso que se faça uma pesquisa abordando os aspectos subjetivos que envolvem o uso desses pronomes nessas regiões para que possamos ter uma resposta que corresponda à realidade.

5.2.3 Faixa etária

O terceiro grupo de fatores escolhido pelo programa VARBRUL foi *faixa etária*, o qual aponta para a maior porcentagem do pronome sujeito *tu* no grupo de informantes que tem idade inferior a 50 anos, conforme nos mostra a tabela a seguir:

TABELA 4 – REALIZAÇÃO DO PRONOME TU DE ACORDO COM A FAIXA ETÁRIA

FATORES	N.º DE OCORRÊNCIAS/ TOTAL	%	PESO RELATIVO
20 a 50 anos	451 / 1.443	31	0,62
Acima de 50 anos	110 / 705	16	0,27
TOTAL	561 / 2.148	26	

Como pode ser observado na tabela 4, os informantes com menos de 50 anos (0,62) tendem a aplicar a regra de uso do pronome *tu*, apresentando um peso relativo acima do ponto neutro, enquanto os informantes com mais de 50 anos (0,27) desfavorecem a aplicação da regra, portanto, é mais provável o uso de *tu* entre os *mais jovens*.

Esperava-se que os informantes mais velhos obtivessem um número maior do pronome *tu* que os mais jovens – hipótese baseada na força da mídia que poderia estar influenci-

ando principalmente os jovens no uso do pronome *você*. Isto estaria acontecendo porque o pronome *você* tem um largo uso no território nacional sobretudo no eixo Rio – São Paulo, de onde obtemos grande parte das informações veiculadas pela mídia televisiva. Porém, os dados dos informantes jovens contrariam essa hipótese, levando-nos a pensar que a fala dos mais jovens deve estar condicionada a outros fatores, possivelmente relacionados a pressões da escola, do grupo de amigos e do mercado de trabalho. Mais uma vez, parece-nos que precisaríamos de uma análise dos fatores subjetivos que envolvem o fenômeno para obtermos uma resposta condizente com a realidade.

Na tentativa de encontrar uma explicação para a baixa realização de pronome sujeito *tu* na faixa etária dos mais velhos, recorreremos aos estudos de NARO (1992, p. 84), os quais nos mostram que o pode falante mudar a sua língua no decorrer dos anos, contrapondo a hipótese clássica que pretende a estabilidade da língua após a puberdade. Para termos a certeza de que está ocorrendo mudanças em relação à escolha do pronome nos indivíduos acima de 50 anos, precisaria ser feito um estudo em *tempo real*, isto é, estudar a fala desses informantes mais jovens daqui a 20 ou 30 anos e fazer um paralelo com os estudos que estamos apresentando.

5.2.4 Interação emissor/receptor

A variável lingüística *interação emissor/receptor*, mesmo tendo apresentado três fatores com peso relativo acima do ponto neutro, conforme se pode observar na tabela 5, não se mostrou muito relevante na totalidade do grupo para a escolha do pronome sujeito de segunda pessoa, ficando em quarto lugar na ordem de seleção estabelecida pelo VARBRUL de acordo com o grau de relevância.

Podemos observar na tabela 5 que o maior número de ocorrências se deu quando o falante se dirigia a um *interlocutor genérico* (317), ou seja, aquele que leva à indeterminação do sujeito, conforme o exemplo (96). A razão para este número expressivo em relação ao total é devido ao tipo de “conversa” estabelecida entre o entrevistador e o entrevistado, isto é, não há um diálogo efetivamente, mas o que existe é uma pessoa fazendo perguntas e outra respondendo. O entrevistador faz as perguntas ao entrevistado que as responde relatando fatos já acontecidos, portanto, ele vai narrando acontecimentos, ou o entrevistado vai informando o

entrevistador dos costumes, da cultura, da política, da educação, da saúde que envolvem a comunidade a que pertence. Esta situação não gera um diálogo real e por isso as ocorrências com o pronome *tu* em um sentido interativo, conforme o exemplo (90), são mais raras.

(90) Hoje em dia, tu não tens tempo pra nada. (BLU, 10/0276)

TABELA 5 – REALIZAÇÃO DO PRONOME TU DE ACORDO COM A INTERAÇÃO EMISSOR/RECEPTOR

FATORES	Nº DE OCORRÊNCIAS/ TOTAL	%	PESO RELATIVO
Indeterminado	317 / 1.449	22	0,45
Dirige-se ao entrevistador)	103 / 350	29	0,56
Função fática	43 / 73	59	0,85
Discurso relatado	71 / 217	33	0,54
Discurso relatado próprio	26 / 57	46	0,75
Dirige-se a um interveniente	01 / 02	50	0,94
TOTAL	561 / 2.148	26	

O fator que recebeu o peso relativo mais alto (0,94) é aquele em que o falante se dirige a uma outra pessoa que não seja o entrevistador – a um interveniente. Como se pode observar na tabela 5, houve apenas duas ocorrências do pronome sujeito de segunda pessoa para esse fator – uma para o pronome *tu*, conforme o exemplo (91), e outra para o pronome *você*. Essa baixíssima ocorrência foi uma razão encontrada para explicar o peso relativo alto fornecido pelo VARBRUL, isto quer dizer que nessa *situação rara*, o programa calcula que o falante deverá realizar o pronome *tu*. Mas, mesmo tendo um peso relativo bastante alto, não é possível afirmar que esse fator exerça influência na escolha do pronome *tu*, pois além de apresentar poucas ocorrências, apresentou uma distribuição equilibrada entre *tu* e *você*.

(91) Tu quer trazer o livro ali que eu mostro o colégio pra elas. (LGS, 06/0122)

A função fática – aquela que ocorre quando a linguagem tem a função de assegurar ou manter contato entre o falante e o destinatário (DUBOIS *et alii*, 1973, p. 275) – foi selecionada e recebeu um peso relativo cem acima do ponto neutro (0,85), indicando uma tendência maior na escolha do pronome *tu* nessa situação, até mesmo porque os termos usados em função fática tendem a uniformizar-se, formando uma expressão cristalizada. A seguir colocamos alguns exemplo do pronome *tu* usado na função fática:

- (92) Daí, então, ia, *tu vês*, era mais ... (BLU, 04/0224)
 (93) ... *você vê*, eles vêm – lá do norte do Paraná, ... (BLU, 11/1046)
 (94) *Tu vê*, eu comecei ir na aula com treze anos. (CHP, 03/0128)
 (95) *Tu vê*, a menina de oito anos não foi batizada. (LGS, 17/1256)
 (96) ..., *você vê*, qualquer briguinha estão puxando a faca... (LGS, 16/0830)

O terceiro fator que recebeu o peso relativo acima de 0,60 foi aquele em que o falante relata o seu próprio discurso (0,75), sendo encontrado em 26 ocorrências, conforme os exemplos:

- (97) “se foi tão bom assim, por que *tu voltô*?” (BLU, 17/0973)
 (98) “*tu tem* a mãe, que te leva, a mãe que te traz” (CHP, 09/0993)
 (99) “eu digo, *tu faz* o seguinte,...” (LGS, 20/0732)

O *discurso relatado* do próprio falante (0,75) obteve um peso relativo alto, levando-nos a pensar que nessa situação o falante pode parar por um instante para lembrar o que havia falado em outro momento e que gostaria de repetir. Essa possível parada na fala, poderia permitir ao indivíduo fazer uma adequação do seu discurso de acordo com o grau de intimidade com o seu interlocutor, podendo resultar em um maior monitoramento da fala. Esse suposto monitoramento poderia levar o indivíduo a mudar de estilo quando ele achasse necessário.

A indeterminação (0,45) ocorreu quando o falante se dirigiu a um interlocutor genérico, indeterminado. Isso quer dizer que esse fator está desfavorecendo a aplicação da regra, ou seja, o uso do pronome sujeito *tu*. Esse resultado indica, na nossa amostra, que na situação de indeterminação do sujeito, o falante tende a usar o pronome *você*.

5.2.5 Escolarização

A variável social *escolarização* (0,59) demonstrou que o ginásio apresenta um peso relativo superior ao do segundo grau, rechaçando a nossa hipótese para esse grupo de fatores que apostava em uma maior realização de *tu* para esse último fator.

TABELA 6 – REALIZAÇÃO DO PRONOME TU DE ACORDO COM A ESCOLARIZAÇÃO

FATORES	Nº DE OCORRÊNCIAS/ TOTAL	%	PESO RELATIVO
Primário	104 / 498	21	0,42
Ginásio	206 / 734	28	0,59
Segundo grau	251 / 916	27	0,47
TOTAL	561 / 2.148	26	

O peso relativo mais alto para o *ginásio* (0,59) indica que há maior probabilidade de uso de *tu* com os falantes de nível ginásial. Conforme podemos observar na tabela acima, os informantes com o grau ginásial apresentaram uma diferença no peso relativo de (0,12) em relação ao peso relativo dos informantes de segundo grau e uma diferença de (0,17) em relação ao peso relativo dos informantes do primário. Essas diferenças entre os pesos relativos também podem ser índices que apontam para o grau ginásial, indicando que é nesse fator que há maior probabilidade de aplicação da regra.

Esse resultado é bastante surpreendente, uma vez que era esperada uma maior realização de *tu* no segundo grau, que é o grau mais elevado nos informantes do nosso *corpus*. Essa expectativa estava baseada na influência que a escola poderia ter no desempenho linguístico dos indivíduos, porém, de acordo com os nossos resultados, a escola não se mostrou assim tão influente conforme o esperado, pois o resultado do segundo grau (0,47) se aproximou mais do resultado do primário (0,42), indicando que os anos de escolaridade não constituíram um fator relevante quanto ao uso do pronome sujeito *tu*, na nossa amostra.

Os resultados alcançados nessa variável nos intrigam, pois se a probabilidade de aplicação da regra é maior no ginásio do que no primário, por que razão ela diminuiria no segundo grau? Encontramos alguma explicação para esse fato em PACKER⁵ (1990, p. 83), que concluiu que a escola em Jaraguá do Sul incentiva o uso do pronome *você* por ser a forma socialmente prestigiada e para que os alunos não tenham tantos problemas de concordância verbal com *tu*. É uma explicação plausível se levarmos em conta que o pronome sujeito *você* usado para a segunda pessoa do singular tem largo uso nas regiões estudadas, em cujas varie-

⁵ PACKER, Sônia Maria, 1990. Dissertação de Mestrado, cujo *corpus* foi formado com dados de informantes da cidade de Jaraguá do Sul – SC. Os dados de PACKER passaram por um teste de significância (teste do Qui-quadrado), porém, não foram rodados nos programas do pacote VARBRUL.

dades lingüísticas está presente o pronome *tu*, e que a presença de *você* poderia estar influenciando na concordância verbal de *tu* sem marca de concordância. O falante com um nível maior de escolaridade teria consciência desse fenômeno e para evitar o uso da concordância verbal que não faz parte da língua padrão e com isso evitar problemas de ordem social, ele tenderia a usar mais o pronome sujeito *você*. Essas explicações precisariam ser testadas por uma análise subjetiva desse fenômeno lingüístico para obtermos resultados que levassem a confirmar ou a rechaçar o incentivo da escola no uso de *você* em Blumenau, Chapecó e Lages.

5.2.6 Resultado geral da primeira rodada da variável dependente *tu/você*

A análise dos resultados da segunda rodada dos dados nos programas do pacote VARBRUL, cuja variável dependente é a escolha do pronome sujeito *tu* em contrapartida à escolha do pronome sujeito *você*, levou-nos à seguinte conclusão:

- 1) O número de realizações do pronome sujeito *você* (1.587) é superior em relação ao número de ocorrências do pronome sujeito *tu* (561). O peso relativo do pronome *tu* (0,26) indica o seu desfavorecimento em relação à aplicação da regra de uso do pronome sujeito *tu*.
- 2) A variável *região* é aquela que apresentou maior relevância para a escolha do pronome sujeito *tu*. Chapecó obteve o maior peso relativo (0,79), indicando a maior probabilidade do uso desse pronome. Lages (0,35) indica ser a cidade que tem a menor probabilidade de uso de *tu* e Blumenau (0,51) ficou em uma situação intermediária, com o peso relativo muito próximo do ponto neutro (0,50), praticamente não favorecendo, nem desfavorecendo a aplicação da regra.
- 3) O sexo feminino (0,63) obteve o peso relativo mais alto para esse grupo de fatores, indicando que há uma probabilidade um pouco maior do uso pronome sujeito *tu* na fala das mulheres, enquanto sexo masculino (0,40) tende a desfavorecer o uso do *tu*.

- 4) Com relação à faixa etária, foram os mais jovens que apresentaram a maior probabilidade de aplicação da regra (0,62), enquanto os mais velhos (0,27) obtiveram o peso relativo abaixo do ponto neutro, desfavorecendo o uso de *tu*.
- 5) O pronome sujeito *tu* usado na *função fática* (0,85) recebeu um peso relativo, indicando o favorecimento da regra com o pronome *tu* usado para manter o interlocutor atento.
- 6) No grupo de fatores *escolaridade* foi o *ginasial* (0,59) que apresentou o maior peso relativo mais alto, surpreendendo as nossas expectativas que apostavam no *segundo grau* como aquele que apresentaria maior relevância na aplicação da regra de uso do *tu*.

O estudo das variáveis selecionadas para a escolha dos pronomes *tu/você*, levou-nos a observar que das cinco as variáveis selecionadas, apenas uma é lingüística (*interação emissor/receptor*) as outras quatro são sociais (*região, sexo e faixa etária e escolaridade*). Isso demonstra que os grupos de fatores sociais se mostraram mais influentes na escolha do pronome sujeito *tu* e, por essa razão, decidimos rodar os dados em um programa de computador chamado de Crosstab, que faz o cruzamento de duas variáveis independentes, possibilitando a criação de tabelas comparativas.

5.2.7 Resultado do cruzamento de variáveis com a variável dependente *tu/você*

A observação do condicionamento das variáveis sociais – *região, faixa etária, escolaridade e sexo* – levou-nos a rodar os dados no programa Crosstab, o qual faz parte do pacote de programas VARBRUL e constitui-se em mais uma das ferramenta de trabalho que o lingüista pode fazer uso para se certificar das possíveis interferências entre dois grupos de fatores. Mediante a comparação das variáveis sociais, duas a duas, obtivemos o resultado das porcentagens a elas atribuído e que certamente poderá auxiliar a esclarecer os fatos que envolvem a variação dos pronomes sujeito *tu/você*.

O programa Crosstab permitiu o cruzamento dos dados das variáveis sociais, utilizando o arquivo de células gerado pelo programa Make3000 do pacote de programas do VARBRUL. Ao cruzar as variáveis, o programa atribuiu as porcentagens referente a cada fator

sobre o total das ocorrências de *tu* e sobre o total das ocorrências dos pronomes de segunda pessoa – *tu* e *você*.

TABELA 7 – REGIÃO X FAIXA ETÁRIA, ESCOLARIDADE E SEXO COM A VARIÁVEL DEPENDENTE ESCOLHA DE *TU/VOCÊ*

FATORES	BLUMENAU			CHAPECÓ			LAGES			TOTAL		
	Oc.	Total	%	Oc.	Total	%	Oc.	Total	%	Oc.	Total	%
20 a 50 anos	97	321	30	199	316	63	155	806	19	451	1.443	31
Acima 50 anos	16	178	9	64	205	31	30	322	9	110	705	16
TOTAL	113	499	23	263	521	50	185	1.128	16	561	2.148	26
Primário	41	147	28	46	123	37	17	228	07	104	498	21
Ginásio	28	146	19	110	173	64	68	415	16	206	734	28
2º Grau	44	206	21	107	225	48	100	485	21	251	916	27
TOTAL	113	499	23	263	521	50	185	1.128	16	561	2.148	26
Feminino	82	172	48	148	245	60	109	478	23	339	895	38
Masculino	31	327	09	115	276	42	76	650	12	222	1.253	18
TOTAL	113	499	23	263	521	50	185	1.128	16	561	2.148	26

Na Tabela 7 podemos observar o resultado do cruzamento da variável região com as variáveis *faixa etária*, *escolaridade* e *sexo*, indicando que a cidade de Chapecó é a região em que os falantes usam mais o pronome *tu*, especialmente entre os falantes mais jovens cujo nível de escolarização seja o ginásial, embora o número de falantes que usam *tu/você* seja praticamente o mesmo nas três regiões: Blumenau, 18; Chapecó, 17, e Lages, 18. Os resultados contidos nessa tabela confirmam aqueles encontrados anteriormente e descritos na seção 5.2, e colaboram para que as explicações sobre a escolha do pronome de segunda pessoa do singular tenham maior respaldo estatístico.

Conforme podemos observar, de um total de 451 ocorrências do pronome *tu* na faixa etária dos mais jovens, 199 são de informantes de Chapecó, recebendo 63% de frequência desse pronome para os mais jovens.

O cruzamento dessas variáveis proporcionou-nos uma visão da interferência dos mais jovens sobre a região de Chapecó e confirma os resultados já obtidos na seção 5.2.3, que indicam a maior probabilidade de aplicação da regra de uso do *tu* na faixa etária dos indivíduos com menos de 50 anos (,62). Os mais jovens tendem a ser inovadores, inclusive na maneira de falar, e essa situação de maior uso de *tu* entre eles leva-nos a pensar que possa estar havendo uma variação estável entre *tu* e *você*.

Passando agora a observar o comportamento lingüístico dos informantes de acordo com os níveis de escolaridade em cada região estudada, obtemos números indicando que são os falantes de Chapecó com grau ginasial de escolaridade que têm maior tendência para realizar o pronome sujeito *tu*. Observando o uso de *tu* no nível ginasial nas três cidades pesquisadas, encontramos o maior número de ocorrências na cidade de Chapecó, confirmando o resultado encontrado na seção 5.2.5 mediante o peso relativo fornecido pelo VARBRUL como o mais alto para o nível ginasial (0,59), apontando o favorecimento do uso de *tu* nesse fator.

Pelo resultado do cruzamento da variável *região* com a variável *sexo*, certificamos que são os informantes do sexo feminino da cidade de Chapecó que realizam mais o uso do pronome *tu*. Na seção 5.2.2 já havíamos chegado a resultados que indicavam alguma tendência de as mulheres realizarem mais o pronome *tu*, porém como não fizemos uma análise subjetiva do uso desse pronome sujeito, não é possível determinar se essa é uma atitude mais conservadora ou mais inovadora. Parece-nos, de acordo com os estudos feitos sobre a variável *sexo* que apresentou um peso relativo mais alto para o sexo feminino (0,63), que há uma tendência do uso de *tu* nesse fator, indicando uma atitude conservadora por parte das mulheres.

A variável *escolaridade* também foi cruzada com as variáveis *sexo* e *faixa etária*, para verificar se há interferência algum fator de uma variável sobre algum fator da outra, levando o indivíduo a realizar mais o pronome *tu* em uma determinada situação. Na tabela abaixo podemos visualizar o número de ocorrências e a frequência dos fatores cruzados:

TABELA 8 – ESCOLARIDADE X SEXO E FAIXA ETÁRIA NO USO DE TU/VOCÊ

FATORES	P: PRIMÁRIO			G: GINÁSIO			S: 2º GRAU			TOTAL		
	Oc.	Total	%	Oc.	Total	%	Oc.	Total	%	Oc.	Total	%
Feminino	60	166	36	172	299	58	107	430	25	339	895	38
Masculino	44	332	13	34	435	8	144	486	30	222	1.253	18
TOTAL	104	498	21	206	734	28	251	916	27	561	2.148	26
20 a 50 anos	80	374	21	152	350	43	219	719	30	451	1.443	31
Acima 50 anos	24	124	19	54	384	14	32	197	16	110	705	16
TOTAL	104	498	21	206	734	28	251	916	27	561	2.148	26

Das 339 ocorrências de *tu* encontradas na fala das mulheres, 172 foram para as informantes com o grau ginasial e, das 206 ocorrências de *tu* realizadas pelos informantes com grau ginasial, 152 foram para os mais jovens. Depreende-se a partir desses resultados que o uso do pronome sujeito *tu* é mais favorecido na fala das mulheres jovens com o grau ginasial.

Observando as porcentagens de cada fator, verificamos que a menor frequência na tabela 8 foi no grupo dos mais velhos com o grau ginasial. Mais uma vez ficamos intrigados com os resultados, pois esperávamos a maior realização do *tu* entre os informantes mais velhos e mais escolarizados conforme as hipóteses lançadas na seção 4.4.2.3 e lembramos NARRO (1992, p. 84), no estudo feito na seção 5.2.3, que nos levou a pensar na possibilidade de o adulto mudar alguns de seus hábitos lingüísticos no decorrer dos anos. Porém, como não há estudos de 20 ou 30 anos atrás desse fenômeno nas mesmas localidades analisadas nesse trabalho, que nos permitissem fazer um estudo em *tempo real*, não podemos fazer previsões a respeito da faixa etária dos mais jovens, que faz mais uso de *tu*, se ela irá manter esse uso ou não. O que os resultados da nossa análise, em *tempo aparente*, indicam é que há uma possibilidade de estar havendo um fenômeno de *faixa etária*, porém não podemos afirmar sem estudos em tempo real, os quais poderão ser realizados futuramente para maiores esclarecimentos.

Sintetizando, os resultados obtidos mediante o cruzamento das variáveis sociais *região*, *escolaridade* e *faixa etária*, demonstraram, na nossa amostra, que o pronome *tu* tende a ser mais usado na fala dos informantes **mais jovens com o grau ginasial e residentes em Chapecó**. Isso nos leva a concluir que na presença conjunta destes três últimos fatores, o pronome *tu* é mais favorecido. No cruzamento das variáveis sociais *escolaridade*, *sexo* e *faixa etária*, ficou demonstrado que o pronome *tu* é mais produtivo entre os falantes **mais jovens do sexo feminino e com o grau ginasial**, levando-nos a concluir que a presença simultânea desses fatores exerce influência sobre o uso do pronome sujeito *tu*.

Embora a proposta inicial deste trabalho estivesse centrada apenas na concordância verbal do pronome sujeito *tu*, a constatação da presença numerosa do pronome sujeito *você* levou-nos a realizar este trabalho em duas etapas. A primeira etapa ficou destinada para a análise da escolha do pronome *tu/você* e a segunda ficou para a presença/ausência de marcas de concordância verbal com o pronome *tu* de segunda pessoa do singular. Finalizada a pri-

meira etapa, voltamos as nossas atenções especialmente para as realizações do pronome *tu* e à concordância verbal a ele atribuída.

5.3 ANÁLISE DOS RESULTADOS DA CONCORDÂNCIA VERBAL

A análise da variação lingüística em torno da concordância verbal foi feita apenas com as ocorrências do pronome sujeito *tu*, pois é com esse pronome que ocorre a possibilidade de haver, além da forma verbal canônica de segunda pessoa, a presença da forma verbal sem marca idêntica a usada com o pronome *você*. Em vista dessa situação, as ocorrências do pronome sujeito *você* tiveram que ser eliminadas para a análise cuja variável dependente foi a *presença/ausência de marcas de concordância*.

O nosso *corpus* que era de 2.148 dados, com a eliminação das 1.587 ocorrências de *você*, ficou com **561** dados de *tu*, os quais passaram pelo tratamento estatístico do pacote de programas VARBRUL.

A partir dos resultados estatísticos que o programa VARBRUL forneceu para esta rodada dos dados, foi possível verificar quais os fatores que apresentaram *knockout* por meio do programa Makecell. *Knockout* acontece quando não ocorre variação em um ou mais fatores, ou em um grupo inteiro de fatores, não sendo possível analisá-los pelo VARBRUL.

5.3.1 Fatores eliminados por *knockout*

Através de programa Make3000 obtemos o arquivo de células que nos permite dar continuidade à série de programas do VARBRUL, porém se algum dos fatores que fazem parte da codificação dos dados não apresentar variação, o programa apresenta *knockout* e não fornece o arquivo de células. Quando isso acontece, temos que eliminar os fatores que apresentaram *knockout* para rodarmos novamente os dados no Make3000 a fim de obtermos o

arquivo de células para então rodarmos o programa Varb2000, que trabalha com a regra variável.

Procedemos à rodada dos dados no programa Make3000, para a constituição do arquivo de células e deparamo-nos com doze *knockouts*:

- a) um fator da variável *interação emissor / receptor* ocorrências registradas com pronome *tu* usado para uma pessoa interveniente;
- b) dois fatores da variável *paralelismo formal*: ocorrências de verbos de segunda pessoa *sem a marca de concordância* e ocorrências de verbos de segunda pessoa *com a marca de concordância*;
- c) seis fatores da variável *tempo verbal*: futuro do subjuntivo, pretérito imperfeito, infinitivo, presente do subjuntivo, futuro do pretérito e imperativo mitigado;
- d) Os três fatores que fazem parte da variável *saliência fônica*.

No fator estabelecido para registrar as ocorrências do pronome sujeito *tu* usado a uma pessoa interveniente, ou seja, quando o falante se dirige a alguém que não seja o entrevistador, ocorreu *knockout*. Isso aconteceu porque não houve nenhuma ocorrência desse fator *com marca de concordância*, não havendo, portanto, variação. Além disso, é interessante notar que, nesse fator, houve apenas uma ocorrência *sem marca de concordância* e isso se deve à situação de entrevista: um pergunta, outro responde. Dificilmente aparece uma outra pessoa, a quem o falante possa se dirigir, nesta situação.

A seguir encontramos dois *knockouts* para a variável chamada *paralelismo formal*. Esta variável, composta por um grupo de seis fatores, foi estabelecida com a finalidade de verificar se ela exerce influência na aplicação da regra de concordância na fala do indivíduo, isto é, se a presença de um verbo marcado na segunda pessoa do singular leva o falante a realizar mais marcas nos verbos de segunda pessoa na seqüência da fala. Nesse grupo de fatores o programa registrou *knockout* quando ocorreram verbos em uma seqüência *sem marca de concordância* e também quando ocorreram verbos em uma seqüência de *marcas de concordância*.

As realizações do pronome *tu* com verbos *sem marca de concordância* já indicam que não há variação, pois, caso contrário, as ocorrências não seriam consideradas de uma *seqüência sem marcas*, mas sim ocorrências com alternância *de marcas*. Esta é a razão do programa VARBRUL apresentar *knockout* para esse fator. Da mesma forma, as ocorrências de uma seqüência de verbos *com marcas de concordância* não poderiam ser registradas de outra forma. Quando a concordância se dá com verbo marcado na segunda pessoa do singular e apresenta imediatamente antes ou imediatamente depois, uma concordância verbal com o morfema \emptyset na segunda pessoa do singular, significa que o período apresentou *alternância de marcas*. Portanto, essa ocorrência deve ser registrada no fator que indica *alternância de marcas com verbo anterior marcado*, ou deve ser registrada no fator que indica *alternância de marcas com verbo anterior não marcado*.

O *futuro do subjuntivo* foi um dos fatores que não tiveram variação no grupo de fatores *tempo verbal*. Encontramos apenas 18 ocorrências de verbos *sem a marca* de concordância e nenhuma ocorrência de verbos *com marca*, não havendo, portanto, variação de formas de segunda pessoa do singular para esse tempo verbal.

No *infinitivo pessoal*, encontramos 27 ocorrências de verbos, todas sem marca de concordância, não havendo, portanto, variação de formas.

A diferença entre a forma verbal não marcada e a forma verbal marcada das formas desses dois tempos verbais, se dá pelo acréscimo de -ES (se tu cantar \emptyset / se tu cantares; para tu estar \emptyset / para tu estares), ou seja, há uma diferença fônica entre as duas formas. Essa diferença é chamada de *saliência fônica*. O fato de não ocorrer variação nesses fatores é porque a desinência -ES só acontece com verbos que levam a marca de segunda pessoa, não podendo apresentar essas desinências, portanto, em verbos não marcados. Parece-nos que essa diferença fônica não é significativa, para os falantes que fazem parte da nossa amostra, para determinar a segunda pessoa do singular.

O tempo verbal pretérito imperfeito do indicativo, o presente do subjuntivo e o futuro do pretérito do indicativo também não apresentaram variação de formas para a segunda pessoa do singular. A diferença fônica entre a forma não marcada e a forma marcada desses tempos verbais se dá pelo acréscimo de -S na forma marcada na segunda pessoa do singular (*tu cantava \emptyset /tu cantavas; que tu cante \emptyset /que tu cantes; tu cantaria \emptyset / tu cantarias*). Essa

marca –S, cuja saliência fônica se encontra em um nível mais baixo do que a marca com o acréscimo de –ES, também parece não ser significativa, para os falantes da nossa amostra, para determinar a segunda pessoa, e esse comportamento linguístico parece não interferir na comunicação.

Mais uma vez somos levados a acreditar que a ausência de formas marcadas para a concordância se dá pela pouca diferença fônica entre as duas formas verbais e que a forma não marcada não estaria interferindo na comunicação.

O fator “m” que foi usado para registrar todas as ocorrências de verbos no imperativo, porém não com valor de comando, conforme preconiza a gramática tradicional, mas com um valor suavizado com a intenção de manter o interlocutor atento às suas informações, também não apresentou variação. Esse tipo de construção verbal parece estar sofrendo um processo de gramaticalização, ou seja, há elementos gramaticais passam a ter comportamentos imprevisíveis, fixando-se em uma forma apenas. Esse parece ser o caso das ocorrências com o fator “m”, conforme nos mostram exemplos (64) e (65), em que o verbo *ver* mantém a mesma forma para os dois pronomes (*tu* e *você*) e não está empregado no sentido de enxergar, mas parece estar empregado com o objetivo de chamar a atenção do interlocutor, assumindo uma função discursivo/pragmática. Esse fato leva-nos a entender que esse tipo de construção está alcançando uma significação mais abstrata, saindo do seu significado básico que é enxergar, sem contudo, deixar de ser usado nesse sentido, quando assim se fizer necessário. Parece-nos que esta é uma explicação para a não realização da forma verbal de segunda pessoa do singular preconizada pela GT (*vê tu*). Essa situação linguística merece ser investigada mais detalhadamente para que se obtenha um resultado mais preciso quanto a sua possível gramaticalização.

O último *knockout* apresentado nesta rodada dos dados no programa Makecell foi para a variável *saliência fônica*, para a qual apresentamos três fatores equivalentes a três níveis de formação de verbos na segunda pessoa do singular. No nível 1 foram codificados os verbos cuja forma marcada se deu por acréscimo de –S, no nível 2 foram codificados os verbos que tiveram a forma marcada pelo acréscimo de –ES e no nível 3 foram codificados os verbos que receberam –STE ou –SSE para as formas marcadas. Ao comparar *formas marcadas e não marcadas*, o programa VARBRUL encontrou 100% de desinências –S, –ES, –EST e SSE nas formas verbais marcadas na segunda pessoa e 0% dessas desinências em formas não–

marcadas. Parece-nos que essa situação pode ser resolvida por meio dos *tempos verbais*, pois a eles se associam formas contendo desinência de segunda pessoa e formas não contendo tais desinências, permitindo, dessa maneira, analisar a *saliência fônica* que está sobreposta às formas verbais usadas para a segunda pessoa do singular.

Nível 1 – encontramos 24 formas marcadas. Exemplo:

(100) Tu sabes que em dois toques está tudo debulhado,...(BLU, 19/0296)

Nível 2 – encontramos 2 formas marcadas. Exemplo:

(101) ... se tu queres comprar uma coisa, ... (BLU, 01/0998)

Nível 3 – encontramos 13 formas marcadas. Exemplos:

(102) Tu não escutasse⁶ eu chamar? (BLU, 09/0156)

(103) Tu visse agora que lindo,... (CHP, 13/1062)

(104) Mas talvez tu viste falar na irmã Guiomar? (LGS, 22/ 0358)

NARO e LEMLE (in LEMLE, 1978: 61), que trataram a oposição *singular/plural* da terceira pessoa do discurso na fala de alunos do MOBREAL do Rio de Janeiro, traçaram uma escala crescente de probabilidade de uso das formas plurais com o objetivo de descobrir quais as formas mais marcadas. Eles encontraram a aplicação da regra em índices crescentes de acordo com o crescente grau de diferença entre singular e plural. Essa hipótese foi levada para a oposição *presença/ausência de marcas de concordância* verbal para o pronome *tu* e seguindo a classificação estabelecida por LOREGIAN (1996, p. 63), classificamos e analisamos os verbos nos três níveis exemplificados acima.

A nossa hipótese para esse grupo de fatores era de que as formas mais salientes na oposição *forma marcada/forma não marcada* para os verbos que formam a segunda pessoa do singular teriam maiores chances de aplicar a regra de concordância verbal do que as formas menos salientes. Portanto, os verbos classificados no nível 3 deveriam apresentar uma maior realização de concordância com as formas marcadas. Porém, contatamos uma frequência de 61,53% para o nível 1 e uma de frequência 33,33% para o nível 3. Provavelmente essa

⁶ Segundo LOREGIAN (1996, p. 76) A desinência –SSE para o pretérito perfeito do indicativo é uma característica dos descendentes açorianos.

porcentagem se dá pelo tipo de discurso realizado pelos falantes, isto é, a forma de entrevista realizada com os informantes não propiciou o uso de mais orações com verbos no pretérito perfeito do indicativo.

As desinências –STE, -SSE, apareceram apenas no *pretérito perfeito do indicativo* com 12 ocorrências contra 31 com o *morfema Ø*, representando, portanto 27,9% de formas marcadas para esse tempo verbal, enquanto a desinência –S apareceu em 26 ocorrências no *presente do indicativo* contra 401 ocorrências como *morfema Ø* e uma no *pretérito imperfeito do subjuntivo*, contra 03 ocorrências com *morfema Ø*. As 27 ocorrências marcadas com a desinência –S representaram 6,03% do total nesses dois tempos verbais.

De acordo com os resultados acima, podemos dizer que as formas mais salientes, as que estão no nível 3, são as mais marcadas, confirmando assim a hipótese lançada para essa variável. Porém, o maior número de ocorrências verbais se deu com o *morfema Ø*, e esse resultado é surpreendente quando verificamos a frequência total – 93%, contra apenas 7% das ocorrências marcadas. Esses resultados sugerem que os níveis de saliência fônica 1 e 2 não devem estar sendo muito bem percebidos pelos falantes da nossa amostra e inclusive o nível 3, no qual encontramos somente um terço de ocorrências marcadas, sugere que parece haver uma tendência geral de não marcar até mesmo as formas mais salientes.

O princípio da *saliência fônica*, que consiste em estabelecer que formas mais marcadas, ou mais salientes, são mais perceptíveis e, por isso, a probabilidade de se apresentarem com o morfema de marca aumenta (SCHERRE, in: TARALLO, 1989, p. 301), parece realizar-se ao inverso nas situações já comentadas: **as formas menos salientes são menos perceptíveis e, por isso, a probabilidade de serem marcadas é menor.**

Para analisar esse grupo de fatores tivemos de fazer uso do número de ocorrências e da frequência a eles atribuídos, pois não é possível atribuir pesos relativos à aplicação da regra se não houve variação. LOREGIAN (1996 p. 112-113) constatou que a variável *saliência fônica* só foi eliminada como estatisticamente não relevante quando realizou a interação com a variável *tempo verbal*, demonstrando uma sobreposição parcial no nível 2 com o *presente do indicativo, futuro do subjuntivo e infinitivo pessoal*. Houve uma sobreposição completa com o nível 3, o nível mais alto e o *pretérito perfeito do indicativo*.

5.3.2 Variáveis trabalhadas

Após eliminarmos os *knockouts* ficamos apenas com 352 ocorrências do pronome sujeito *tu*, as quais rodamos novamente no programa Make3000 e obtivemos o arquivo de células que nos permitiu rodar o programa Varb2000, que fez as comparações das variáveis, selecionando as que são relevantes a aplicação da regra de concordância mediante a comparação dos pesos relativos de cada fator e eliminando as variáveis que não são relevantes. As variáveis selecionadas pelo processo *stepup* nessa rodada – *região*, *tempo verbal*, *explicitação do pronome* e *escolaridade* – não coincidiram com as variáveis eliminadas pelo processo *stepdown* – *explicitação do pronome*, *escolarização*, *paralelismo formal*, *sexo*, *faixa etária* e *interação emissor/receptor*.

As variáveis não selecionadas no nível 5 do *stepup* – *tonicidade do verbo* (grau de significância .153) e *número de sílabas do verbo* (grau de significância .940) – não foram eliminadas pelo processo *stepdown*. Essa situação levou-nos a eliminar essas duas variáveis, por não apresentarem *status* estatístico definido que nos permitisse fazer com segurança a análise dos dados.

Em LOREGIAN (1996, p. 81) o peso relativo da variável *tonicidade* (0,77) para os verbos oxítonos confirma a hipótese de que esses verbos, por terem acento na sílaba em que vai a flexão de segunda pessoa, seriam mais marcados que os paroxítonos (0,37). E para a variável *número de sílabas do verbo*, o peso relativo maior foi para o fator que registrou os verbos polissílabos (0,67), confirmando a hipótese de que *itens com maior número de sílabas, por conterem mais material fônico e serem, portanto, mais perceptíveis, sejam os mais marcados* (SCHERRE, 1988, p. 75).

De acordo com o nível 1 da primeira rodada do Varb2000, a variável *tonicidade do verbo*, os verbos *oxítonos* (0,40) obtiveram um peso relativo menor do que os verbos *paroxítonos* (0,63). Resultados diferentes dos encontrados por Loregian: verbos *oxítonos* (0,77) e verbos *paroxítonos* (0,37).

Para a variável *número de sílabas do verbo*, o maior peso relativo foi para os verbos *polissílabos* (0,91), seguindo dos *trissílabos* (0,57), dos *dissílabos* (0,54) e dos *monossílabos*

(0,43). Apesar de este resultado ter sido obtido do nível 1, sem a interferência das outras variáveis, podemos dizer que o resultado dessa variável teve algumas semelhanças, mas também teve diferenças com os resultados encontrados por Loregian: verbos polissílabos (0,67), dissílabo (0,59), trissílabo (0,52) e monossílabo (0,30).

Após a eliminação das variáveis *tonicidade* e *número de sílabas* foi feita nova rodada dos dados no programa Makecell, para obter novo arquivo de células que nos permitisse rodar novamente o programa Varb2000, com a finalidade de verificarmos se a seleção e a eliminação das variáveis iriam apresentar uma distribuição complementar.

Para a nova rodada dos dados pelo programa Varb2000, ficamos com oito grupo de fatores a serem analisados, dos quais, apenas quatro foram selecionados pelo VARBRUL como estatisticamente relevantes: *região*, *tempo verbal* e *explicitação do pronome* e *escolarização*. Os outros quatro grupos de fatores ou variáveis não foram selecionados: *interação emissor/receptor*, *paralelismo formal*, *faixa etária*, *sexo*. Conforme podemos observar, essa rodada dos dados apresentou uma distribuição complementar entre as variáveis selecionadas pelo processo *stepup* e as variáveis eliminadas pelo processo *stepdown*, apresentando um *status* estatístico definido que nos permitiu dar continuidade à análise dos dados.

5.3.3 Variáveis eliminadas

As variáveis ou grupo de fatores que não foram considerados relevantes à aplicação da regra de concordância verbal com o pronome sujeito *tu* receberam nesta seção uma análise a fim de que pudéssemos explicar a análise estatística fornecida pelo VARBRUL em relação às hipóteses formuladas para cada grupo de fatores.

AMARAL (1998, p. 11) sugere que as variáveis não-selecionadas sejam analisadas levando em consideração o **nível 1** das interações feitas no programa Varb2000. Neste nível o programa calcula os pesos relativos dos fatores de cada variável apenas em comparação ao *input* (ponto de partida – média global quando o efeito de todos os fatores de todas as variáveis é neutro), atribuindo um *log likelihood* (grau de verossimilhança) e um nível de *significância* (margem de erro).

5.3.3.1 Interação emissor/receptor

O grupo de fatores interação *emissor/receptor* foi estabelecido para testar o comportamento da concordância verbal com o pronome sujeito *tu* em ao interlocutor a que ele se refere. A análise desse grupo de fatores tem a finalidade de testar os resultados encontrados pelo VARBRUL com os resultados encontrados por LOREGIAN (1996).

Observando a análise estatística feita pelo Varb2000 no nível 1, constatamos que esse grupo de fatores recebeu .147 para a grau de significância. Como a seleção das variáveis se baseia no parâmetro estatístico do grau de significância estabelecido em 0,05, ou seja, se o nível de significância for acima desse valor, os resultados não são considerados estatisticamente relevantes.

TABELA 9 – A CONCORDÂNCIA VERBAL EM RELAÇÃO À VARIÁVEL INTERAÇÃO EMISSOR / RECEPTOR

FATORES	N.º DE OCORRÊNCIAS	TOTAL	%	PESO RELATIVO
Indeterminado	10	161	6	0,39
Interativo	12	78	15	0,64
Função fática	05	43	12	0,56
Discurso relatado	08	53	15	0,63
Discurso relatado próprio	01	17	6	0,37
TOTAL	36	352	10	

Mesmo não tendo sido selecionada esta variável, incluímos neste trabalho a tabela 9, que nos possibilita ter uma visualização dos pesos relativos conferidos a cada fator no nível 1 do programa. Os casos de *tu* quando o falante se dirigiu ao entrevistador recebeu o peso relativo de 0,64, indicando que a probabilidade de aplicação da regra aumenta na presença desse fator. Esse resultado confirma a nossa hipótese lançada na seção 4.4.2.1 de que o falante usaria mais marcas de concordância quando se dirigisse ao entrevistador, por esse não ser de sua intimidade, e também vem ao encontro do resultado de LOREGIAN (1996, p. 57), que obteve o peso relativo mais alto (0,65) quando o pronome *tu* estava se referindo ao entrevistador.

É interessante notar que, quando o falante se dirigia a um interlocutor genérico, houve um desfavorecimento à aplicação da regra, apresentando 0,39 de peso relativo, indi-

cando que nesse fator as chances de aparecerem marcas de concordância são menores. Parece-nos que, ao se dirigir a um interlocutor genérico ou indeterminado, o falante tende a usar o verbo *sem marca de concordância verbal*.

No fator em que foram codificados os casos de *tu* repetindo a fala de outra pessoa, obtivemos um peso relativo alto (0,63), porém esse fator revela a concordância da fala do outro e não do próprio falante.

O fator que registra a função fática usada com o pronome sujeito *tu* recebeu o peso relativo próximo do ponto neutro (0,56), indicando que esse fator favorece apenas um pouco a aplicação da regra de concordância.

Para o fator que registra os casos da repetição da fala do próprio falante feita em outras ocasiões, obtivemos apenas uma ocorrência com marca de concordância, o que não nos permite afirmar se ele é realmente um fator que desfavorece a aplicação da regra (0,37).

5.3.3.2 Sexo

O segundo grupo de fatores eliminado foi *sexo*, estabelecido para testar se a aplicação da regra era mais produtiva entre os homens ou entre as mulheres. O nível de significância para esse grupo de fatores (.456) foi muito além do estabelecido pelo programa (0,05) como parâmetro de seleção das variáveis.

TABELA 10 – A CONCORDÂNCIA EM RELAÇÃO À VARIÁVEL SEXO

FATORES	N.º DE CONCORDÂNCIA	TOTAL	%	PESO RELATIVO
Feminino	21	226	9	0,48
Masculino	15	126	12	0,54
TOTAL	36	352	10	-

A diferença entre os pesos relativos (0,06) dos fatores acima é pequena e os dois resultados estão próximos do ponto neutro (0,50), demonstrando equilíbrio entre favorecimento e desfavorecimento para a aplicação da regra.

Os resultados encontrados por LOREGIAN (1996, p. 101), assim como os nossos, indicam que ambos os sexos têm um comportamento semelhante ao apresentar pesos relativos próximos ao ponto neutro (0,54 para o sexo masculino e 0,48 para o sexo feminino). Esses resultados apontam para um pequeno favorecimento de aplicação da regra de concordância para o sexo masculino na nossa análise e também na análise de LOREGIAN (masculino 0,52), demonstrando um comportamento semelhante nos dois trabalhos para esse grupo de fatores.

5.3.3.3 Faixa etária

A variável *faixa etária* foi o terceiro grupo de fatores a ser eliminado pelo Varb 2000 e isso aconteceu porque o nível de significância a ele atribuído foi de .614, ultrapassando bastante o valor estabelecido pelo programa (0,05), para ser considerado como estatisticamente relevante à aplicação da regra.

TABELA 11 – A CONCORDÂNCIA EM RELAÇÃO À FAIXA ETÁRIA

FATORES	N.º DE CONCORDÂNCIA	TOTAL	%	PESO RELATIVO
20 a 50 anos	26	267	10	0,49
Acima de 50 anos	10	85	12	0,54
TOTAL	36	352	10	

Os resultados da tabela acima apontam para um pequeno favorecimento da regra de concordância para os falantes mais velhos (0,54), contudo é preciso notar que tanto um fator como o outro estão muito próximos do ponto neutro (0,50), demonstrando a pouca influência desse grupo de fatores na aplicação da regra de concordância verbal com *tu*. Em vista desse resultado, não é possível afirmar que a nossa hipótese (seção 4.5.2.3) a respeito da faixa etária, de que são os mais velhos que mais realizam marcas de concordância, foi efetivamente confirmada.

Para compararmos os nossos resultados com os de LOREGIAN (1996, p. 99), cuja variável recebeu três grupos de fatores, não levamos em conta o fator por ela estabelecido

para a faixa etária de 15 a 24 anos. Dessa forma, apenas consideramos os informantes de 25 a 49 anos (0,45) e os informantes com mais de 50 anos (0,60) confirmando a hipótese de que são os mais velhos, por serem mais conservadores, que fazem mais concordância verbal com *tu*.

5.3.3.4 Paralelismo formal

A hipótese para essa variável é a de que *marcas levam a marcas e zeros levam a zeros* (POPLACK, 1980 *apud* SCHERRE 1991, p. 54 e LOREGIAN, 1996, p. 44), foi estabelecida para verificar se a presença de um verbo com marca de segunda pessoa na fala leva o indivíduo a realizar mais marcas. Na análise de LOREGIAN (1996, p. 47), essa hipótese foi confirmada pelo peso relativo de (0,94) para o fator que codificou ou verbos de uma *seqüência de marcas de concordância*.

É interessante notar que essa variável recebeu .009 de grau de significância, o que é de esperar o seu selecionamento como estatisticamente relevante, porém no nível 4 do processo *stepdown* essa variável foi eliminada.

TABELA 12 – A CONCORDÂNCIA DE ACORDO COM O PARALELISMO FORMAL

FATORES	N.º DE OCORRÊNCIAS	TOTAL	%	PESO RELATIVO
1º verbo de uma série	05	82	6	0,38
único verbo no período	27	262	10	0,52
alternância de marcas com verbo anterior marcado	01	04	25	0,76
alternância de marcas com verbo anterior não-marcado	03	04	75	0,97
TOTAL	36	352	10	

O peso relativo (0,97) para o fator em que foram codificados os casos em que havia *alternância de marcas* em um mesmo período e com o verbo de segunda pessoa não marcado anterior ao analisado, foi bastante alto, porém o número de ocorrências para esse fator é pequeno (03). Assim também como é pequeno o número de ocorrências para o fator que registrou a alternância de marcas com verbo anterior marcado.

O fator que registrou as ocorrências com um único verbo no período obteve o peso relativo muito próximo ao ponto neutro (0,52), indicando que praticamente não há influências desse fator nos falantes da nossa amostra.

O fator que registrou o primeiro verbo de uma série recebeu um peso relativo baixo (0.38), ficando distante do ponto neutro e portanto, indicando que a probabilidade de aplicação da regra é desfavorecida nesse fator. Isso quer dizer que, quando ocorrer o primeiro verbo de uma série de verbos, referindo-se ao pronome *tu*, há uma tendência, na fala dos nossos informantes, de ser realizado sem a marca de concordância.

5.3.4 Variáveis selecionadas

Todas as variáveis que passaram pelo processo *stepup* foram selecionadas por ordem de relevância estatística e foram analisadas nesta seção de acordo com essa ordem de seleção feita pelo programa Varb2000.

5.3.4.1 Região

Blumenau, Chapecó e Lages são as três cidades que fazem parte da variável *região*, ou seja, são os três fatores dessa variável selecionada como *a mais relevante* para a aplicação da regra de concordância verbal com o pronome *tu*.

A hipótese para esse grupo de fatores é a de que a região de Blumenau, cuja colonização foi feita por alemães e está localizada próxima ao litoral catarinense – região colonizada por açorianos – deverá apresentar mais marcas de concordância verbal com *tu* na sua variedade lingüística.

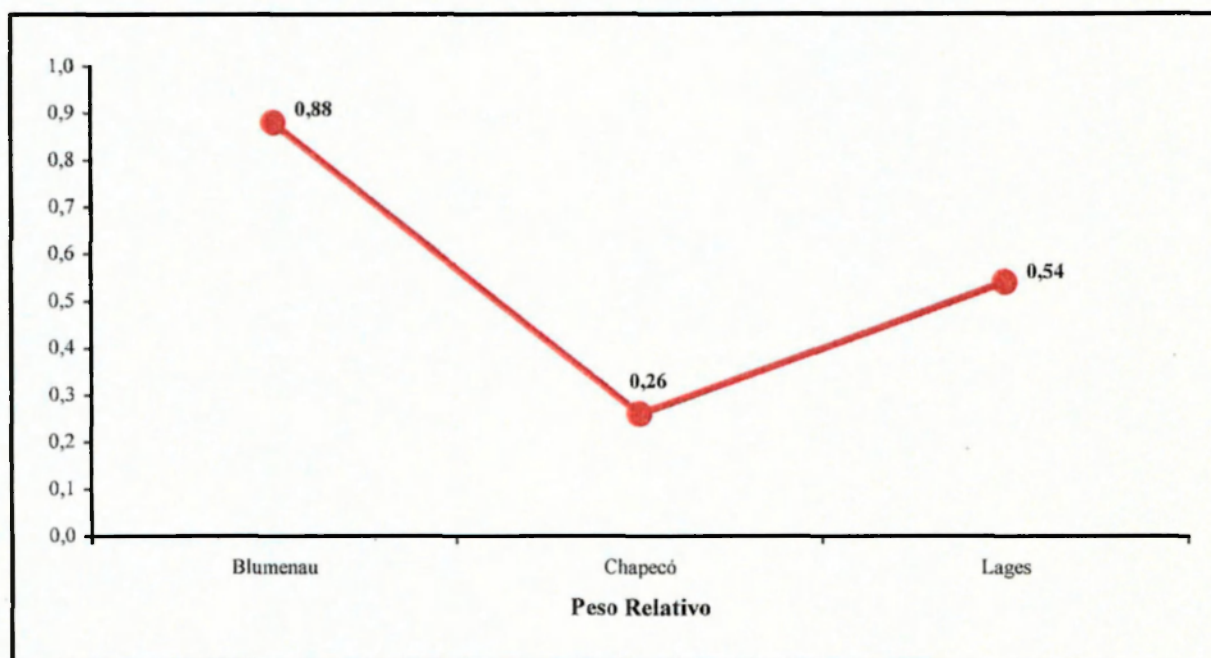
TABELA 13 – A CONCORDÂNCIA NAS REGIÕES ANALISADAS

FATORES	N.º DE OC./ TOTAL	%	PESO RELATIVO
Blumenau	22 / 75	29	0,88
Chapecó	05 / 161	3	0,26
Lages	10 / 114	9	0,54
TOTAL	37 / 350	11	

Conforme podemos observar na tabela acima, o peso relativo mais alto foi para a cidade de Blumenau (0,88), confirmando a nossa hipótese de que a aplicação da regra seria favorecida nessa região. Porém, convém lembrar que houve apenas 22 ocorrências de concordância verbal com o pronome sujeito *tu* com verbo marcado. Isso quer dizer que, quando esse pronome ocorre, há uma maior tendência de apresentar marca de concordância verbal nessa região.

A cidade de Chapecó recebeu o menor peso relativo (0,26), indicando que a probabilidade de aplicação da regra de concordância verbal com o pronome sujeito *tu* é desfavorecida nessa região. Como ser constatado através da tabela acima, de 161 ocorrências de *tu*, apenas 05 apresentaram marca verbal de segunda pessoa.

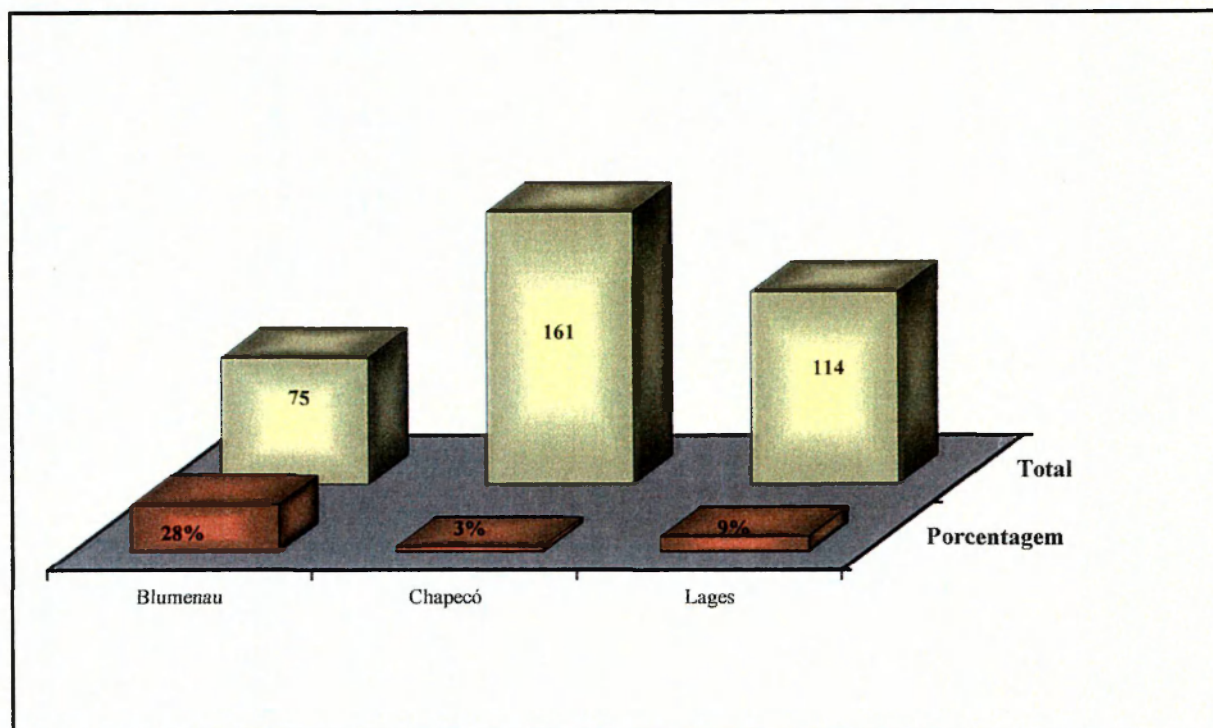
GRÁFICO 2 – PROBABILIDADE DE APLICAÇÃO DA REGRA DE CONCORDÂNCIA NAS REGIÕES



O peso relativo para a cidade de Lages (0,54) ficou muito próximo ao ponto neutro (0,50), indicando que o uso do pronome *tu* com marca e o uso desse pronome sem a marca de segunda pessoa, nessa região, têm quase a mesma probabilidade de realização. Houve apenas um pequeno favorecimento para a aplicação da regra, mas, conforme já foi observado nas outras duas cidades, o número de ocorrências de *tu* marcado também foi muito pequeno – 10 casos.

Por meio do Gráfico 2 podemos visualizar o comportamento lingüístico dos falantes das cidades pesquisadas em relação à aplicação da regra de concordância verbal com o pronome sujeito *tu*. Podemos ver nitidamente que há uma polarização entre os resultados de Blumenau (0,88) favorecendo a aplicação da regra e de Chapecó (0,26) desfavorecendo a sua aplicação, enquanto Lages (0,54) fica em uma posição intermediária, praticamente neutra.

GRÁFICO 3 – CONCORDÂNCIA VERBAL NAS REGIÕES



Como pode ser observado no gráfico acima, os informantes de Blumenau tiveram a menor ocorrência do pronome sujeito *tu*, porém foram os que mais realizaram a concordância verbal canônica com o morfema marcado de segunda pessoa, conforme preconiza a GT. De um total de 75 ocorrências do pronome sujeito *tu*, os falantes de Blumenau realizaram 28% de marca de concordância. A cidade de Blumenau, portanto, é a que mais realiza a concordância canônica, confirmando a nossa hipótese para o grupo de fatores *região*. Contudo, não podemos deixar de considerar o pequeno número desse tipo de ocorrências em Blumenau (22).

Chapecó, cidade situada no oeste de Santa Catarina e que foi colonizada por imigrantes italianos e por gaúchos de descendência italiana, apresentou o maior número de realizações do pronome sujeito *tu* (161), porém teve somente cinco ocorrências de concordância verbal com a forma marcada para a segunda pessoa, representando apenas 3%. Esses resulta-

dos indicam que os indivíduos da região de Chapecó, quando fazem a escolha do pronome de segunda pessoa do singular *tu ou você*, devem ter interiorizada apenas a forma verbal com o morfema Ø de segunda pessoa do singular, conforme postula MENON (1995, p. 97):

A minha hipótese é a de que os falantes “interiorizam” a forma verbal com o morfema Ø como a marca de segunda pessoa e a variação recai simplesmente no uso do pronome. Assim, no paradigma verbal já teria havido a mudança de forma e a variação continuaria a existir a nível de escolha – determinada pelo dialeto que o falante utiliza – entre dois pronomes possíveis: tu ou você.

Lages, cidade caracterizada pela passagem dos vicentinos e por ter sido ponto de parada dos tropeiros (ver seção 5.2.1), apresentou 114 ocorrências do pronome sujeito *tu* e apenas dez delas foram realizadas com marca de concordância verbal, resultando em um percentual baixo – 9%. Parece-nos que o fenômeno encontrado em Chapecó e comentado acima, quanto à escolha apenas do pronome de segunda pessoa sem haver alteração na forma verbal, também está presente em Lages, porém ainda não em um nível tão avançado como em Chapecó.

Os resultados apresentados nas três cidades que fazem parte do nosso *corpus* – Blumenau (0,88), Chapecó (0,26), Lages (0,54) e os resultados encontrados por LOREGIAN (1996, p. 92) – Porto Alegre (0,12), Florianópolis (0,71), Ribeirão da Ilha (0,81) – também sugerem que, quanto mais próxima do litoral catarinense estiver a localidade analisada na região sul do Brasil, tanto maior poderá ser a probabilidade de o falante usar as formas marcadas para o pronome sujeito *tu*. É interessante notar que LOREGIAN encontrou o maior peso relativo para os informantes do Ribeirão da Ilha, uma localidade distante do centro de Florianópolis, onde a cultura açoriana permanece muito forte, inclusive na linguagem.

As cidades de Chapecó e Lages tiveram um comportamento lingüístico, em relação à concordância verbal com o pronome *tu*, com tendências a não realizar a concordância verbal canônica, conforme o encontrado em Porto Alegre. Segundo LOREGIAN (1996, p. 21): *Nessa etapa do trabalho já constatamos que em Porto Alegre o pronome tu é usado, na maioria das vezes, sem a flexão de segunda pessoa.* Vale lembrar que Lages, cidade caracterizada pela presença dos vicentinos e por ter feito parte do caminho dos tropeiros, teve em sua colonização a presença do gaúcho descendente de italianos, e Chapecó, cidade de colonização mais recente, tem a presença do imigrante italiano, e também do gaúcho descendente de italianos.

5.3.4.2 Tempo verbal

Conforme já explicamos no item 5.3.1, alguns fatores da variável *tempo verbal* foram eliminados por não apresentarem variação, restando, portanto, apenas três fatores para esta variável: *presente do indicativo*, *pretérito perfeito do indicativo*, *pretérito imperfeito do subjuntivo*.

A hipótese lançada na seção 4.4.2.1 de que haveria mais marcas de concordância no tempo verbal cujas formas marcadas para o pronome *tu* fossem mais salientes, foi confirmada pelo peso relativo (0,84) para o *pretérito perfeito do indicativo*, cujas formas marcadas recebem a desinência –STE e –SSE, essa última desinência encontra respaldo nos estudos de LOREGIAN (1996, p. 76).

TABELA 14 – A CONCORDÂNCIA EM RELAÇÃO AO TEMPO VERBAL

FATORES	N.º DE OCORRÊNCIAS	%	PESO RELATIVO
presente do ind.	24 / 312	8	0,44
pret. perf. ind.	11 / 37	30	0,85
pret. imp. subj.	01 / 03	33	0,95
TOTAL	37 / 350	11	

O maior peso relativo foi para o *pretérito perfeito do indicativo* (0,95), porém, conforme se pode observar na tabela acima, houve apenas uma ocorrência de verbo marcado na segunda pessoa do singular, o que não nos permite dizer se há influência ou não desse fator em relação à aplicação da regra. O peso relativo atribuído ao *pretérito perfeito do indicativo* (0,85) indica a maior probabilidade de aplicação da regra de concordância verbal com o pronome sujeito *tu* e o peso relativo atribuído para o fator *presente do indicativo* (0,44) mostra que a probabilidade de aplicação da regra está perto do ponto neutro (0,50), indicando apenas que há um pequeno desfavorecimento em relação à aplicação da regra nesse fator.

O Gráfico 4 aponta para uma tendência maior da realização da concordância verbal com marca para o *pretérito imperfeito do subjuntivo* (0,95), porém, como a tabela 14 nos mostra que há apenas uma ocorrência desse tempo verbal, não podemos afirmar se há de fato essa tendência. Em relação ao tempo verbal *pretérito perfeito do indicativo* (0,85), os números se

apresentam de tal forma na tabela 14, que confirmam a tendência de aplicação da regra de concordância verbal na presença desse fator. No tempo *presente do indicativo* (0,44), vemos que a aplicação da regra é um pouco desfavorecida, mas como o peso relativo está próximo do ponto neutro, as chances de aparecer formas *não-marcadas* e formas *marcadas* são quase as mesmas nesse tempo verbal.

GRÁFICO 4 – PROBABILIDADE DE APLICAÇÃO DA REGRA DE CONCORDÂNCIA DE ACORDO COM O TEMPO VERBAL

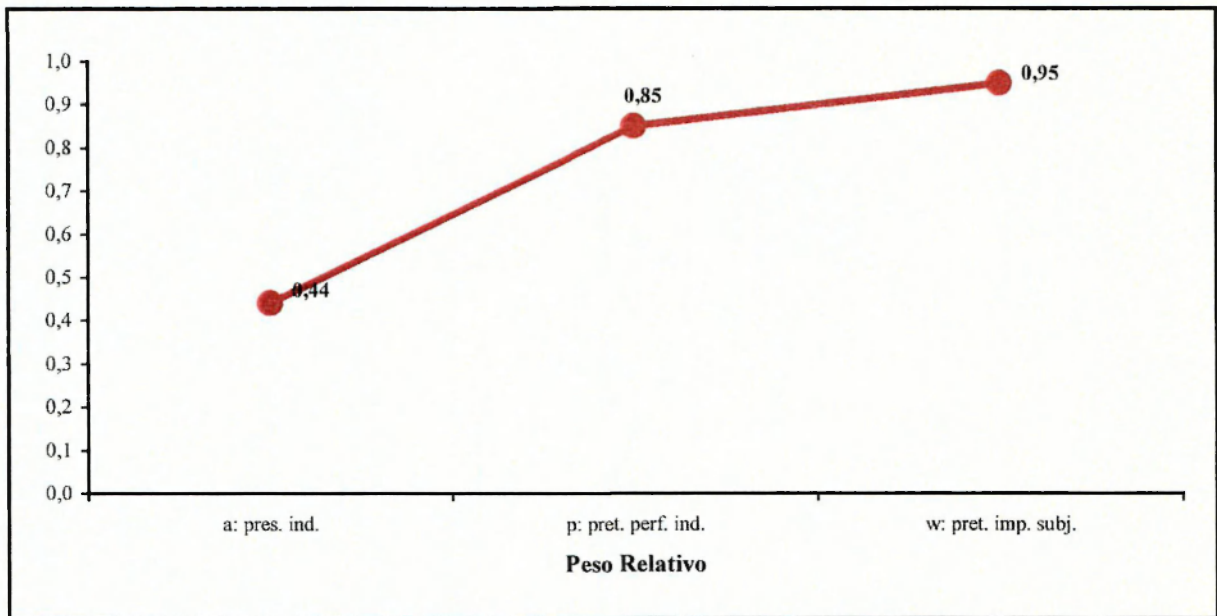
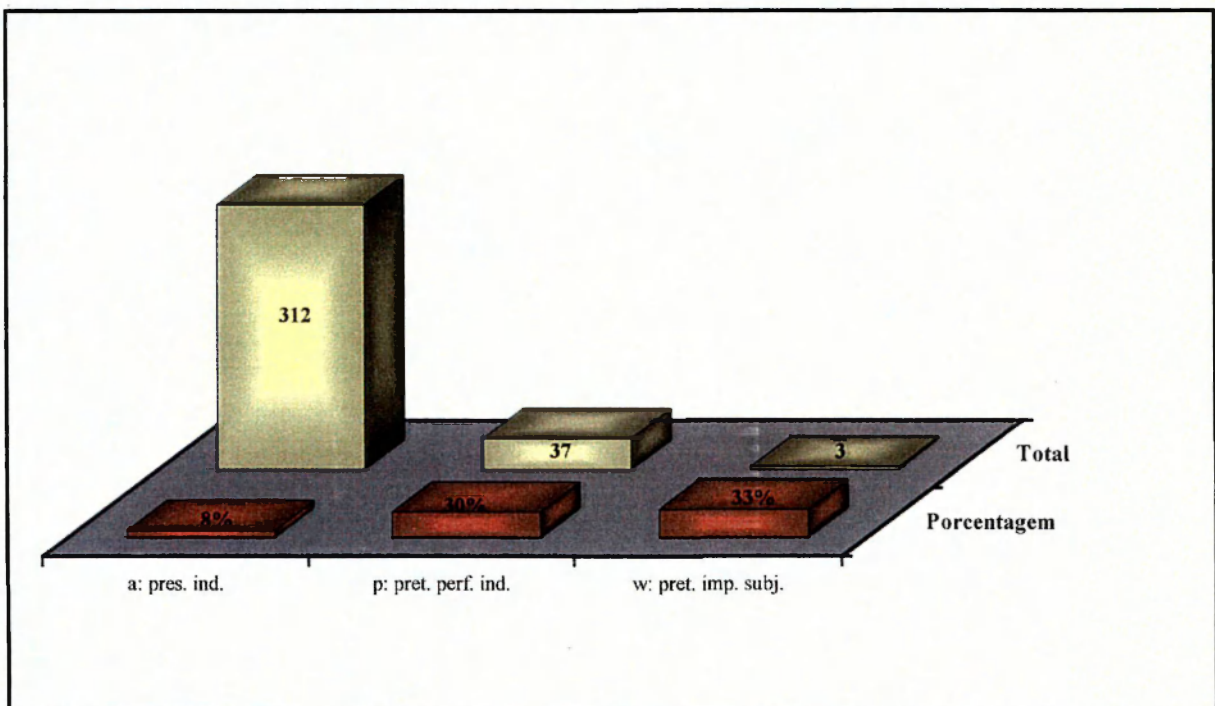


GRÁFICO 5 – CONCORDÂNCIA VERBAL DE ACORDO COM O TEMPO VERBAL



O número alto de casos de *tu* no *presente do indicativo* nos levou a pensar que poderia estar havendo alguma relação com a variável *interação emissor/receptor*, isto é, a quem o falante dirige o pronome *tu*. Para confirmar ou refutar a suspeita de que poderia estar havendo uma relação entre esses dois fatores, observamos novamente a tabela 5 e verificamos que a maior ocorrência do pronome sujeito *tu* se deu com um interlocutor genérico ou indeterminado. Provavelmente isso ocorreu pelo tipo de discurso utilizado pelo entrevistado – narrativa de fatos cotidianos – favorecendo o uso do tempo *presente* e resultando em um maior número de ocorrências.

O tempo verbal *pretérito imperfeito do subjuntivo* apresentou apenas uma ocorrência com marca de segunda pessoa, portanto, o alto percentual apresentado não quer dizer que esse tempo verbal tenha sido muito usado pelos falantes das cidades pesquisadas.

Para a análise do *pretérito perfeito do indicativo*, encontramos números mais significativos no nosso *corpus*: de um total de 37 ocorrências, 11 são com marca de segunda pessoa, demonstrando que o percentual, nesse caso, indica que há uma boa produtividade de o verbo ser marcado nesse tempo. Esse resultado vem ao encontro da variável *saliência fônica* no item 5.3.3, em que obtivemos resultados favoráveis à aplicação da regra de concordância verbal com o pronome sujeito *tu*, para as formas mais salientes, que fazem a oposição *marcado/não marcado* mediante o acréscimo de -STE, -SSE. Isso quer dizer que o *pretérito perfeito do indicativo*, por fazer a oposição *marcado/não marcado* com formas mais salientes, apresenta uma maior tendência de ser realizado com o morfema de marca de concordância.

5.3.4.3 Explicitação do pronome

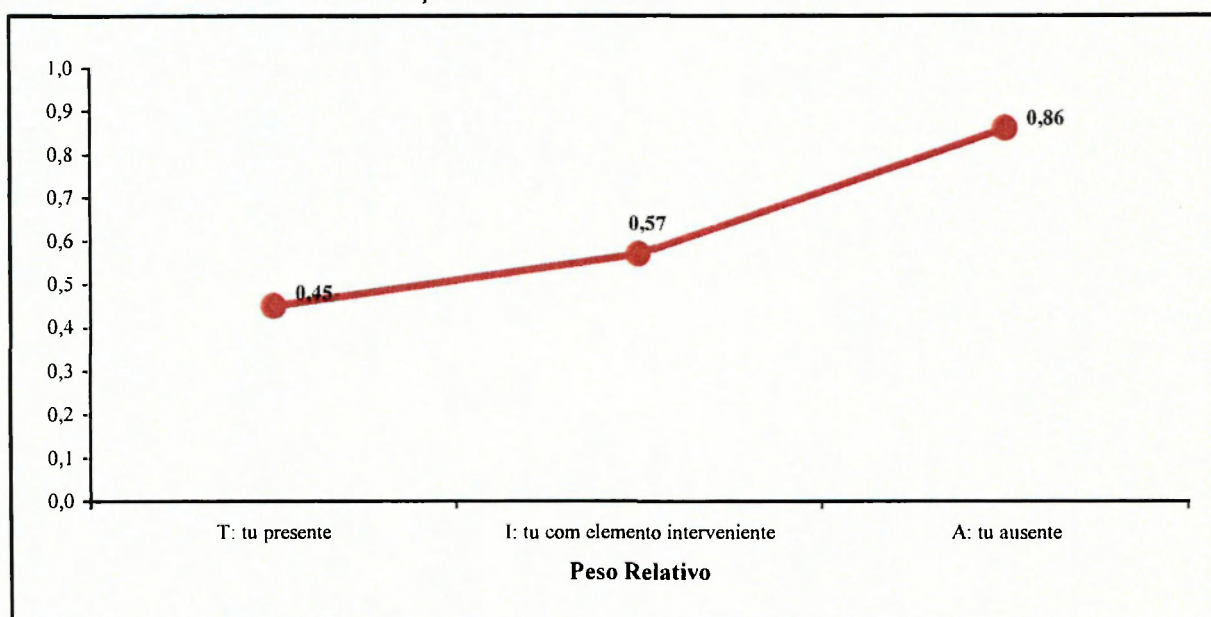
Para essa variável foram considerados os fatores: *tu presente*, *tu ausente* e *tu com elemento interveniente*, ou seja, com algum elemento entre o pronome e o verbo. Esse grupo de fatores foi o terceiro a ser selecionado pelo VARBRUL como relevante à aplicação da regra de concordância verbal com o pronome sujeito *tu*. A tabela abaixo nos mostra como foi o comportamento dos fatores desse grupo com relação à variável dependente *presença/ausência de marca de concordância*.

TABELA 15 – A CONCORDÂNCIA EM RELAÇÃO À EXPLICITAÇÃO DO PRONOME

FATORES	N.º DE OC./TOTAL	%	PESO RELATIVO
tu presente	20 / 268	7	0,45
tu c/ elemento interveniente	09 / 68	13	0,57
tu ausente	07 / 16	44	0,86
TOTAL	37 / 352	11	

Conforme podemos observar na tabela 16, *tu ausente* foi o único fator a receber um peso relativo relevante para a aplicação da regra (0,86), indicando que há maior probabilidade de existir marcas de concordância na fala dos indivíduos das comunidades pesquisadas nesse fator. Esse resultado confirma a hipótese lançada na seção 4.4.2.1, de que a *ausência do pronome* favorecerá a aplicação da regra de concordância verbal com o pronome *tu*, pois com pronome elíptico, é a forma verbal que vai indicar qual foi o pronome escolhido pelo falante para se referir ao interlocutor. Esse resultado vai ao encontro dos resultados obtidos por LOREGIAN (1996, p. 52), que apontam uma tendência de realização da regra quando o pronome *tu* não estiver explícito (0,72).

GRÁFICO 6 – PROBABILIDADE DE APLICAÇÃO DA REGRA DE CONCORDÂNCIA DE ACORDO COM A EXPLICITAÇÃO DO PRONOME



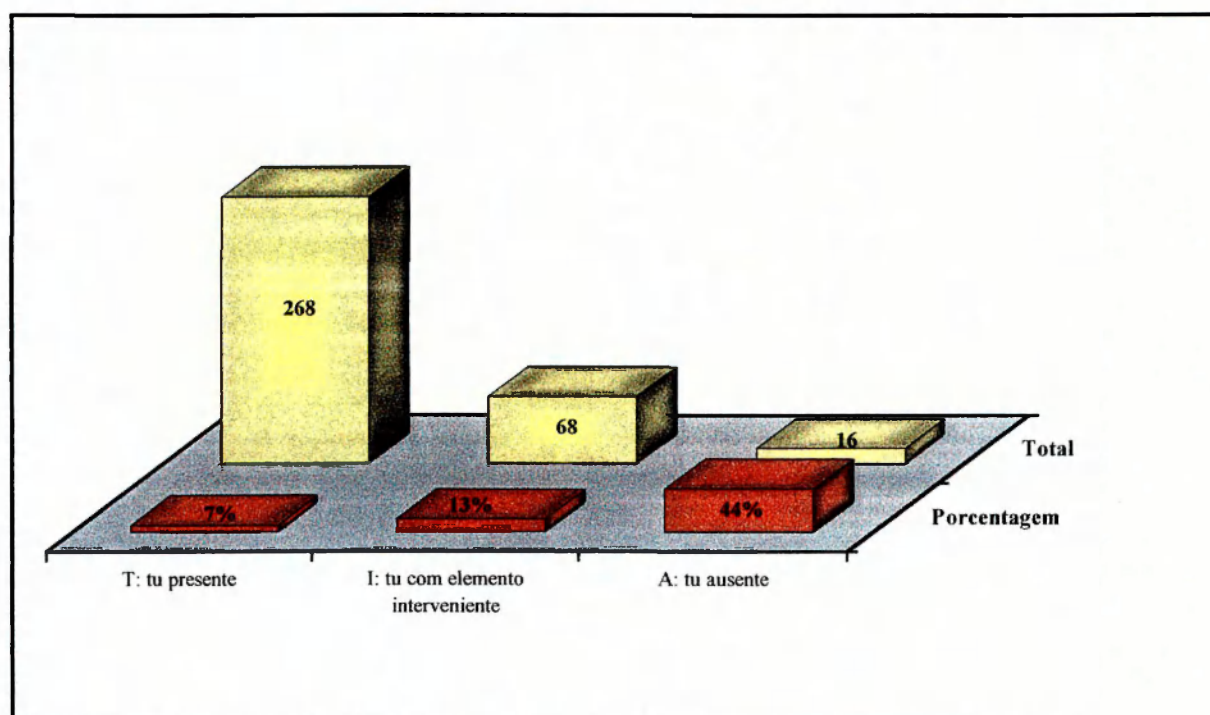
Os casos do pronome *tu* com elemento interveniente, isto é, com uma ou mais palavras entre o sujeito e o verbo, foram registrados em um fator que recebeu o peso relativo (0,57), indicando um pequeno favorecimento na aplicação da regra. Porém, demonstra que

esse valor probabilístico não está muito distanciado do ponto neutro (.50), o qual não favorece, tampouco desfavorece aplicação da regra.

Com a presença do pronome *tu* imediatamente próximo ao verbo obtivemos um pequeno desfavorecimento na aplicação da regra (0,45), porém, esse valor probabilístico está próximo do ponto neutro, não sendo um fator forte para a não-aplicação da regra de concordância verbal com o pronome sujeito *tu*.

Por meio do gráfico 6 podemos visualizar a tendência de aplicação da regra de concordância em relação ao uso do pronome *tu*. O peso relativo para *tu presente* (0,45) indica que não é a presença do pronome que necessariamente irá inibir a presença de marca de concordância verbal, pois há apenas 0,05 de valor probabilístico de diferença com o ponto neutro. O peso relativo para *tu com elemento interveniente* (0,57) indica que não é a presença desse fator que influencia fortemente a aplicação da regra, pois ele está a apenas 0,07 de valor probabilístico de distância do ponto neutro. Em contrapartida, o peso relativo do pronome *tu ausente* (0,86) indica que, quando o falante não usa o pronome *tu* explicitamente, há uma grande probabilidade de aparecer marcas de concordância. Contudo, não devemos esquecer que encontramos apenas 07 ocorrências de *tu ausente* com a marca concordância verbal.

GRÁFICO 7 – CONCORDÂNCIA VERBAL DE ACORDO COM A EXPLICITAÇÃO DO PRONOME



Das 268 realizações do pronome *tu* presente, 7% são de *tu* com marca verbal de segunda pessoa. Isso nos mostra que houve uma grande produtividade do pronome *tu* junto ao verbo, porém, poucos são os verbos que receberam marca de segunda pessoa do singular. No fator em que registramos elementos intervenientes entre o *tu* e o verbo, encontramos 68 ocorrências, das quais 13% são de *tu* com marca verbal de segunda pessoa. E, no fator em que registramos ausência do pronome *tu*, obtivemos 44% das 16 ocorrências de concordância verbal na forma marcada. Esse resultado nos mostra que a ausência do pronome *tu* pode ter funcionado como um fator condicionador para a realização da concordância verbal na forma canônica prescrita pela GT.

Comparando os nossos resultados – *tu ausente* (,86), *tu presente* (,45) e *tu com elemento interveniente* (,57) – com os encontrados por LOREGIAN (1996, p. 52) – *tu ausente* (,72), *tu presente* (,42) e *tu com elemento interveniente* (,33) – podemos notar que o *tu ausente* favorece a aplicação da regra de concordância nas seis localidades pesquisadas e que o *tu presente* desfavorece um pouco, enquanto *tu com elemento interveniente* apresenta um pequeno favorecimento à aplicação da regra na nossa análise e na de Loregian apresenta um desfavorecimento.

5.3.4.4 Escolarização

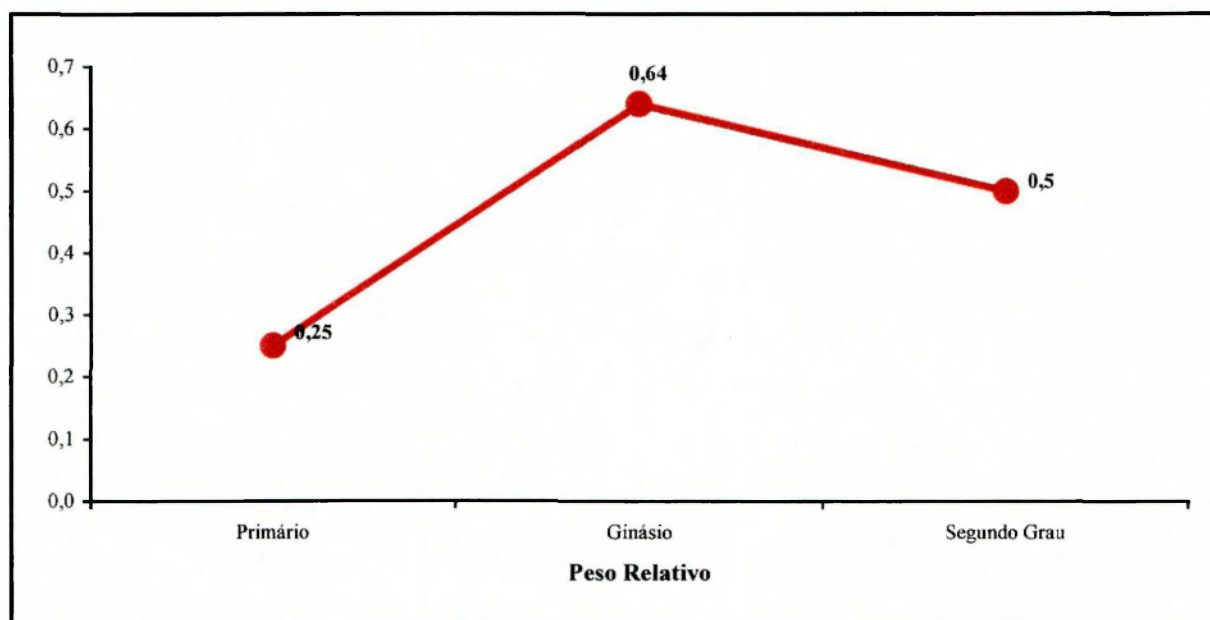
A variável *escolarização* foi estabelecida para que pudéssemos nos certificar se os informantes que usam mais marcas de concordância verbal com o pronome sujeito *tu* estariam sofrendo influência dos anos de estudo por eles enfrentados. O comportamento da concordância em três níveis escolares pode ser visto na tabela 16 através dos fatores: primário, ginásio e segundo grau.

TABELA 16 – A CONCORDÂNCIA EM RELAÇÃO À ESCOLARIZAÇÃO

FATORES	N.º DE OC./ TOTAL	%	PESO RELATIVO
primário	04 / 65	6	0,25
ginásio	15 / 127	12	0,64
segundo grau	17 / 160	11	0,50
TOTAL	36 / 352	10	

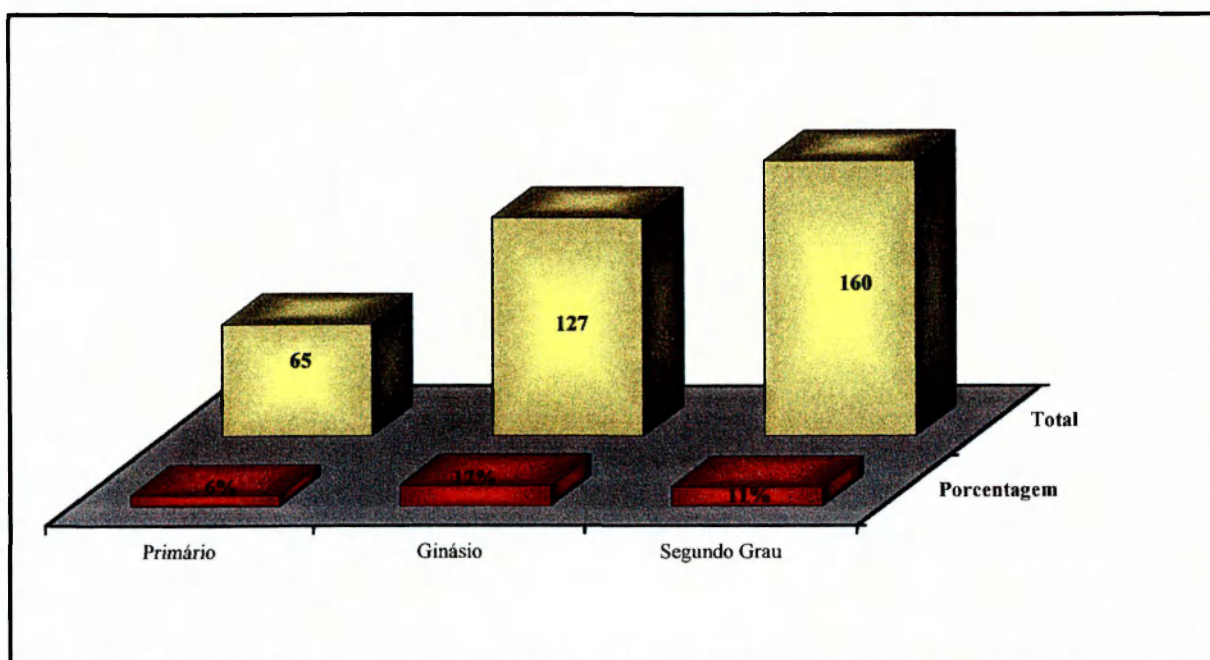
O ginásio obteve o peso relativo mais alto (0,64), indicando que são os informantes com o grau ginásial que tendem a aplicar mais a regra de concordância verbal com o pronome *tu*. Este foi um resultado surpreendente visto que a nossa hipótese, que se encontra na seção 4.4.2.3, era a de que quanto mais escolarizado fosse o falante, mais marcas de concordância com *tu* ele apresentaria. Isto deveria acontecer pelo fato de a escola trabalhar a língua portuguesa dentro das normas ditadas pela GT e a concordância verbal com *tu* feita por formas marcadas para a segunda pessoa do singular é uma das normas, portanto era de esperar que, quanto maior fosse o tempo de escolaridade, mais marcas de concordância verbal encontraríamos na fala dos informantes. Porém os resultados obtidos pelo VARBRUL demonstram que a nossa hipótese não foi confirmada.

GRÁFICO 8 – PROBABILIDADE DE APLICAÇÃO DA REGRA DE CONCORDÂNCIA EM RELAÇÃO À ESCOLARIDADE



Por meio do gráfico 8 podemos ver o peso relativo atribuído para o primário (0,25), indicando um desfavorecimento à aplicação da regra, enquanto o peso relativo do ginásio (0,64) indica um favorecimento. Mas o que se esperava era que o segundo grau obtivesse a maior probabilidade de aplicação da regra, no entanto, o peso relativo desse fator (0,50) é exatamente o ponto neutro, significando que há chances iguais de ocorrer tanto a forma marcada quanto a forma não-marcada para os falantes desse fator.

GRÁFICO 9 – CONCORDÂNCIA VERBAL EM RELAÇÃO À ESCOLARIDADE



Essa situação que encontramos na tabela acima nos indicando que o nível ginásial é o mais favorece a regra de concordância, deixa-nos intrigados em relação ao papel da escola. A escola não estaria conseguindo cumprir o seu papel de conservar a norma padrão contida na GT ou os valores sociais a ela atribuídos sofreram uma mudança que pudessem estar interferindo no desempenho escolar, tanto por parte dos professores quanto por parte dos alunos? Penso que para desvendarmos essas questões de ordem subjetiva precisaríamos fazer uma análise do discurso envolvendo fatores que contemplassem os valores atribuídos à escola. Como a nossa análise não contempla esse tipo de fatores, nada podemos concluir a respeito dos valores atribuídos à escola pelas comunidades pesquisadas.

5.3.5 Cruzamento de variáveis

Por meio do programa Crosstab, que faz o cruzamento das porcentagens atribuídas a dois grupos de fatores, obtivemos novos resultados estatísticos que complementaram a interpretação dos dados já analisados nos itens anteriores.

Na tabela 17 estão demonstrados os resultados do cruzamento das variáveis *região* e *faixa etária*. É importante lembrar que a variável *faixa etária* não foi selecionada pelo pro-

grama VARBRUL, porém o seu cruzamento com a *variável região* forneceu resultados importantes.

TABELA 17 – REGIÃO E FAIXA ETÁRIA NA CONCORDÂNCIA VERBAL COM TU

FAIXA ETÁRIA	BLUMENAU			CHAPECÓ			LAGES			TOTAL		
	Oc.	Total	%	Oc.	Total	%	Oc.	Total	%	Oc.	Total	%
menos de 50 anos	18 /	63	29	02 /	111	02	06 /	93	06	26 /	267	10
50 anos ou mais	03 /	12	25	03 /	50	06	04 /	23	17	10 /	85	12
TOTAL	21 /	75	28	05 /	161	03	10 /	116	09	36 /	352	10

Os resultados da tabela acima revelam que são os informantes da cidade de Blumenau com idade inferior a 50 anos os que mais realizam a concordância verbal com o pronome sujeito *tu* pela forma marcada. Esse resultado confirma aquele da seção 5.2.3, que aponta para uma tendência de aplicação da regra nos mais jovens (0,62), provavelmente essa constatação se deve aos fatores sociais que envolvem a comunidade de falantes.

Quanto ao resultado de maior frequência da variável *faixa etária* incidir na cidade de Blumenau, já era esperado, visto que, Lages e Chapecó tiveram um número muito pequeno de ocorrências pronome *tu* com marca de concordância.

O cruzamento das variáveis sociais *faixa etária* e *escolarização* aponta para a maior ocorrência de concordância verbal com marca para o grupo dos informantes com mais de 50 anos, cujo nível de escolaridade é o ginásial, conforme pode ser visto na tabela 18. Apesar dessas duas variáveis não terem sido selecionadas como relevantes à aplicação da regra de concordância pelo programa VARBRUL, o seu cruzamento proporcionou uma visão do comportamento lingüístico em relação à escolarização, demonstrando, na nossa amostra, que nem sempre o falante mais escolarizado segue as normas da GT, conforme pretende a escola na sua missão conservadora da norma lingüística padrão.

TABELA 18 – CONCORDÂNCIA VERBAL EM RELAÇÃO À FAIXA ETÁRIA E À ESCOLARIZAÇÃO

FATORES	A: 20 A 50 ANOS			B: ACIMA 50 ANOS			TOTAL		
	Oc.	Total	%	Oc.	Total	%	Oc.	Total	%
primário	04 /	48	8	00 /	17	00	04 /	65	6
ginásio	07 /	83	8	08 /	44	18	15 /	127	12
2º grau	15 /	136	11	02 /	24	8	17 /	160	11
TOTAL	26 /	267	10	10 /	85	12	36 /	352	10

Os informantes das duas faixas etárias tiveram comportamentos lingüísticos que diferiram, tanto em número de ocorrências com marca de concordância quanto na distribuição dessas ocorrências por nível de escolaridade. Na fala dos mais jovens das três cidades obtivemos o maior número de ocorrências do pronome *tu*, porém foram os mais velhos que obtiveram o percentual maior para a forma marcada de concordância verbal com esse pronome. O fato mais interessante no grupo de fatores escolarização, é que a maior frequência de marca de concordância se deu com o grupo dos mais velhos com o nível ginásial e não com o segundo grau, conforme a hipótese lançada no item 4.4.2.3 para o grupo de fatores *escolaridade*. Esse resultado pode estar sugerindo que o papel da escola, em passar a norma padrão prescrita pela GT, parece não ter alcançado resultados por ela esperados quanto à concordância verbal na fala dos informantes. É importante observar que, para muitos informantes da faixa etária dos mais velhos, o ginásio representava fase terminal de escolarização, tendo possivelmente, valores sociais diferentes dos valores atuais.

A tabela seguinte, que confronta a variável *região* com a variável *escolarização*, mostra a influência de Blumenau, principalmente para os indivíduos com grau ginásial.

TABELA 19 – CONCORDÂNCIA VERBAL EM RELAÇÃO À REGIÃO E À ESCOLARIZAÇÃO

FATORES	B: BLUMENAU			C: CHAPECÓ			L: LAGES			TOTAL		
	Oc.	Total	%	Oc.	Total	%	Oc.	Total	%	Oc.	Total	%
primário	03 /	24	13	00 /	29	00	01 /	12	08	04 /	65	06
ginásio	08 /	20	40	04 /	64	06	03 /	43	07	15 /	127	12
2º grau	10 /	31	32	01 /	68	01	06 /	61	10	17 /	160	11
TOTAL	21 /	75	28	05 /	161	03	10 /	116	09	36 /	352	10

O cruzamento das variáveis acima nos mostra que são os informantes de Blumenau com grau ginásial são os que mais realizam a concordância verbal com o pronome sujeito *tu* na forma marcada. Conferindo com o item 5.3.2.1, em que estudamos a influência da região sobre o fenômeno da concordância, obtivemos a confirmação com o peso relativo da cidade de Blumenau (0,88), indicando que a regra de concordância verbal com o pronome *tu* fica mais favorecida nessa região. E no item 5.3.2.4 podemos nos certificar do peso relativo para o nível ginásial (0,64), indicando o seu favorecimento para a aplicação da regra de concordância, contrariando inclusive a nossa hipótese de que quanto mais escolarizado fosse o falante, mais marcas de concordância ele apresentaria na sua fala. Essa hipótese estava basea-

da também nos resultados encontrados por LOREGIAN (1996, p. 97), apontando para o segundo grau como aquele que mais favoreceu a regra de concordância verbal com o pronome sujeito *tu* nas regiões de Florianópolis e Ribeirão da Ilha em Santa Catarina, e em Porto Alegre, capital do Rio Grande do Sul.

Outro fato que chama a atenção na tabela 19 é que não há nenhuma ocorrência de casos de concordância verbal com *tu* em Chapecó com informantes do primário e nas outras duas cidades, a ocorrência nesse nível de escolarização, foi baixíssima. Essa constatação parece demonstrar que a escola exerce alguma influência em relação à concordância verbal com a forma marcada, se compararmos o primário com o ginásio, porém não obtemos o mesmo resultado na passagem do ginásio para o segundo grau.

O cruzamento da variável social *região* com a variável lingüística *interação emissor/receptor*, apresentou a frequência de 45% para os falantes de Blumenau ao usarem o pronome sujeito *tu* para o interlocutor, isso acontece, nos nossos dados, quando o indivíduo se refere ao entrevistador, conforme demonstra a tabela abaixo:

TABELA 20 – A CONCORDÂNCIA VERBAL EM RELAÇÃO À REGIÃO E À INTERAÇÃO EMIS-SOR / RECEPTOR

FATORES	BLUMENAU			CHAPECÓ			LAGES			TOTAL		
	Oc.	Total	%	Oc.	Total	%	Oc.	Total	%	Oc.	Total	%
indeterminado	09 /	30	30	00 /	73	00	01 /	58	02	10 /	161	06
interlocutor	05 /	11	45	03 /	39	08	04 /	28	14	12 /	78	15
função fática	03 /	12	25	01 /	15	07	01 /	16	06	05 /	43	12
discurso rela.	04 /	20	20	01 /	26	04	03 /	07	43	09 /	53	15
D.R. próprio	00 /	02	00	00 /	08	00	01 /	07	14	01 /	17	06
TOTAL	21 /	75	28	05 /	161	03	10 /	116	08	36 /	352	10

O números favorecem o fator em que estão registradas as ocorrências de Blumenau quando o falante se dirige ao entrevistador e, é suposto que esse não seja da intimidade do informante. Essa constatação reforça a hipótese da seção 4.4.2.1 lançada para a variável *interação emissor/receptor* – quanto menos íntimo for o interlocutor, maior é a probabilidade de ocorrer verbos com marca de concordância. Porém, convém lembrar que essa variável não foi selecionada pelo programa VARBRUL como relevante à aplicação da regra de concordância verbal com o pronome *tu*. Mesmo assim, achamos interessante a sua análise para que pudés-

semos comparar os nossos resultados com os de LOREGIAN (1996, p. 57), os quais também apontam o favorecimento da aplicação da regra de concordância quando o falante se encontra em situações não-íntimas, levando-o a monitorar melhor o seu desempenho lingüístico.

A Tabela 20 também nos mostra que não houve um único caso de verbo marcado na segunda pessoa do singular no fator *indeterminado* na cidade de Chapecó, indicando-nos que o falante dessa cidade, quando se dirige a um interlocutor genérico, utiliza apenas a forma não-marcada. Realização já esperada para essa região.

A Tabela 21 apresenta os resultados do cruzamento de duas variáveis lingüísticas – *tempo verbal* e *explicitação do pronome*, demonstrando que a concordância com marca foi mais favorável quando o verbo estava no pretérito perfeito do indicativo e com pronome ausente.

TABELA 21 – A CONCORDÂNCIA VERBAL EM RELAÇÃO AO TEMPO VERBAL E À EXPLICITAÇÃO DO PRONOME

FATORES	TU PRESENTE			TU EL. INTERV.			TU AUSENTE			TOTAL		
	Oc.	Total	%	Oc.	Total	%	Oc.	Total	%	Oc.	Total	%
presente ind.	14 /	243	06	06 /	57	11	04 /	12	33	24 /	312	08
pret. perfeito	05 /	22	23	03 /	11	27	03 /	04	75	11 /	37	30
pret. imp.sub.	01 /	03	33	00 /	00	00	00 /	00	00	01 /	03	33
TOTAL	20 /	268	07	09 /	68	13	07 /	16	44	36 /	352	10

Como se pode observar na tabela acima, de quatro ocorrências com o *pronome ausente* e com verbo no *pretérito perfeito do indicativo*, três foram com marca de segunda pessoa. Esse resultado indica que nessa situação há uma tendência de o verbo ser realizado com o morfema de marca de segunda pessoa do singular, confirmando os resultados da tabela 14, que apresenta o peso relativo para o *pretérito perfeito do indicativo* (0,85) e da tabela 15, que apresenta o peso relativo para a *ausência do pronome* (0,86). Portanto, a probabilidade de aplicação da regra de concordância verbal aumenta quando há interferência desses dois fatores.

Encerrando os cruzamentos considerados mais significativos, apresentamos os resultados obtidos da variável lingüística *explicitação do pronome* e da variável social *região* na Tabela 22.

TABELA 22 – REGIÃO E EXPLICITAÇÃO DO PRONOME

FATORES	BLUMENAU			CHAPECÓ			LAGES			TOTAL		
	Oc.	Total	%	Oc.	Total	%	Oc.	Total	%	Oc.	Total	%
tu presente	10 /	51	20	04 /	123	03	06 /	94	06	20 /	268	07
tu elem. interv.	06 /	17	35	01 /	32	03	02 /	19	11	09 /	68	13
tu ausente	05 /	07	71	00 /	06	00	02 /	03	67	07 /	16	44
TOTAL	21 /	75	28	05 /	161	03	10 /	116	09	36 /	352	11

A interferência dessas duas variáveis confirma mais uma vez a hipótese lançada na seção 4.3.2.1, de que a ausência do pronome estaria influenciando o uso da forma verbal marcada na segunda pessoa do singular. Também confirma a hipótese lançada na seção 4.4.2.3 sobre a variável *região*, a qual postula que os falantes de Blumenau realizariam mais a regra de concordância com o pronome sujeito *tu*.

O cruzamento dessas variáveis permitiu-nos ver que Chapecó não apresenta concordância com a forma marcada no ambiente em que mais se esperava que ela ocorresse, demonstrando mais uma vez, que os informantes fazem a escolha entre *tu* e *você*, mas a forma verbal permanece a mesma para os dois pronomes, ou seja, com a forma não marcada de segunda pessoa do singular.

De acordo com os resultados de cada fator envolvido na alternância de *tu/você* e na alternância de formas concordância verbal com o pronome *tu*, foi possível fazer uma comparação com os resultados gerais obtidos por LOREGIAN (1996) na análise das mesmas variáveis analisadas em ambos trabalhos. Finalizando a nossa análise em torno da alternância do pronome de segunda pessoa e da alternância de formas verbais para a concordância com o pronome sujeito *tu*, apresentamos as nossas considerações finais no próximo capítulo.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Na análise das 72 entrevistas das cidades catarinenses de Blumenau, Lages e Chapecó, obtivemos um total de 2.155 ocorrências do pronome segunda pessoa do singular *tu/você*, das quais 561 ocorrências são de *tu* e 1.594 ocorrências são de *você* como sujeito da oração. Estes números muito nos surpreenderam porque esperávamos mais ocorrências do pronome sujeito *tu*, conforme uma das hipóteses iniciais. Em vista dessa situação optamos em fazer primeiramente uma análise da escolha do pronome sujeito de segunda pessoa e em um segundo momento, fazer a análise da concordância verbal com o pronome sujeito *tu*.

Na tabela 1 visualizamos o comportamento do pronome de segunda pessoa nas cidades pesquisadas e constatamos que o uso de *você* superou o uso de *tu* no cômputo geral e somente na cidade de Chapecó o *tu* superou em 5 ocorrências, o uso do pronome sujeito *você*.

Das 72 entrevistas analisadas, uma não apresentou pronomes de segunda pessoa do singular, cinco apresentaram só o pronome *tu*, treze apresentaram só o pronome *você* e 53 entrevistas apresentaram variação entre *tu* e *você*. Somando aquelas entrevistas só com *tu* e aquelas só com *você*, temos 18 entrevistas que não tiveram variação no indivíduo, apenas na comunidade e as outras 53 entrevistas apresentaram variação de *tu* e *você* no mesmo indivíduo.

Na análise dos resultados da variável dependente escolha do pronome de segunda pessoa do singular *tu/você*, ficou constatado que os informantes das cidades catarinenses de Blumenau, Chapecó e Lages tendem a usar mais o pronome *você* (74%) do que o pronome *tu* (26%).

Para a aplicação da regra de uso do pronome sujeito *tu*, a variável região foi a selecionada pelo VARBRUL como a mais relevante, conforme pode ser visto na seção 5.2.6, em seguida foram selecionadas as variáveis *sexo*, *faixa etária*, *interação emissor/receptor* e *escolaridade*. No cruzamento das variáveis constatamos que são os informantes mais jovens (0,62) de Chapecó (0,79) com grau ginásial (0,59) que tendem a usar mais o pronome sujeito *tu* e no cômputo geral das três cidades, foram os informantes mais jovens (0,62), do sexo feminino (0,63) e com o grau ginásial (0,59) que favoreceram a aplicação da regra de uso do pronome *tu*.

As conclusões a que chegamos a respeito da escolha do pronome sujeito *tu/você* não são definitivas, são antes de mais nada, constatações baseadas em fatos reais da língua em um *tempo aparente*⁷. Para sabermos se o fenômeno que analisamos se constitui em uma *mudança em curso* ou em uma *variação estável*, é preciso esperar o tempo passar em vinte anos ou mais, a fim de que se possa realizar nova análise do mesmo fenômeno, nas mesmas comunidades, para que, mediante o confronto entre os dois momentos, possamos descobrir os caminhos dessa variação lingüística.

Assim como a variável região foi a mais relevante na escolha do pronome sujeito *tu/você*, foi também a mais relevante na escolha da *presença/ausência* de concordância com o pronome *tu*. Para a primeira variável dependente foi selecionada a cidade de Chapecó (0,79) como a mais relevante na escolha do pronome *tu* e para a segunda variável dependente foi selecionada a cidade de Blumenau (0,86) como a mais relevante quanto ao uso da concordância verbal com a forma marcada referente ao pronome sujeito *tu*. Depreende-se desse resultado que, apesar de os informantes de Chapecó apresentarem o pronome *tu* em maior número, são os informantes de Blumenau que mais realizam a concordância verbal da forma canônica preconizada pela GT.

É preciso lembrar que o número de ocorrências com o *morfema de concordância* foi muito pequeno (39) em relação ao número das ocorrências com o *morfema Ø* para concordância verbal com o pronome sujeito *tu* (522) e, após eliminarmos os fatores que não apresentaram variação (*knockouts*), ficamos com apenas 37 ocorrências do pronome sujeito *tu* com *marca verbal* de concordância, assim distribuídos: Blumenau – 22, Chapecó – 05 e Lages – 10.

Na análise dos resultados estatísticos fornecidos pelo VARBRUL com a variável dependente concordância verbal com o pronome sujeito *tu*, obtivemos as seguintes variáveis por ordem de seleção: *região*, *tempo verbal*, *explicitação do pronome* e *escolarização*.

Na nossa amostra, a concordância verbal com o morfema marcado encontra uma probabilidade maior de acontecer com os informantes de *Blumenau* (0,86), com grau ginásial (0,64) e principalmente ao usarem verbos no *pretérito perfeito do indicativo* (0,85) e com o pronome *tu não explícito* (0,86). Essas constatações confirmam as hipóteses lançadas para os

⁷ Tempo aparente é o estudo de uma língua falada em uma determinada comunidade, em um determinado momento histórico, estratificado por faixas etárias.

grupos de fatores *região*, *tempo verbal* e *explicitação dos pronomes*, mas não confirmam a hipótese lançada para o grupo de fatores *escolaridade*. As nossas expectativas para esse último grupo de fatores era a de que os informantes com segundo grau realizariam mais a concordância por meio de verbos com marca de segunda pessoa, pois postulávamos que, quanto mais escolarizado fosse o falante, mais chances de usar a forma canônica de concordância verbal ele teria, justamente por ter passado mais tempo na escola, a qual trabalha com as normas de concordância preconizadas pela GT.

Os resultados da análise estatística dos nossos dados, obtidos pelo programa VARBRUL em confronto com os resultados obtidos por LOREGIAN (1996), com as mesmas variáveis, poderão ajudar a entender esse fenômeno lingüístico da concordância verbal com *tu* e a descrevê-lo.

Na comparação da variável *região* temos *Blumenau* (0,86), na nossa análise, com o peso relativo mais alto e na análise de LOREGIAN (1996, p. 92), o peso relativo mais alto é do *Ribeirão da Ilha* (0,81) – localidade situada na Ilha de Santa Catarina – seguido de Florianópolis (0,71). Esses resultados constata a influência do povo açoriano no litoral catarinense e nas suas proximidades, inclusive nos hábitos lingüísticos. É interessante observar que foram os imigrantes portugueses da Ilha dos Açores, em cujos hábitos lingüísticos estava presente a marca de concordância verbal com o pronome *tu*, que colonizaram o litoral do estado de Santa Catarina. Esse hábito lingüístico, mantido por intermédio dos seus descendentes nas comunidades litorâneas e comunidades próximas ao litoral, permanece vivo, mesmo se apresentando em um número reduzido.

A variável *tempo verbal* mostrou-se relevante na concordância com *tu* marcado quando os verbos flexionados estavam no *pretérito perfeito do indicativo*, tanto na análise presente neste trabalho (0,84), quanto na análise de LOREGIAN (0,92), (1996, p. 70). Esses pesos relativos altos indicam que há uma grande probabilidade de haver marcas de concordância verbal com o pronome sujeito *tu* no *pretérito perfeito do indicativo*. Quer dizer, a oposição da forma verbal *marcada / não marcada* (-EST, -SSE) é mais percebida nesse tempo verbal justamente por ter uma saliência fônica maior e, conseqüentemente, é a mais realizada.

A nossa terceira variável selecionada foi *explicitação do pronome*, confirmando a hipótese lançada para esse grupo de fatores e demonstrou que os nossos resultados se asse-

melham aos resultados obtidos por LOREGIAN (1996, p. 52) nessa variável. O fator que se apresentou mais relevante na aplicação da regra de concordância verbal foi *tu ausente*, que obteve na nossa análise o peso relativo mais alto (0,85) assim como na análise de Loregian também obteve o peso relativo maior (0,72). Isso significa que a presença da *marca de concordância* é que vai identificar a pessoa do discurso na *ausência do pronome*. Portanto, nos casos com o pronome *tu* elíptico, há uma tendência de o verbo aparecer com a marca de segunda pessoa tanto nas cidades por nós analisadas, quanto nas cidades analisadas por Loregian.

Para a variável *escolarização* obtivemos o resultado surpreendente: para o ginásio (0,64), para o segundo grau (0,50), e para o primário (,25). Esses resultados não confirmam as nossas expectativas em relação à influência que escolarização do indivíduo teria sobre a concordância verbal. Nos resultados de LOREGIAN (1996, p. 97), essa hipótese foi confirmada pelo peso relativo para o segundo grau (0,60), seguindo, em uma escala decrescente, o peso relativo do ginásio (0,49) e finalmente o primário (0,38). Nessa comparação, podemos observar que para essa variável obtivemos resultados descontraídos, levando-nos a pensar que seria importante fazer uma pesquisa sobre os valores da escola nessas regiões a fim de que descobríssemos as razões que levaram os informantes com grau ginásial de Blumenau, Lages e Chapecó a realizarem mais concordância verbal com a forma marcada que os informantes com o segundo grau de escolaridade.

No cruzamento das variáveis sociais *região, escolaridade e faixa etária* na seção 5.3.3, obtivemos novamente a constatação de que são os informantes mais jovens da cidade de Blumenau com o grau ginásial que mais realizam a marca de concordância verbal com *tu*. No cruzamento dessas mesmas variáveis na análise de LOREGIAN (1996 p. 102, 108), constatamos que são os informantes mais velhos do Ribeirão da Ilha com o segundo grau que mais favorecem a aplicação da regra de concordância.. Essa diferença entre ginásial e colegial (2.º grau) talvez devesse receber um estudo mais detalhado para obtermos mais dados que possam elucidar o papel da escola na realização da concordância verbal dos falantes.

Uma das propostas deste trabalho de análise da concordância verbal com o pronome sujeito *tu* era verificar, a partir dos resultados da variável *escolarização*, se o avanço dos níveis escolares representaria um maior número de realizações da regra de concordância. O resultado obtido para essa variável, que se encontra na seção 5.3.2.4, foi surpreendente,

demonstrando que a probabilidade maior de aplicação da regra não ficou com o nível mais alto de escolarização, o que nos leva a refletir sobre a escola, que trabalha no sentido de conservar a língua padrão – se o seu papel tem sido de fato tão efetivo quanto nos quer parecer, na fala dos indivíduos mais escolarizados. Porém, se levarmos em conta a diferença entre o peso relativo do primário e o do ginásio, temos 0,39 de diferença, indicando que o papel da escola em relação à língua padrão, tem alcançado algum sucesso ao passar do nível escolar mais baixo (primário) para o imediatamente superior a ele (ginásio).

Quanto ao grupo dos falantes de nível ginásial ter obtido o peso relativo mais alto, é um resultado inesperado e intrigante. Essa situação nos leva a pensar por que os informantes do nível ginásial, na nossa amostra, tendem a manter a concordância verbal canônica com o pronome sujeito *tu* e por que com os informantes do segundo grau isso não acontece. Buscamos explicações para esse fenômeno em PACKER (1990, p. 77) que conclui o seguinte:

A escola usa e quer ver usada a forma socialmente prestigiada: você. Em Jaraguá do Sul, a forma tu se faz acompanhar, geralmente, pelo verbo na 3.ª pessoa, como ocorre em falares do Rio Grande do Sul. No entanto, a escola não somente condena a concordância verbal, como desestimula o uso da forma tu.

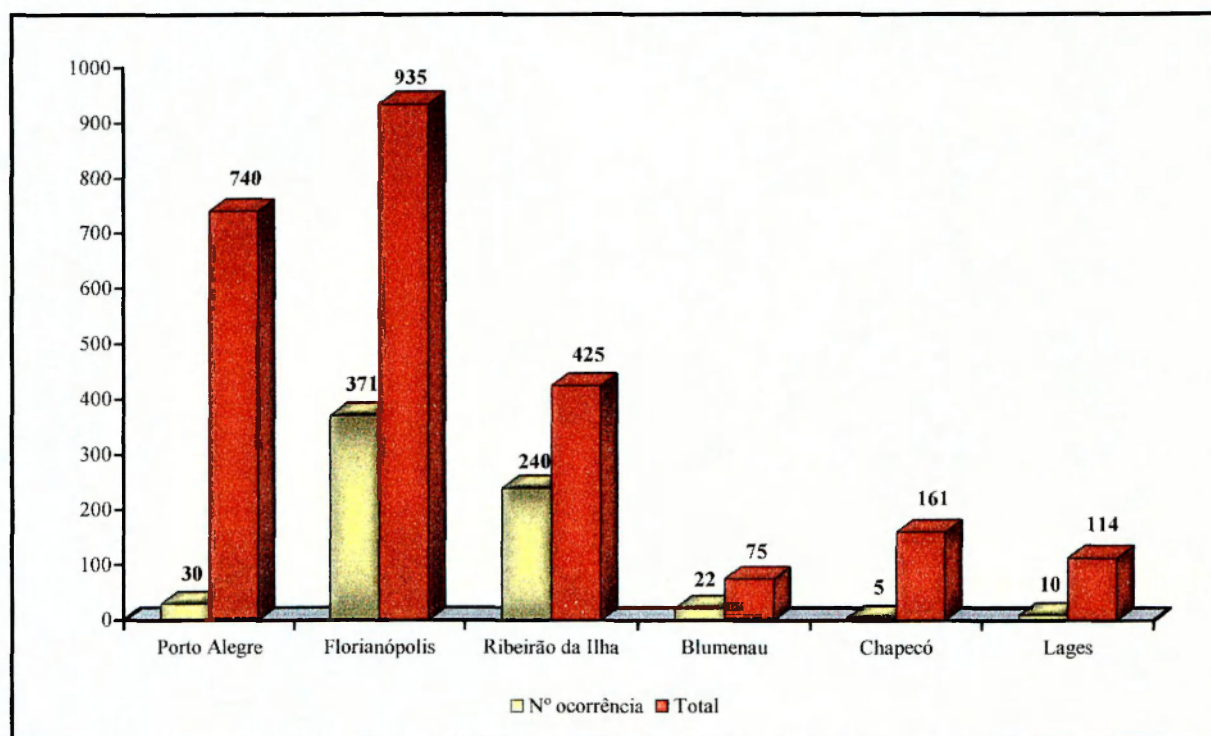
Parece-nos que a escola funciona, no nível ginásial, como um veículo esclarecedor da concordância verbal com *tu* e no segundo grau, a escola parece funcionar como um meio esclarecedor das formas de tratamento veiculadas pela mídia em nível nacional. Isso resultaria em um maior uso de *tu* com marca de concordância verbal nos informantes de nível ginásial e uma diminuição do uso desse pronome no segundo grau ocasionando como consequência, uma diminuição da concordância verbal canônica com *tu* por influência da forma verbal não marcada usada para o pronome *você*.

O estudo da escolha do pronome de segunda pessoa do singular *tu/você* e a concordância verbal com o pronome sujeito *tu* é uma questão que envolve a variedade padrão e a variedade que o indivíduo traz na sua bagagem cultural ao entrar na escola. É importante que não nos esqueçamos que esse indivíduo já refletiu muito sobre a língua falada durante o processo de aquisição da mesma e que ele tem consciência de que é capaz de se comunicar nas diversas situações de vida. Por isso, a variedade que o indivíduo traz para a escola, não deve ser ignorada, nem desprezada, pois é a língua do seu cotidiano e tem, sem dúvida, o seu valor

comunicativo. Mas, é também importante que saibamos passar para nossos alunos a idéia de que é preciso saber mais sobre a língua, que existem outras formas de se expressar e que o conhecimento lingüístico pode crescer com o indivíduo durante a sua vida.

Em suma, não podemos fugir da heterogeneidade da língua encontrada em suas diversas variedades e que estão a nossa volta, mas, como professores podemos aprender e ensinar novas formas como uma estratégia de crescimento lingüístico; e como lingüistas, podemos estudar, analisar e descrever as variedades encontradas como forma de conhecer mais e melhorar a língua portuguesa falada no Brasil.

GRÁFICO 10 – CONCORDÂNCIA VERBAL COM O PRONOME TU



O gráfico acima tem a finalidade de demonstrar a realização da concordância verbal nas localidades analisadas por LOREGIAN (1996) em comparação com a nossa análise da concordância verbal com o pronome *tu* realizada nas cidades catarinenses de Blumenau, Lages e Chapecó. Conforme podemos observar, em número de ocorrências da forma canônica de concordância verbal, temos a seguinte ordem decrescente: Florianópolis (371), Ribeirão da Ilha (240), Porto Alegre (30), Blumenau (21) Lages (10) e Chapecó (05). Isso nos indica que temos uma realização relativamente grande de verbos com a forma marcada nas regiões de Florianópolis e do Ribeirão da Ilha, ambas de Santa Catarina. Esses resultados nos levam a

constatar que Florianópolis, a capital de Santa Catarina, teve a maior realização de *tu com marca* e que Chapecó, cidade do oeste catarinense, apesar de apresentar um número elevado de *tu*, quase não apresentou a forma verbal marcada.

Em uma escala crescente, quanto à ordem de frequência, as regiões ficaram assim distribuídas: Ribeirão da Ilha (57%), Florianópolis (40%), Blumenau (28%), Lages (9%), Porto Alegre (4%) e Chapecó (3%). A região de Ribeirão da Ilha fica aqui caracterizada como a aquela que realiza mais verbos *com marca de concordância* do que verbos *sem marcas* para a segunda pessoa do singular – *tu*, liderando a concordância verbal com a forma marcada para o pronome *tu* (57%). Enquanto Chapecó obteve apenas 3%, demonstrando que a variação se dá apenas na escolha do pronome *tu/você* e não na forma verbal, ficando apenas com a forma *não-marcada* tanto para o uso de *você* como para o uso de *tu*.

Quanto à probabilidade de aplicação da regra, a ordem da região mais relevante para a menos relevante, de acordo com o peso relativo, é a seguinte: Blumenau (0,88), Ribeirão da Ilha (0,81), Florianópolis (0,71), Lages (0,54), Chapecó (0,26) e Porto Alegre (0,12). Podemos concluir, a partir dos resultados apresentados, que as regiões de descendência açoriana localizadas no litoral catarinense e a região de descendência alemã localizada próxima ao litoral catarinense tendem a favorecer a aplicação da regra de concordância, enquanto as regiões de descendência italiana e de colonização gaúcha, localizadas distante do litoral catarinense, tendem a desfavorecer a aplicação da regra de concordância verbal com o pronome *tu*. Já a região de Lages, caracterizada pela passagem dos vicentinos, que deixaram no seu rastro o uso de *você*, e é também caracterizada pela colonização gaúcha que tem na sua variedade linguística o uso de *tu*, ficou praticamente no ponto neutro. Isso quer dizer que nessa região há praticamente a mesma probabilidade de ocorrer verbo *com marca* e verbo *sem a marca* de concordância verbal com *tu*.

Diante dessas constatações e para finalizar, podemos dizer que, na nossa amostra e na de LOREGIAN, as regiões do litoral de Santa Catarina, cuja descendência dos seus habitantes é açoriana; e a região que está próxima a esse litoral, cuja descendência de seus habitantes é alemã, tendem a realizar mais *a marca de concordância verbal* com *tu*. Enquanto as regiões mais afastadas do litoral catarinense, cuja colonização é de italianos e de gaúchos descendentes de italianos, em cuja variedade linguística apresenta o uso de *tu* para a segunda pessoa, são as que mais desfavorecem a aplicação da regra de concordância.

ANEXOS

ANEXO 1 – CARACTERÍSTICAS SOCIAIS DOS INFORMANTES

Blumenau

CIDADE	Nº. DA ENTREVISTA	ESCOLARIDADE	IDADE	SEXO
BLU	01	PRI	A	F
BLU	02	PRI	A	F
BLU	03	PRI	A	M
BLU	04	PRI	A	M
BLU	05	PRI	B	F
BLU	06	PRI	B	F
BLU	07	PRI	B	M
BLU	08	PRI	B	M
BLU	09	GIN	A	F
BLU	10	GIN	A	F
BLU	11	GIN	A	M
BLU	12	GIN	A	M
BLU	13	GIN	B	F
BLU	14	GIN	B	F
BLU	15	GIN	B	M
BLU	16	GIN	B	M
BLU	17	SEG	A	F
BLU	18	SEG	A	F
BLU	19	SEG	A	M
BLU	20	SEG	A	M
BLU	21	SEG	B	F
BLU	22	SEG	B	F
BLU	23	SEG	B	M
BLU	24	SEG	B	M

Referência: Banco de Dados do VARSUL – Universidade Federal do Paraná

Chapecó

CIDADE	Nº. DA ENTREVISTA	ESCOLARIDADE	IDADE	SEXO
CHP	01	PRI	A	F
CHP	02	PRI	A	M
CHP	03	PRI	A	M
CHP	04	PRI	A	F
CHP	05	PRI	B	M
CHP	06	PRI	B	F
CHP	07	PRI	B	F
CHP	08	PRI	B	M
CHP	09	GIN	A	F
CHP	10	GIN	A	M
CHP	11	GIN	A	M
CHP	12	GIN	A	F
CHP	13	GIN	B	F
CHP	14	GIN	B	M
CHP	15	GIN	B	M
CHP	16	GIN	B	F
CHP	17	SEG	A	F
CHP	18	SEG	A	M
CHP	19	SEG	A	F
CHP	20	SEG	A	M
CHP	21	SEG	B	F
CHP	22	SEG	B	M
CHP	23	SEG	B	F
CHP	24	SEG	B	M

Referência: Banco de Dados do VARSUL – Universidade Federal do Paraná

Lages

CIDADE	Nº. DA ENTREVISTA	ESCOLARIDADE	IDADE	SEXO
LGS	01	PRI	A	F
LGS	02	PRI	A	F
LGS	03	PRI	A	M
LGS	04	PRI	A	M
LGS	05	PRI	B	F
LGS	06	PRI	B	F
LGS	07	PRI	B	M
LGS	08	PRI	B	M
LGS	09	GIN	A	F
LGS	10	GIN	A	F
LGS	11	GIN	A	M
LGS	12	GIN	A	M
LGS	13	GIN	B	F
LGS	14	GIN	B	F
LGS	15	GIN	B	M
LGS	16	GIN	B	M
LGS	17	SEG	A	F
LGS	18	SEG	A	F
LGS	19	SEG	A	M
LGS	20	SEG	A	M
LGS	21	SEG	B	F
LGS	22	SEG	B	F
LGS	23	SEG	B	M
LGS	24	SEG	B	M

Referência: Banco de Dados do VARSUL – Universidade Federal do Paraná

ANEXO 2 – SÍMBOLOS USADOS PARA A CODIFICAÇÃO DOS DADOS

VARIÁVEIS LINGÜÍSTICAS

1. Explicitação do pronome sujeito:

- T tu presente
- I tu presente com elemento interveniente
- A ausência do pronome sujeito tu

2. Marca de segunda pessoa:

- + verbo com marca de 2.^a pessoa do singular
- verbo sem marca de 2.^a pessoa do singular

3. Interação emissor / receptor:

- t o falante se dirige ao entrevistador
- z o falante se dirige a um interveniente
- x discurso relatado de outra pessoa
- i o falante se dirige a um interlocutor genérico
- f função fática
- q discurso relatado do próprio falante

4. Paralelismo formal:

- * verbo de uma seqüência de marcas de concordância com o pronome tu
- \$ verbo de uma seqüência sem marcas de concordância com o pronome tu
- @ primeiro verbo de uma série dirigido ao pronome tu
- ! alternâncias de marcas verbais com tu com elemento anterior marcado
- # alternâncias de marcas verbais com tu com elemento anterior não-marcado
- ? único verbo no período dirigido ao pronome tu
- 1 primeiro verbo de uma série dirigido ao pronome você
- 2 verbo de uma seqüência de verbos usados para o pronome você
- 3 único verbo do período usado para o pronome você

5. Tempo verbal:

- a presente do indicativo
- p pretérito perfeito do indicativo
- v pretérito imperfeito do indicativo
- f futuro do pretérito do indicativo
- k presente do subjuntivo
- y futuro do subjuntivo
- w pretérito imperfeito do subjuntivo
- m imperativo mitigado
- r infinitivo
- g gerúndio

6. Alternância de pronomes de 2.^a pessoa do singular:

- h alternância de pronomes no mesmo período, aparecendo *tu* antes do pronome analisado
- u alternância de pronomes no mesmo período, aparecendo *você* antes do pronome analisado

7. Saliência Fônica:

- 1 nível um, acréscimo de –S
- 2 nível dois, acréscimo de –ES
- 3 nível três, acréscimo de – STE/SSE

8. Tonicidade do verbo:

- O oxítono
- P paroxítono

9. Número de sílabas do verbo:

- 1 monossílabo
- 2 dissílabo
- 3 trissílabo
- 4 polissílabo

VARIÁVEIS SOCIAIS

1. Escolarização:

P primário

G ginásio

S 2.º grau

2. Faixa etária:

A falantes de 20 a 50 anos

B falantes acima de 50 anos

3. Sexo:

F feminino

M masculino

4. Região:

B Blumenau

C Chapecó

L Lages

ANEXO 3 – O PERFIL DAS CIDADES ANALISADAS

O povoamento do Estado de Santa Catarina ocorreu de maneira lenta, começando pelo litoral. Um pouco mais tarde foi fundada a vila de Lages no centro do estado e o oeste catarinense só foi efetivamente povoado depois de resolvida a Questão do Contestado – a disputa por terras entre o Estado do Paraná e o de Santa Catarina.

Blumenau, cidade situada ao nordeste do Estado de Santa Catarina, às margens do rio Itajaí, foi fundada em 1850 por Hermann Blumenau, químico alemão, e foi colonizada por imigrantes alemães. Inicialmente baseada na agricultura de subsistência, Blumenau experimentou um rápido desenvolvimento industrial e comercial. Ainda hoje mantém as tradições germânicas na música, na arquitetura, na culinária e também na lingüística através do hábito da conversa em alemão entre os seus descendentes, dando uma característica especial à cidade.

Distante a apenas 47 quilômetros do litoral catarinense, Blumenau apresenta um clima quente e úmido na maior parte do ano, o que favorece o cultivo de flores dando um colorido especial à cidade. Seu povo cultua as artes como música, teatro, poesia, artes plásticas e também cultua esportes, destacando-se em muitos deles no cenário estadual. Apesar do seu desenvolvimento industrial, comercial e cultural, mantém uma área rural típica com pequenas fazendas de produção agropecuária. É nesse ambiente de tradições germânicas na proximidade do litoral catarinense com tradições açorianas que a língua portuguesa tem desenvolvido uma variedade típica na região.

Chapecó, cidade localizada a oeste do estado de Santa Catarina, teve seu município instalado em 1931, com sede no povoado de Passos dos Índios e em 1939 passou a ter o nome atual. O município foi colonizado por imigrantes italianos e por descendentes de italianos vindos do estado vizinho do Rio Grande do Sul. Hoje, Chapecó sedia grandes frigoríficos e grandes cooperativas de produção de soja do sul do país.

Lages, localizada a sudeste do estado, no planalto, ao norte do rio Caveiras, iniciou como um povoado que servia de ponto de apoio para os tropeiros que conduziam gado do Rio Grande do Sul para São Paulo. Em 1775 foi fundada a Vila de Nossa Senhora dos Prazeres de

Lages e esse foi o primeiro núcleo de povoação da serra catarinense. Perdida no interior, sem comunicação com o litoral, contava apenas com uma precária comunicação com Curitiba. Lages permaneceu por muito tempo com uma escassa população e contava apenas com fazendas de criação de gado.

Cidade de colonização gaúcha, Lages teve o seu desenvolvimento a partir de grandes investimentos de papel e celulose, destacando-se nessa área, conta também com a criação de bovinos e com a agricultura como principais atividades econômicas.

FIGURA 1 – SANTA CATARINA E SUAS PRINCIPAIS CIDADES



Referência: Almanaque Abril, CD Rom, 5.^a ed. São Paulo: Abril Multimídia, 1998.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- 1 ALMEIDA, Guido de. Resgatando a contribuição da sociolinguística laboviana. In: D.E.L.T.A. São Paulo, v. 5, n. 1, p. 71-79, 1989.
- 2 ANDRÉ, Hildebrando A. de. *Gramática ilustrada*. 4. ed. São Paulo: Moderna, 1990.
- 3 BORTONI-RICARDO, Stella Maris. A análise do português brasileiro em três continua. In: GROSSE, Sybille; ZIMMERMANN, Klaus. *Substandard e mudança no português do Brasil*. Frankfurt am Main: TFM, 1998, p. 101-118.
- 4 _____. Variationist sociolinguistics. In: HORNBERGER, Nancy H.; CORSON, David. *Kluwer Encyclopedia of Language and Education*. Boston: Kluwer Academic Publishers, [s.d.]. v. 8: Research methods in language and education.
- 5 _____. Problemas de comunicação interdialeto. *Tempo Brasileiro*, Rio de Janeiro, n. 78-79, p. 9-32, 1984.
- 6 BRAGA, Maria Luiza. Os condicionamentos discursivos. In: MOLLICA, Maria Cecília. *Introdução à sociolinguística variacionista*. Rio de Janeiro: Cadernos Didáticos/UFRJ, 1992. p. 57-66.
- 7 BRAGA, Maria Luiza; NARO, Anthony. A questão do tamanho da amostra. *Tempo Brasileiro*, Rio de Janeiro, n. 117, p. 61-66, 1994.
- 8 BRIGHT, William. As dimensões da sociolinguística – 1964 / 1966. In: *Sociolinguística*. Rio de Janeiro: Eldorado Tijuca, 1974. Coleção Enfoque.
- 9 CÂMARA JÚNIOR, Joaquim Mattoso. *Dicionário de lingüística e gramática*. 7. ed. Petrópolis: Vozes, 1977.
- 10 _____. *Estrutura da língua portuguesa*. Petrópolis: Vozes, 1976.
- 11 CEGALLA, Domingos Paschoal. *Novíssima gramática*. 37. ed. São Paulo: Nacional, 1994.
- 12 CHALHUB, Samira. *Funções da Linguagem*. São Paulo: Ática, 1987. Série Princípios.
- 13 COSTA, Iara Bemquerer (coord.). *Variação Lingüística Urbana na Região Sul do País – VARSUL Paraná Fase II*.
- 14 CUNHA, Celso. *Gramática de base*. 2. ed. Rio de Janeiro: FENAME, 1981.
- 15 CUNHA, Celso; CINTRA, Lindley. *Nova gramática do português contemporâneo*. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.
- 16 DUARTE, Maria Eugênia Lamoglia. Do pronome nulo ao pronome pleno: a trajetória do sujeito no português do Brasil. In: ROBERTS, Ian; KATO, Mary A. *Português Brasileiro: uma viagem diacrônica*. Campinas: UNICAMP, 1993. p. 107-128.

- 17 _____. Aquisição de sujeito pronominal em L2. In: RONCARATI, Cláudia; MOLLICA, Maria Cecília. *Variação e aquisição*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1997. p. 43-64.
- 18 DUBOIS, Jean et al. *Dicionário de lingüística*. São Paulo: Cultrix, 1973.
- 19 ENCICLOPÉDIA DELTA UNIVERSAL. Rio de Janeiro: Delta, 1989. v. 2, 4, 9.
- 20 FARACO, Carlos Alberto. *Lingüística histórica*. 2. ed. São Paulo: Ática, 1998.
- 21 FREITAS, Judith. *Os pronomes pessoais sujeito no ensino fundamental*. Salvador: EDUFBA, 1997.
- 22 _____. *Os pronomes pessoais sujeito no ensino médio*. Salvador: EDUFBA, 1997.
- 23 FURLAN, Oswaldo Antônio. *Influência açoriana no português do Brasil em Santa Catarina*. Florianópolis: UFSC, 1989.
- 24 GALVES, Charlotte. O enfraquecimento da concordância no português brasileiro. In: ROBERTS, Ian; KATO, Mary A. *Português Brasileiro: uma viagem diacrônica*. Campinas: UNICAMP, 1993. p. 387-408.
- 25 _____. A gramática do português brasileiro. In: _____. *Línguas e instrumentos lingüísticos*. Campinas: Pontes, 1998. p. 79-96.
- 26 GUY, Gregory. The quantitative analysis of linguistic variation. In: PRESTON, Dennis R. *American Dialect Research*. Philadelphia: Benjamins Publishing, 1993.
- 27 _____. *VARBRUL: análise avançada*. Traduzido por Ana Maria Stahl Zilles. North York, (Canadá): York University, 1988.
- 28 HORA, Dermeval (org). *Diversidade Lingüística no Brasil*. João Pessoa: Idéia, 1997.
- 29 HUDSON, R. A. *Sociolinguistics*. Cambridge: Cambridge University Press, [s.d.]. cap. 2: varieties of language. p. 30-37 (extrato).
- 30 INFANTE, Ulisses. *Curso de gramática aplicada aos textos*. São Paulo: Scipione, 1995.
- 31 LABOV, William. *Modelos sociolingüísticos*. Madrid: Ediciones Cátedra, 1983.
- 32 _____. Estágios na aquisição do inglês standard. In: *Sociolingüística*. Rio de Janeiro: Eldorado Tijuca, 1974. Coleção Enfoque.
- 33 _____. The intersection of sex and social class in the course of linguistic change. *Variation and Change*, Cambridge, p. 205-254, 1991.
- 34 LEMLE, Miriam. Heterogeneidade dialetal: um apelo à pesquisa. *Tempo Brasileiro*, Rio de Janeiro, v. 53-54, p. 60-94, abr./set., 1978.
- 35 LOREGIAN, Loremi. *Concordância com o pronome tu na fala do sul do Brasil*. Florianópolis, 1996. Dissertação (Mestrado em Lingüística), Universidade Federal de Santa Catarina.

- 36 MACEDO, Alzira Tavares de. Linguagem e Contexto. In: MOLLICA, Maria Cecília. *Introdução à sociolinguística variacionista*. Rio de Janeiro: Cadernos Didáticos/UFRJ, 1992. p. 89-95.
- 37 MACIEL, C. A. A questão das variedades de registro no ensino do português, língua estrangeira: o caso específico da oposição tu/você (no Brasil). In: *Etudes portugaises et brésiliennes*, [S.l.], . v. XVII, p. 41-50, 1982. Nouvelle série I.
- 38 MENON, Odete Pereira da Silva. O sistema pronominal do português no Brasil. *Letras*, Curitiba, n. 44, p. 91-106, 1995.
- 39 _____. Variação e mudança: o papel dos condicionamentos linguísticos. *Fragmenta*, Curitiba, n. 13, p. 89-113, 1996.
- 40 _____. *Uso do pronome sujeito de primeira pessoa: uma análise sociolinguística*. Curitiba, 1996. Tese aprovada no concurso para Professor Titular de Linguística no Departamento de Linguística, Letras Clássicas e Vernáculas, Universidade Federal do Paraná.
- 41 _____. O sistema pronominal na região sul. In: XI ENCONTRO NACIONAL DA ANPOLL(1996 : João Pessoa). *Anais...* João Pessoa: [s.n.], 1996. p. 510-511.
- 42 _____. *Pronome de segunda pessoa no sul do Brasil: tu / você / o senhor em Vinhas da Ira*. No prelo, 2000.
- 43 MESQUITA, Roberto Melo. *Gramática da língua portuguesa*. São Paulo: Saraiva, 1994.
- 44 MOLLICA, Maria Cecília (org.). *Introdução à sociolinguística variacionista*. Rio de Janeiro: Cadernos Didáticos/UFRJ, 1992.
- 45 NARO, Anthony J. Idade. In: MOLLICA, Maria Cecília. *Introdução à sociolinguística variacionista*. Rio de Janeiro: Cadernos Didáticos/UFRJ, 1992. p. 81-88.
- 46 _____. Modelos quantitativos e tratamento estatístico. In: MOLLICA, Maria Cecília. *Introdução à sociolinguística variacionista*. Rio de Janeiro: Cadernos Didáticos/UFRJ, 1992. p. 17-25.
- 47 NARO, Anthony; LEMLE, Miriam. Syntactic diffusion. In: *Diachronic Syntax*. STEEVER, S.; WALKER, C.; MUFWENE, S. Chicago: [s.n.], 1976. p. 221.
- 48 NARO, Anthony; SCHERRE, Maria Marta Pereira. Variação e mudança linguística: fluxos e contrafluxos na comunidade de fala. *Caderno de Estudos Linguísticos*, Campinas, v. 20, p. 9-16, 1991.
- 49 NICOLAU, Eunice Maria das Dores. *A ausência de concordância verbal em português: uma abordagem sociolinguística*. Belo Horizonte, 1984. Dissertação (Mestrado em Linguística). Universidade Federal de Minas Gerais.
- 50 OMENA, Nelize Pires de. Influências morfo-sintáticas e semânticas. In: MOLLICA, Maria Cecília. *Introdução à sociolinguística variacionista*. Rio de Janeiro: Cadernos Didáticos/UFRJ, 1992. p. 47-56.

- 51 PACKER, Sonia Maria. *Formas de tratamento em Jaraguá do Sul – SC*. Curitiba, 1990. Dissertação (Mestrado em Lingüística). Universidade Federal do Paraná.
- 52 PAIVA, Maria da Conceição. Sexo. In: MOLLICA, Maria Cecília. *Introdução à sociolinguística variacionista*. Rio de Janeiro: Cadernos Didáticos/UFRJ, 1992. p. 69-73.
- 53 RONCARATI de SOUZA. Fatores Fonológicos. MOLLICA, Maria Cecília. *Introdução à sociolinguística variacionista*. Rio de Janeiro: Cadernos Didáticos/UFRJ, 1992. p. 39-46.
- 54 RODRIGUES, Ângela C. de Souza. *A concordância no português popular em São Paulo*. São Paulo, 1987. Tese (Doutorado). Universidade de São Paulo.
- 55 SACCONI, Luiz Antonio. *Nossa gramática: teoria e prática*. 19. ed. rev. e atual. São Paulo: Atual, 1995.
- 56 SAUSSURE, Ferdinand de. *Curso de lingüística geral*. São Paulo: Cultrix, 1998.
- 57 SCHERRE, Maria Marta Pereira. Sobre a atuação do princípio da saliência fônica na concordância nominal. In: TARALLO, Fernando. *Fotografias sociolinguísticas*. Campinas: Pontes, 1989. p. 301-332.
- 58 _____. A concordância de número nos predicativos e participios passivos. *Organon – A variação do português do Brasil*. Porto Alegre, v. 5, n. 18, p. 52-70, 1991.
- 59 _____. *Introdução ao pacote VARBRUL para microcomputadores*. Rio de Janeiro, 1992. (Mímeo).
- 60 _____. Sobre a influência de três variáveis relacionadas na concordância nominal em Português. In: SILVA, Gisele Machline de Oliveira e; SCHERRE, Maria Marta Pereira. *Padrões sociolinguísticos: análise de fenômenos variáveis do português falado no Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro/UFRJ, 1996. p. 86-117.
- 61 SCHERRE, Maria Marta Pereira; NARO, Anthony Julius. A concordância de número no português do Brasil: um caso típico de variação inerente. In: HORA, Demerval da (org.). *Diversidade Lingüística no Brasil*. João Pessoa: Idéia, 1997. p. 93-130.
- 62 SILVA, Gisele Machline de Oliveira e; VOTRE, Sebastião Josué. Estudos sociolinguísticos no Rio de Janeiro. In: D.E.L.T.A., v. 7, n. 1, p. 357-376, 1991.
- 63 SILVA, Gisele Machline de Oliveira e; SCHERRE, Maria Marta Pereira. *Padrões sociolinguísticos: análise de fenômenos variáveis do português falado no Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro/UFRJ, 1996.
- 64 SILVA, Rosa Virgínia Mattos e. *Contradições no ensino de português*. 2. ed. São Paulo: Contexto, 1997.
- 65 SILVA, Vera Lúcia Paredes. Por trás das frequências. *Organon – A variação no português do Brasil*, Porto Alegre, v. 5, n. 18, p. 23-36, 1991.
- 66 _____. A relevância dos fatores internos. In: MOLLICA, Maria Cecília. *Introdução à sociolinguística variacionista*. Rio de Janeiro: Cadernos Didáticos/UFRJ, 1992. p. 33-38.

- 67 SOARES, Izabel Cristina R.; LEAL, Maria da Graça Ferreira. Do senhor ao tu: uma conjugação em mudança. *Moara*, Belém, n. 1, p. 27-64, mar./set., 1993.
- 68 TARALLO, Fernando. *A pesquisa sociolingüística*. São Paulo: Ática, 1985.
- 69 _____. *Tempos Lingüísticos: itinerário histórico da língua portuguesa*. 2. ed. São Paulo: Ática, 1994.
- 70 _____. *Fotografias sociolingüísticas*. Campinas: Pontes, 1989.
- 71 _____. Diagnosticando uma gramática brasileira. In: ROBERTS, Ian; KATO, Mary. *Português brasileiro: uma viagem diacrônica*. Campinas: UNICAMP, 1993. p. 69-105.
- 72 TEIXEIRA, Fábio Gonçalves; MASUERO, João Ricardo. *Editor e interpretador: manual de utilização*. Porto Alegre, 1996. (mimeo).
- 73 TERRA, Ernani. *Curso prático de gramática*. Ed. rev. e atual. São Paulo: Scipione, 1991.
- 74 UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ. Biblioteca Central. *Normas para apresentação de trabalhos*. 6. ed. Curitiba: UFPR, 1996. v. 2, 6, 7, 8.
- 75 VANDRESEN, Paulino. Tarefas da sociolingüística no Brasil. *Revista de Cultura*, Petrópolis, v. 8, p. 605-611, 1973.
- 76 VOTRE, Sebastião. Escolaridade. MOLLICA, Maria Cecília. *Introdução à sociolingüística variacionista*. Rio de Janeiro: Cadernos Didáticos/UFRJ, 1992. p. 75-80.
- 77 WEINREICH, Uriel; LABOV, William; HERZOG, Marvin. Empirical foundations for a theory of language change. In: LEHMANN & MALKIEL. *Directions for historical linguistics*. Austin: University of Texas Press, 1968. p. 95-188.